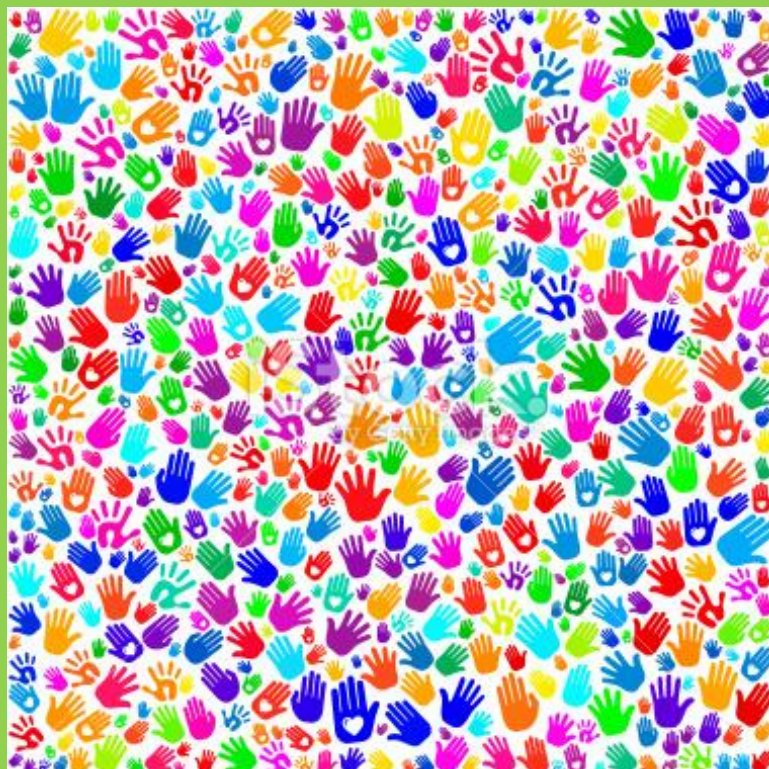


SETEMBRO *Azul*

Regina Maria de Souza
Leandro Calbente Câmara
Marisol Gosse Bergamo
Lilian Cristine do Nascimento
Daniela Rocha
(Organizadores)

DIREITOS HUMANOS EM QUESTÃO
A UNIVERSIDADE PÚBLICA PODE SE FAZER FALAR EM LIBRAS?



DIREITOS HUMANOS EM QUESTÃO
A UNIVERSIDADE PÚBLICA PODE SE FAZER FALAR EM LIBRAS?

Regina Maria de Souza
Leandro Calbente Câmara
Marisol Gosse Bergamo
Lilian Cristine Ribeiro Nascimento
Daniele Silva Rocha
(Organizadores)

DIREITOS HUMANOS EM QUESTÃO
A UNIVERSIDADE PÚBLICA PODE SE FAZER FALAR EM LIBRAS?



Faculdade de
Educação
UNICAMP

Campinas
2014

Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Organizadores do e-book

Regina Maria de Souza, Leandro Calbente
Câmara, Marisol Gosse Bergamo, Lilian
Cristine Ribeiro Nascimento, Daniele Silva
Rocha,

Comitê Executivo

Regina Maria de Souza, Lilian C.
Nascimento, Daniele Silva Rocha,
Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva

Comissão Organizadora do evento

Regiane Agrella, Otávio Bortoluzo,
Guilherme Oliveira, Elaine Andrade, Ana
Carolina Frank, Luciana Rosa, Daniela
Cury, Cintia Firmino, Maria Carolina
Bonfim, Viviane Geronymo, Marisol Gosse
Bergamo

Série: Setembro Azul; 3

Editoração e acabamento

Gildenir Carolino Santos

Revisão formal – Língua portuguesa

Leandro Calbente Câmara

Revisão

Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva,
Regiane Agrella, Regina Maria de Souza

Intérpretes

Ellen Christina Oliveira, Letícia Navero,
Aryane Santos Nogueira, Vanessa Martins

Capa

Gildenir Carolino Santos

Imagem de capa

Getty Image

Tiragem

Digital (E-book)

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

D628 Direitos humanos em questão: a universidade pública pode
se fazer falar em libras? / Regina Maria de Souza... [et al.]
(organizadores). – Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2014.
(Setembro Azul; 3)

ISBN: 978-85-7713-161-7

Textos extraídos do evento III Setembro Azul, 12 set. 2014.

1. Língua de sinais. 2. Surdos. 3. Direitos humanos.
4. Universidades e faculdades. I. Souza, Regina Maria de. II.
Câmara, Leandro Calbente. III. Bergamo, Marisol Gosse. IV.
Nascimento, Lilian Cristine Riebiro. V. Rocha, Daniele Silva. VI.
Série.

14-003

20ª CDD – 371.912

Impresso no Brasil

1ª edição - Dezembro - 2014

ISBN: 978-85-7713-161-7

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto n.º 1.825 de 20 de dezembro de 1907. Todos os direitos para a língua portuguesa reservados para o autor. Nenhuma parte da publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização por escrito do Autor. O código penal brasileiro determina, no artigo 184: "Dos crimes contra a propriedade intelectual: violação do direito autoral – art. 184; Violar direito autoral: pena – detenção de três meses a um ano, ou multa. 1º Se a violação consistir na reprodução por qualquer meio da obra intelectual, no todo ou em parte para fins de comércio, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, ou consistir na reprodução de fonograma ou videograma, sem autorização do produtor ou de quem o represente: pena – reclusão de um a quatro anos e multa. Todos os direitos reservados e protegidos por lei.

Publicação afiliada a:



→ Acesse o convite do evento em LIBRAS pelo 

SUMÁRIO

Prefácio	1
Apresentação	7
Capítulo I	
III Setembro Azul da UNICAMP “Direitos humanos em questão”: notas, recriação das palestras e debates <i>Regina Maria de Souza, Marisol Gosse Bergamo</i>	15
Capítulo II	
Direitos humanos em questão: a universidade pública pode fazer falar em LIBRAS <i>Guilherme Silva de Oliveira, Luciana Aguera Rosa, Daniele Silva Rocha</i>	42
Capítulo III	
O desafio da pessoa surda no acesso ao ensino superior <i>Marcelo Lúcio Correia de Amorim</i>	52
Capítulo IV	
Intercâmbio na Gallaudet: um relato de experiência <i>Daniela Ramalho Cury</i>	60
Capítulo V	
Literatura surda: direito de expressar as mãos literárias <i>Cláudio Henrique Nunes Mourão</i>	65
Capítulo VI	
Narrativas de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais: conquistas e desafios <i>Aryane Santos Nogueira, Vanessa Regina de Oliveira Martins, Ellen Cristina C. T. Oliveira</i>	76
Capítulo VII	
Atividade recreativa com crianças surdas no III Setembro Azul <i>Lilian Cristine Ribeiro Nascimento, Bianca Fiod Affonso, Carolina Pereira de Quevedo, Giovana Camargo Sacconi, Juliana Nagaoka de Castro, Laura Martins Fargetti, Letícia Peressinoto, Marli Miranda de Farias, Mateus Szente Fonseca, Tatiane Pinheiro de Souza</i>	86
Capítulo VIII	
Os bastidores da organização do III Setembro Azul: uma versão ouvinte <i>Mirian Lourdes F. dos Santos Silva, Elaine Andrade Peres Fernandes</i>	94

Apresentações em Power Point	102
Apresentação I	
20 décadas depois: as conquistas sociais, humanas e educacionais do povo surdo <i>Ana Regina e Souza Campello</i>	103
Apresentação II	
Direitos humanos e políticas públicas para surda <i>Roger Lineira Prestes</i>	138
Apresentação III	
Os desafios que a acessibilidade enfrenta na universidade <i>Marcelo Lúcio Correia de Amorim</i>	177
Apresentação IV	
Direitos humanos e linguísticos das pessoas surdas <i>Francisco Eduardo Coelho da Rocha</i>	189
Apresentação V	
III Setembro Azul - 2014: direitos humanos em questão; a universidade pública pode se fazer falar em LIBRAS <i>Daniela Ramalho Cury, Daniele Silva Rocha, Guilherme Silva de Oliveira,</i> <i>Luciana Aguera Rosa, Maria Carolina Bonfim, Regiane Pinheiro Agrella</i>	213
Pós-fácio	230
Sobre os Autores	235

PREFÁCIO

Ter recebido o convite para prefaciar este trabalho foi realmente uma alegria. Não uma alegria trivial, revestida de vaidade ou passageira, mas fortemente arraigada no encantamento que tenho sempre ao me deparar com a militância de surdos e de ouvintes por uma educação bilíngue justa, digna, irrestrita e de qualidade, tendo, neste ato de escrita, a possibilidade de poder me juntar aqui a esse coro. Quando os vejo, sinto que a luta pelos direitos humanos não está perdida, apesar de todo o embotamento que vez ou outra nos acomete, diante de tantas atrocidades ainda nesse sentido. É quando esse bravo coro de vozes surdas procura *tocar os indiferentes* que pensadores como Gramsci e Brecht, entre outros grandes humanistas, acusavam acertadamente por grande parte das mazelas do mundo.

Boaventura de Souza Santos (1994, 2003) já nos dizia sabiamente que um povo que clama por identidade está necessariamente sob a égide da exclusão. Quem está salvaguardado (não puramente do ponto de vista identitário, mas também ético-político), de alguma forma, só pergunta - quando não a despreza por completo - pela identidade do outro. Como compreendo, também, a identidade plural, dinâmica e em movimento do povo surdo, assim como as marcas na/da escolarização que desejam, tornam-se uma categoria política e estratégica nas relações de poder, como resistência à dominação nestes casos.

Analisar desta forma o clamor pela identidade surda e suas lutas recorrentes pelas idiossincrasias sócio-culturais possibilita a compreensão de que tal fenômeno é latente nas sociedades complexas, excludentes e hierarquizadas, como alerta Bader Sawaia (2001) sobre as parcelas da população marginalizadas. Surdos militantes, portanto, não são “segregacionistas” ou “separatistas” em suas matizes político-culturais, mas enquanto não houver equidade e justiça para com suas necessidades básicas de dignidade humana, continuarão a lutar e a marcar suas diferenças. Isso é o que já ensinou a história, mas a lição não foi aprendida pela maioria ouvinte, lamentavelmente. Erros

crassos do passado vêm à tona e se alimentam de uma força conservadora espantosa e renovada! Tais equívocos são sustentados por discursos de inclusão e igualdade (como categorias em si, portanto não concebidos a partir dos reais e cotidianos contextos da exclusão), onde o apagamento das diferenças torna-se a promessa do presente e de um breve futuro, em que a humanidade estará a salvo das relações de poder e desigualdade, quando, de fato, esse ideário parece quase imobilizar a todos pela beleza supostamente benéfica - não fosse leviana e a-histórica! - que representa. Há ainda nesse bojo os “desavisados” que acreditam defender o melhor para o outro, surdo, esquecendo-se do grito (de rebeldia, não subordinação, ou um pedido de socorro?) já dado por esse povo: *“Nada sobre nós sem nós”!*¹ De qualquer modo, os pais surdos veem acontecer o mesmo (mas de um jeito novo!) na trajetória de escolarização de seus descendentes também surdos.

Assim, ideologicamente marcado, o discurso da igualdade e da inclusão - como categorias em si - vem se revelando como a “máscara da benevolência” muito bem tratada por Harlan Lane (1992) na clássica obra homônima a essa expressão e se disfarçando ao mesmo tempo (a partir de sua origem no “prático” e cômodo descompromisso com a identidade e a dor do outro, seja de um modo “desavisado” ou não) nas políticas públicas educacionais e nas práticas cotidianas das escolas brasileiras: da educação básica à educação superior. Muito sutil ou escancarado esse ideário, como se nota, dependendo de quando, onde, por que e como se opta em olhar, os compromissos éticos que estamos desejando assumir ou não vão se revelando. Disso implicará nossas ações e o dispêndio de energia com a vida do outro, mas que também deveria ser nossa.

Muito disso já foi dito e veiculado, de forma aliás muitíssimo competente pelos acadêmicos e ativistas da causa surda! O que trago aqui é apenas essa possível afecção que se desdobra como indignação em mim, por acreditar não

¹ No capítulo I o leitor poderá revisitar, no resumo da palestra de Roger Prestes, a história no qual o lema “Nada sobre nós sem nós” emergiu em coro nas mãos de surdos e nas vozes das pessoas com deficiência. Nota dos organizadores.



termos avançado ainda no que poderíamos, com tanta informação. Mas sigamos esperançosos, lembrando das possibilidades que são desenhadas por Maria Carpi, *Nos Gerais da Dor* (1990), poetisa amiga do grande Manoel de Barros que me foi apresentada – através de sua escrita – por uma pessoa querida, quando encarávamos tempos difíceis também: “*A Dor marca a passagem para o impossível. O limite da suportaçãõ. Ali te deténs, a não ser que tu mesmo sejas o transporte.*”²

Acredito que foi assim que os ativistas surdos e ouvintes chegaram a realizar com tanto êxito o *III Setembro Azul*, neste ano de 2014 na UNICAMP. Foram o transporte de que falava o poema, numa espécie de *devoir-ativo* deleuziano. Sensíveis ao fato de que “*educar tem sido, historicamente, o meio através do qual o diferente deve ser transformado em igual para que se possa submeter, dominar e explorar em nome de um modelo cultural que se acredita natural, universal e humano*”, como alertou a antropóloga e amiga-professora Neusa Gusmão (1999, p.43). Apostaram na exaustiva tarefa de afetar (pela palavra) a comunidade para suas concepções, particularidades e desejos, para sonharem e agirem juntos (de novo, de novo e de novo...), a partir das reflexões trazidas nesses espaços.

Em tempos de nenhum constrangimento à eliminação da diferença do outro (até física), violenta-se sua alteridade, sua língua, suas ideias, seus valores e percepções; mas vozes dissonantes ainda não recuaram ao silêncio e à banalização do mal.

Num momento que se configura, portanto, em espécie de *hiato* entre essas tendências, o evento *III Setembro Azul* foi organizado com o protagonismo de estudantes surdos da Faculdade de Educação da Unicamp com cumplicidade das colegas e professoras Regina Maria de Souza, Lilian Cristine Ribeiro Nascimento e de uma equipe de organizadores que aglutinou surdos e ouvintes em um só coro. Convidados (surdos e ouvintes) se somaram a essa iniciativa, cujos bastidores foram narrados pela perspectiva ouvinte de

² Página não identificada pela autora do prefácio.

participantes de Grupos de Estudos Surdos da mesma faculdade, em artigo que aqui também se apresenta. Desta forma, os trabalhos exibidos a seguir revelam os esforços na reflexão sobre as políticas públicas necessárias para o ingresso e permanência dos surdos no Ensino Superior, principalmente (mas não só!), além de tratar de temas bastante caros à comunidade e à academia, como a literatura surda e aspectos mais amplos sobre a educação bilíngue de qualidade. Todas as palestras que versaram sobre tais temas foram proferidas (em LIBRAS) por intelectuais surdos engajados numa perspectiva crítica da surdez, da educação, e geraram debates substantivos com os participantes, com intuito de se repensar/revelar as práticas excludentes, empobrecidas ou ainda insatisfatórias nesse contexto, a partir de suas subjetividades, vivências, saberes e dos contrastes em relação às iniciativas (inter)nacionais.

Nesta obra, encontram-se ainda as reflexões de tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais sobre os desafios do/no trabalho de interpretação/tradução da LIBRAS/português e/ou do português/LIBRAS, assim como a narrativa a respeito dos eventos culturais do encontro, com a presença de vários alunos da educação básica das escolas públicas municipais de Campinas, Nova Odessa, Hortolândia/SP e até de outros estados, acompanhados de seus professores, monitores e monitoras, alunos de graduação em Letras, Estudos Literários e Pedagogia da Unicamp. Nesse cenário, crianças e adultos puderam explorar novas formas de ensino-aprendizagem, imaginação e criação, em que a língua nem sempre era comum! Um exercício de cidadania em que as diferenças se colocaram sem que se desdobrassem em desigualdades. Uma forma de possibilitar novos caminhos e bases para a *alteridade* e *mesmidade*, nas acepções de Antônio Ciampa (2002). Uma disposição a se tocar pela diversidade e pela igualdade.

Que seus saberes, aqui materializados em discursos, não sejam cooptados pelas políticas de *reconhecimento perverso*, como denominou Aluísio Lima (2010), servindo de modismos e adequação a uma sociedade impenetrável em seus ditames, ao invés de serem acolhidos como expressão de



conhecimento, sofrimento e ação. Nessa luta por ampliação de processos de reconhecimento jurídico e também afetivo/político - um modo de clamar pela forma moderna de *eticidade*, como nos lembra Axel Honneth (2003) - que suas vozes e avaliações sejam capazes de tensionar o quanto julgamos ter avançado em nossos próprios saberes e fazeres, ao longo dos últimos anos, diante do outro e de nós mesmos. Afinal, em que queremos realmente crer e nos deixar conduzir daqui em diante?

Assim, em tempos em que a luta pelos direitos humanos contra-hegemônicos enfrenta novas formas de autoritarismo - que convivem de modo confortável com regimes democráticos, como bem salientou Boaventura de Souza Santos - esta obra torna-se fundamental na compreensão e enfrentamento de disfarçadas e também expostas dinâmicas de *fascismo social*. Como nos ensina Santos (2003, p. 124), as chamadas minorias podem lutar (e lutam, como aqui se mostra!) em nome de um futuro que não é apenas delas, mas de todos: “Ao defender as suas terras e os modos de vida, estão a lutar para que o planeta não se torne inabitável em futuro próximo. Apontam para os interesses das maiorias antes de estes interesses terem maiorias para os defender”.

Campinas, 09 de dezembro de 2014.

Heloísa A. Matos Lins

(Meus sinceros agradecimentos às professoras *Regina de Souza* e *Lilian Nascimento*)

REFERÊNCIAS

CARPI, M. **Nos gerais da dor**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1990.

GUSMÃO, N.M.M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p.41-78, jul. 1999.

CIAMPA, A. C. Políticas de Identidade e Identidades políticas. In: DUNKER, C.I.L.; PASSOS, M.C. (Org.). **Uma psicologia que se interroga**: ensaios. São Paulo: Edicon, 2002.



HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

LANE, H. **A máscara da Benevolência**. A comunidade surda amordaçada. Tradução: Cristina Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. (Coleção: Horizontes pedagógicos).

LIMA, A.F. **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso**: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. SP: FAPESP, EDUC, 2010.

SANTOS, B. S. Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento. In: _____.; CHAUI, M. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Porto: Afrontamento, 1994. Cap.6.

SAWAIA, B.B. Identidade: uma ideologia separatista? In: _____. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3.ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2001.



Regina Maria de Souza

[...] a **escuta** da psicanálise encontra sua vitalidade na capacidade do analista reconhecer o valor e a **necessidade de ser ele próprio escutado, promovendo em si uma capacidade que está fora do domínio da rigidez ou da padronização, e que por isto abre vias de acesso à escuta do outro**. Assim, recupera-se no tempo de cada analista a criatividade e a vitalidade dos novos tempos inaugurados por Freud: o reconhecimento do inconsciente e dos recursos de acesso à compreensão de seus efeitos. (MACEDO; FALCÃO, 2005, p. 74, grifo meu).

O presente e-book é efeito da articulação de atividades de pesquisa e de ensino com atividades de extensão, sem priorizarmos, em mérito, uma dessas três faces que compõem a ação docente em universidade pública como é a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Em nosso campo de pesquisa, esta interface é fundamental - atividades de ensino e de pesquisa com surdos (e não sobre surdos) nos inspiram a, com eles, conferir um olhar que nos convoca a desnaturalizar a forma oral de dizer o mundo, a não enfatizar a modalidade auditiva de ver fatos cotidianos para nos centrar em um exercício de olhar, olhar este outro tão radicalmente distinto de nós que é o outro surdo. Nosso campo de pesquisa se amplia nos (des)acertos dessa (in)tensa relação surdos e ouvintes. Nessa tensão, vamos construindo um campo de pesquisa e de estudos cuja base é tão móvel quanto o olhar em movimento.

Os textos que apresentaremos ao leitor se inscrevem no campo das políticas públicas para a formação de professores bilíngues LIBRAS-Português e no da inclusão de cidadãos surdos na universidade pública. Desta vez, o diálogo foi com a UNICAMP.

Sabemos que olhar a UNICAMP como escola é tomá-la como campo onde os desafios são maximizados pela responsabilidade social que a instituição deve ter na formação de professores e profissionais para que, na escola, a



inclusão se efetive. Tomar a UNICAMP como campo de pesquisa e de atenção é nos colocar como objeto de nossas pesquisas, já que somos parte desse todo tão bem vindo em sua heterogeneidade que é a UNICAMP.

As contribuições dos autores nesse e-book, a maior parte surdos ou surdas, nos oferecem mais que saberes acumulados de pesquisadores/as e ativistas no campo da Educação de Surdos. Suas contribuições são como oferendas de sujeitos surdos que foram feitos objetos de uma formação de professores e de um modelo escolar pensados por ouvintes e falantes para sujeitos surdos; e, por falta de escuta, não raro pensados contra eles. Esta falta de escuta tem causado, ainda, sofrimentos e a evasão escolar do povo surdo. Este sofrimento, que alimenta a evasão escolar, cria sérios obstáculos para que tenham acesso ao ensino superior público. Os textos, presentes nesta obra, são propositivos vindos de quem registrou - e registra - corporal, social e psiquicamente a experiência de conviver em um mundo que está perdendo a habilidade de escutar *aquele que não é igual a si mesmo*. Para nós, esta escuta é crucial para nos mantermos em formação permanente como acadêmicos que também somos.

No rastro desse princípio ético, Lilian Cristine Ribeiro Nascimento e eu coordenamos, em 2014, o Projeto "Diferenças e Subjetividades em Educação: práticas didáticas no ensino bilíngue para surdos" (CAPES PE 1425/2013). Nesse projeto, o foco principal é a escuta dos professores em seus dilemas cotidianos, com a intermediação de práticas concretas, que, supomos, possam lhes oferecer ferramentas para criarem contextos nos quais ensino e conhecimento possam ser talhados pelo aluno surdo em relação com eles professores, ou com elas professoras. Envoltos nesta inspiração, apostamos que os/as educadores/as possam tornar mais afetivas as buscas de respostas no dia a dia de seus fazeres docentes na escola. Como participantes desses encontros, refazemos as propostas iniciais de modo que cada oficina pensada seja fruto de um trabalho coletivo. O projeto oferece oficinas a professores surdos, a professoras surdas, a professores e professoras ouvintes. Algumas das oficinas

são: ensino de Português em contexto bilíngue; ensino de Matemática em LIBRAS; oficina de Tradução e Interpretação em LIBRAS (TILS); didática e metodologia para o ensino de Ciências na educação de surdos.

O projeto se iniciou este ano e terminará em 2015. Com ele, observamos as escolas com os olhares que seus protagonistas nos trazem. Além do acompanhamento que fazemos da situação nacional, constatamos situação similar em nossa região, a saber: a) a angústia de professores sem formação suficiente em LIBRAS para propiciar um ensino a seus estudantes surdos/as em igualdade de condições com seus pares ouvintes; b) as incertezas de tradutores e intérpretes de LIBRAS sem certificação adequada para o exercício tradutório, sem conhecimento básico em tradução e interpretação, com dificuldades – eles mesmos – na disciplina em que realizam tradução ou tendo seu trabalho remunerado por contratações precárias, sem direitos trabalhistas plenos; c) o grande interesse dos/as professores/as em se capacitar adequadamente, ou seja, em se tornar bilíngue, todavia, sem o apoio devido ou programas de formação de capacitação em Educação Bilíngue – eles já sabem que pouco lhes serve realizar cursos *express* de LIBRAS (de 30, 80, 120, 180 horas etc). Sabem que aprender uma língua não é algo que se reduza a informações elementares sobre o sistema linguístico e/ou sobre manejos discursivos nessa língua; d) está muito claro para nós as desvantagens expressivas de aquisição de conhecimento dos alunos surdos em relação a seus pares ouvintes, em parte, porque professores e pedagogos estão despreparados para alfabetizar em duas línguas (LIBRAS e Português) ou, mesmo no caso de crianças em processo de oralização, em lidar com o descompasso entre o português oral e o processo de aquisição da escrita.

A análise de leis e decretos dos últimos 15 anos demonstra que, se seus termos tivessem sido colocados em prática, aquelas dificuldades já deveriam estar superadas.

Atualmente, o Estado busca promover a formação de professores e pedagogos bilíngues pelo Programa Viver Sem Limite (Decreto 7.612/2011).

Antes dele, uma ação formativa se deu em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Projeto Letras-LIBRAS - do qual a UNICAMP participou com o inestimável trabalho de uma equipe local exemplar de profissionais. A profa. Lilian Nascimento também esteve comigo nesta ação. Por este projeto, refiro-me ao Letras-Libras, obtivemos bolsas CAPES. Atualmente, estou envolvida com o projeto Pedagogia Bilíngue sob a Coordenação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O Curso de Pedagogia Bilíngue é uma ação possível por conta de recursos advindos do Programa Viver sem Limite. Atualmente, está em fase de consolidação dos pólos que farão parte dele.

Vale a pena pontuar que a participação da UNICAMP no projeto UFSC Letras-LIBRAS possibilitou significativo aumento de universitários surdos brasileiros. Segundo dados do INEP, eram 444 surdos sinalizantes no ensino superior em 2007. Esse número saltou para 1895 em 2009 pelo esforço articulado de 15 universidades públicas que foram pólo da UFSC, dentre elas a UNICAMP, que finalizou o projeto em novembro de 2012 (MACHADO, 2013).

Os resultados dessa ação conjunta ainda merecem maior análise. Todavia, depoimentos de surdos em redes sociais e manifestações da Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS) apontam para o fato de que professores surdos licenciados tendem, ainda, a serem preteridos por professores ouvintes em situações de concurso público para o ensino de LIBRAS. Compreensível, sem dúvida, posto que a presença de um docente surdo em instituição escolar, via de regra, gera uma salutar desorganização de práticas enrijecidas, silenciosas e quase invisíveis de exclusão. Este motivo é um, dentre outros, que nos moveu a organizar em todo mês de setembro - desde 2011 -, o Setembro Azul da UNICAMP. Estamos na terceira edição em nossa universidade, sendo a primeira que conseguimos financiamento. Em todos os eventos passados, contamos com a liderança inestimável de parceiros/as surdos/as, especialmente, de Guilherme Oliveira (que foi o primeiro a me incentivar a iniciarmos a organização do I Setembro Azul da

UNICAMP), de Regiane Agrella (que esteve conosco também nas edições anteriores) e, este ano, somou-se Daniele Rocha, que esteve presente desde a elaboração do projeto do presente evento. A eles, somaram-se outros atores/as surdos/as, também palestrantes ou membros da organização. Contribuições pontuais de outros/as companheiros/as surdos/as reforçaram a equipe ao qual se compôs com a atuação comprometida de um grupo de vigorosos/as apoiadores/as ouvintes que se dividiram em diversas frentes de trabalho, como se registrou neste e-book.

Um evento para os outros e para nós mesmos como sujeitos em formação contínua com esse outro Surdo e como pesquisadores e docentes de uma das melhores universidades do Brasil.

Não perdemos de mira o que nos move para tal iniciativa. De fato, não esquecemos que documentos da FENEIS ao Ministério da Educação apontam que as ações de inclusão de surdos em escolas lusófonas se intensificam ao mesmo tempo em que são postas em marcha ações de fechamento, desativação ou falta de incentivo (em infra-estrutura humana e física) às escolas bilíngues ou às classes bilíngues em escola polo. (FENEIS, 2011).

Lamentavelmente, a situação não se modifica no ensino superior. De acordo com o último censo do INEP, realizado em 2012, de 1,1 milhão de surdos tem-se que 0,14% estão em universidades. (Cf. MEC – GT LIBRAS: Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias números 1.060/2013 e N. 91/2013. Brasília, fevereiro de 2014. Disponível no Sistema de Biblioteca Digital da UNICAMP. Código: 56.513¹).

A situação acima foi mais uma das variáveis que nos motivou a promover o III Setembro Azul da UNICAMP e a definir sua temática. De fato, este ano elegemos o tema “*Direitos Humanos em Questão: a Universidade Pública pode se fazer falar em LIBRAS?*” no qual pesquisadores surdos escutaram o pró-reitor de graduação, Luís Alberto Magna, e os esforços atuais da UNICAMP

¹ Esses dados podem ser consultados em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>>

para minimizar os efeitos da falta de formação de docentes bilíngues, de programas de acesso e permanência de surdos na universidade, de ações que permitam a formação universitária de estudantes surdos e iniciativas de inclusão universitária. Os demais participantes desta obra dialogaram com o professor Magna e nos brindaram com debates e conversas de grande importância atual. Abaixo o crédito a cada um desses colegas e companheiros surdos com a conversa, ou palestra, que nos brindou:

- Profa. Ana Regina Campello elegeu o tema: "Vinte décadas depois: as conquistas sociais, humanas e educacionais do Povo Surdo";
- Prof. Roger Lineira Prestes conversou com o público sobre "Direitos Humanos e Políticas para Surdos";
- Prof. Cláudio Henrique Nunes Mourão, conhecido carinhosamente por Cacau Mourão, se fez em poema com "Literatura Surda: direito de expressar as mãos literárias";
- Prof. Marcelo Lúcio Correia Amorim enfrentou o tema que nos move: "Inclusão em universidades públicas";
- Prof. Francisco Eduardo Coelho da Rocha nos mobilizou a pensar nos "Desafios em tempos de inclusão de surdos em universidades"

Um debate sério se instalou em uma mesa de conversa a que se deu o mesmo título do evento, qual seja: "Direitos Humanos em questão: a universidade pública pode se fazer falar em LIBRAS?". Participaram: os professores e as professoras Daniele Rocha, Luciana Aguera, Guilherme Oliveira, Maria Carolina Bonfim, Daniela Cury e Regiane Agrella.

Durante o evento a arte surda se fez no Teatro da Cia Mãos de Fada e nas mãos de Cláudio Henrique Nunes Mourão. Nos bastidores, o trabalho sério e competente de Lilian Cristine Nascimento (responsável comigo em cada decisão e escuta recíprocas), Daniela Rocha, Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva, Regiane Agrella, Otávio Bortoluzo, Guilherme Oliveira, Ana Carolina Frank, Elaine Andrade, Luciana Rosa, Daniela Cury, Cintia Firmino, Maria

Carolina Bonfim, Viviane Geronymo e Marisol Bergamo. Concederam voz às pessoas surdas e mãos às pessoas ouvintes as intérpretes e tradutoras LIBRAS-Português: Ellen Cristina Oliveira, Letícia Navero, Aryane Santos Nogueira e Vanessa Martins. Essa festa de vozes e mãos aconteceu com o apoio da Associação de Docentes da UNICAMP (ADUNICAMP), que nos cedeu espaço e acolhida parceira em seu confortável auditório. Como nada se faz sem recursos, como já mencionado anteriormente, os subsídios necessários foram obtidos pelo Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão (FAEPEX) ligado à Pró-reitoria de Pesquisa da UNICAMP via submissão de projeto (Solicitação 73.714/2014) por uma das mãos desse conjunto. Na trama textual necessária para moldar a solicitação FAEPEX, reconheço a parceira competente, ágil em raciocínio, tenaz e prática em encontrar soluções na presença de Daniela Rocha.

Ao final dessa obra evento, fica em nós a sensação alegre que muito caminhamos nesses últimos 12 anos após a promulgação da Lei da LIBRAS (Lei 10.436/2002), e uma angústia boa que nos move a superar o fato de que a universidade pública, via de regra, não consegue se fazer falar em LIBRAS. O encantamento que o português produz - em nós e sobre nós - ainda ofusca essa outra língua chamada LIBRAS, e esse encantamento ainda nos faz insistir nas abordagens lusófonas e grafocêntricas em português. Este encantamento alicerça uma política linguística que está longe de ser uma política que, no final das contas, considera em sua radicalidade o que está muito bem expresso na Lei 10.436/2002 e no decreto que a regulamentou (Decreto 5.626/2005). Talvez nos falte a escuta de nós mesmos... e por não nos escutarmos a nós mesmos não conseguimos nos colocar na *dis-posição* de escutar o surdo em sua desejante demanda de se fazer falar e ter escuta em LIBRAS.

Agradecimento

À professora Jocinara Lopes de Oliveira por suas memórias anotadas que permitiram recontar as palestras e os debates ocorridos durante o dia 12 de setembro no evento que gerou a edição do presente e-book.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626/2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 4 nov. 2014.

BRASIL. **Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011**. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm>. Acesso em: 4 nov. 2014.

BRASIL. **Lei 10.436/2002**. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 4 nov. 2014.

FENEIS. **Carta-denúncia** (Carta dos surdos falantes da língua brasileira de sinais (LIBRAS) ao Ministério Público Federal sobre a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva imposta à educação de surdos pela Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação). Rio de Janeiro: Feneis, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=m4j8OQhpxgA>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, ano IX, n. 15, p. 65-76, jan./jun. 2005.

MACHADO, Eliseu José. **Formação de professores em Libras para a inclusão dos surdos na escola**. A contribuição do curso de pedagogia e da Universidade Estadual de Campinas. 2013. 1 CD-ROM. Trabalho de Conclusão do Curso (Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000907184>>. Acesso em: 4 nov. 2014.

CAPÍTULO 1

**III SETEMBRO AZUL DA UNICAMP “DIREITOS HUMANOS EM
QUESTÃO”: NOTAS E RECRIAÇÃO DAS PALESTRAS E DEBATES**

*Regina Maria de Souza
Marisol Gosse Bergamo*

- **Abertura:** *Luís Alberto Magna*²

A mesa de abertura foi composta pelos convidados:

Professor Luís Alberto Magna

Professora Ana Regina e Souza Campello

Professora Lilian C. Nascimento

Durante a abertura, a professora Lilian agradeceu a presença de todos, cumprimentou os membros da mesa e destacou a importância do momento. Ela também enfatizou a liderança da professora Regina Maria Souza para que o evento se tornasse possível³, uma vez que este é o terceiro ano que ocorre o evento, com o empenho da professora Regina. Em seguida, concedeu a palavra aos membros da mesa para que se apresentassem.

¹ **Notas preliminares:**

a - Com exceção do Professor Luís Alberto Magna todos e todas palestrantes do III SETEMBRO AZUL DA UNICAMP “Direitos humanos em questão: a universidade pública pode se fazer falar em LIBRAS?” eram surdos/surdas e palestraram em LIBRAS, com tradução para o português realizada por revezamento de 4 Tradutoras e Intérpretes de LIBRAS (TILS). Estas TILS foram escolhidas pelos surdos da organização do evento. Boa parte dos palestrantes disponibilizou os slides que elaboraram para apresentarem suas palestras. Esses slides estão no presente e-book conforme facilmente se localiza no índice da presente obra. Cabe esclarecer que o presente capítulo foi escrito a partir das anotações realizadas por Marisol Gosse Bergamo durante todo o evento, também gravado em áudio e vídeo. O texto, aqui apresentado, não é o texto original apresentado por cada um, ou cada uma, dos/das palestrantes e muito menos a transcrição das filmagens realizadas. ***Mais apropriadamente este capítulo deve ser entendido como um trabalho de recriação das palestras e debates havidos.*** Por isto, este capítulo foi enviado a cada palestrante para verificar se autorizava nossa narrativa, nosso olhar e nossa escrita sobre o que brindaram, a nós, com suas reflexões. Agradecemos a autorização recebida pelos personagens que povoaram o presente capítulo.

b- O III Setembro Azul da UNICAMP do qual este e-book é também uma forma de registro, ou de memória, foi possível graças a financiamento obtido junto ao FAEPEX (AUX Nº 73.714/2014). O local do evento foi cedido gentilmente pela Associação de Docentes da UNICAMP (ADUNICAMP) e ocorreu no auditório desta entidade de classe em 12/09/2014.

² Pró-reitor de Graduação da UNICAMP.

³ Professora Lilian referia-se também a obtenção de recursos via FAEPEX para a cobertura de custos do evento. Solicitação 73.714/2014.

O professor Luís Alberto Magna iniciou sua fala destacando a importância do Evento Setembro Azul e da honra de ter sido convidado pela organização. Lembrou o seu trabalho enquanto Diretor da Faculdade de Ciências Médicas e do trabalho que era desenvolvido pelo Centro de Reabilitação Professor Gabriel Porto (CEPRE) no atendimento aos "deficientes auditivos e visuais"⁴; lembrou do trabalho da professora Regina Maria de Souza, quando era docente do CEPRE, bem como o da professora Angélica Bronzatto e de outros funcionários que trabalharam para ampliação dos serviços daquele Centro de Reabilitação, que passou a ser um centro específico da Faculdade de Ciências Médicas após a aprovação de seu Regimento Interno pelo CONSU na década de 90.

O professor Magna destacou o seu envolvimento na campanha do atual reitor, professor José Tadeu Jorge, e do seu compromisso em tornar a UNICAMP uma universidade capaz de promover a inclusão em todos os níveis, não só a inclusão material, mas também a inclusão plena àqueles que requerem ações específicas para que possam desenvolver plenamente seu potencial profissional e de conhecimento nas questões acadêmicas, quer como alunos dos cursos de graduação, quer como jovens colegas na pós-graduação, no mestrado e doutorado, e, futuramente, espera tê-los incluídos também no quadro docente da universidade.

O professor Luís Alberto Magna afirmou que algumas ações já estão sendo realizadas para a inclusão plena dos alunos com deficiência, mas que outras ações ainda necessitam de um estudo mais detalhado. Em relação ao ingresso dos surdos na Pós-graduação, Mestrado e Doutorado, reconhece o fato de que a primeira língua para os surdos é a LIBRAS e, por assim considerá-la, vem realizando conversas com a professora Rachel Meneguello, Pró-reitora de Pós-graduação, no sentido de se adotar, na UNICAMP, no caso de candidato surdo, o português como segunda língua nas provas de proficiência em língua estrangeira nos cursos de mestrado ou de doutorado; no caso de estudantes surdos de doutorado sua sugestão à Pró-reitoria de Pós-graduação é a de que possam realizar a prova de proficiência de

⁴ Foram colocadas entre aspas as nomenclaturas utilizadas pelos palestrantes.

português, como segunda ou terceira língua, se o estudante surdo já tiver demonstrado proficiência em outra língua, que não o português, à época em que realizou o mestrado.

Sobre a ausência de Tradutor e Intérprete de LIBRAS (TILS), neste ano, em várias aulas em que havia estudantes surdos regularmente matriculados, o professor Magna expôs a dificuldade de contratação em decorrência da proibição de contratação efetiva e definitiva próximo ao período eleitoral e destacou que algumas situações de concursos públicos, que foram realizados neste ano eleitoral, foram situações de exceção e que a falta de intérprete acarreta graves prejuízos aos estudantes surdos.

Diante da dificuldade de contratação por concurso público em período eleitoral, o professor Magna divulgou que a UNICAMP está abrindo processo seletivo para Tradutor Intérprete de LIBRAS em caráter emergencial e, posteriormente, realizará um concurso para admissão de tradutores e intérpretes de “linguagem” de sinais com carga horária de 40 horas semanais. A admissão se dará por meio de banca composta por surdos, intérpretes de LIBRAS e ouvintes fluentes em LIBRAS. Os candidatos deverão comprovar legalmente fluência em LIBRAS (PROLIBRAS/MEC) e, se aprovados no concurso, farão parte da Central de Intérpretes da UNICAMP.⁵

Enfatizou que, diante da necessidade de infraestrutura para que os surdos possam participar plenamente das aulas, a Faculdade de Educação irá prover equipamentos de filmagem das aulas para que os mesmos possam estudar, reverem as aulas e não serem prejudicados na hora de fazer suas anotações da lousa. Destacou outras ações em andamento, como a introdução da disciplina de LIBRAS

⁵ À época da publicação deste e-book, o concurso anunciado em setembro pelo Pró-reitor de Graduação já havia ocorrido, tendo sido efetivada a contratação da única candidata que optou por ser contratada pela UNICAMP. Vale explicar que o edital do concurso emergencial para TILS pela UNICAMP previa, no perfil, que o candidato tivesse nível médio e a complexidade da atuação do trabalho foi considerada de nível C, o que estabelecia um piso salarial pouco atrativo se considerarmos que candidatos aprovados não compareceram para assinar o contrato temporário com a UNICAMP. Eram 3 vagas: apenas uma foi preenchida.

nos cursos de licenciatura, pedagogia, fonoaudiologia. A disciplina já existe na pedagogia e na fonoaudiologia e deverá ser implantada formalmente como disciplina obrigatória, a partir do ano que vem, na Faculdade de Ciências Médicas, na Faculdade de Educação e no Instituto de Estudos da Linguagem, como previsto no Decreto 5.626/2005.

Concluiu que todos os setores na UNICAMP estão empenhados em ajudar. Como exemplo da articulação de esforços institucionais, mencionou que o diretor da Faculdade de Educação, professor Luiz Carlos de Freitas, já repassou à DLIE - Diretoria de Logística e Infraestrutura de Ensino -, órgão da Pró-reitoria de Graduação -, o equipamento para as filmagens das aulas e a disponibilização das filmagens produzidas na CâmaraWeb da UNICAMP, o que vem sendo feito rotineiramente pelo webmaster da Pró-reitoria de graduação.

- *Apresentação da Professora Ana Regina e Souza Campello*

A professora Ana Regina agradeceu a presença de todos. Enfatizou a satisfação de ver cidadãos ouvintes e cidadãos surdos juntos e que isso demonstrava que os ouvintes consideram que os surdos são igualmente capazes e lutam juntos pelos mesmos interesses no que se refere à justiça social, buscando melhorias para a educação dos surdos em todos os níveis de ensino.

- *Início do debate entre o público e o Professor Magna*

- **Intervenção de Lilian Cristine Nascimento** - Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP e membro do Comitê Executivo do presente evento.

A professora Lilian agradeceu as colocações dos convidados e anunciou o início do debate referente à exposição anteriormente feita pelo professor Magna. Iniciou o debate propondo uma questão para o professor Luis Alberto Magna. Solicitou que discutisse o ingresso dos surdos nos cursos de graduação da UNICAMP e questionou se os surdos poderiam contar, no futuro, com um vestibular adaptado.

Em sua resposta, o professor Magna fez um apelo aos presentes para aqueles que conhecessem algum intérprete entrassem em contato com a Pró-reitoria de Graduação, enviando um e-mail para a reitoria. Em seguida, explicou as dificuldades de fazer as contratações temporárias por prestação de serviço sob demanda, dizendo que haveria um processo seletivo emergencial e, em seguida, um concurso público para tradutores e intérpretes. Ressaltou a necessidade de compor um quadro de possíveis intérpretes, formando uma Central de Intérpretes de “linguagem de sinais”, para atuarem em sala de aula e eventos.

Quanto ao vestibular, o professor Magna ressaltou que, embora não haja muita divulgação, existe uma comissão permanente que trabalha no vestibular da UNICAMP (COMVEST). Essa Comissão também atende as necessidades dos candidatos que apresentam alguma dificuldade ou requerem acessibilidade específica, inclusive, como é o caso dos candidatos surdos. Entretanto, para que os candidatos surdos sejam atendidos é preciso que informem à Comissão de Vestibular de suas necessidades, para que sejam providenciadas as medidas cabíveis pela COMVEST. Enfatizou que, com a implementação do Serviço de Tradutor e Intérprete na UNICAMP, a perspectiva é que o número de alunos surdos aumente. Lembrou que o aluno surdo, quando incluído na UNICAMP, requererá da UNICAMP condições para se desenvolver e permanecer no curso no qual escolheu para se formar. Destacou ser esta a garantia na qual está trabalhando, qual seja, para que o aluno, no caso surdo, tenha assistência simultânea de intérprete nas aulas. Segundo ele, estas ações combinadas com a publicidade atrairão mais alunos surdos para os diferentes cursos de graduação da universidade.

- **Intervenção da Sra. Flávia** - Município de Piracicaba – Tradutora e Intérprete de Libras (TILS) da Prefeitura – Ensino Fundamental

Inicialmente relatou sua experiência como TILS, na faculdade X, e as dificuldades que enfrentava na correção de provas e trabalhos dos alunos surdos, principalmente em relação à monografia de final de curso. Questionou se “na

UNICAMP oferecem um apoio para os surdos que apresentam dificuldades com a escrita do português”.

O professor Magna respondeu que a pergunta era específica e por isso a professora Lilian responderia e aproveitou para divulgar que a UNICAMP tem também outras unidades de ensino, como o COTUCA, que é um colégio técnico vinculado à UNICAMP; o COTIL, em Limeira; em Piracicaba, destacou que a Faculdade de Odontologia presta serviços odontológicos a pessoas com deficiência e apontou que o serviço é bastante procurado; ressaltou o trabalho de Aryane Santos Nogueira (intérprete de LIBRAS/Língua Portuguesa) na área de odontologia e concluiu que, até o final do mandato do professor Tadeu, a universidade conseguirá estabelecer outras ações positivas voltadas para a inclusão plena, ou próxima disso, dos surdos.

- **Comentário da Professora Ana Regina e Souza Campello** - Presidenta da Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS) e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A professora Ana Regina manifestou-se afirmando que todos os professores que analisam textos redigidos por alunos surdos deveriam ser profissionais de Letras e conhecedores da estrutura da escrita dos surdos para entender e fazer a transcrição do que o surdo escreveu. Segundo ela, o avaliador precisaria conhecer a estrutura gramatical e os mecanismos discursivos das duas línguas, LIBRAS e Português, a fim de identificar os efeitos das duas estruturas e características discursivas sobre a escrita do aluno surdo. Enfatizou a necessidade do intérprete e do professor de Português serem formados em LIBRAS em curso superior para ensinar o surdo a distinguir aqueles efeitos sobre sua escrita e, assim, ampliar suas possibilidades de leitura e escrita em português. Lembrou que a portaria 3.284, de 7 de novembro de 2003, em seu artigo 2, item III, não está sendo respeitada e deveria ser cobrada pelo movimento surdo, especialmente no que concerne à acessibilidade em LIBRAS em provas e concursos e às recomendações para a correção de textos, escritos em português, de alunos surdos.

- **Contribuição de Vanessa Martins** - Professora bilíngue Português-LIBRAS e TILS

Vanessa concordou com as colocações da professora Ana Regina. Enfatizou que a escrita do surdo precisa ser entendida como efeito de um conjunto de variáveis, em especial, se for considerada a LIBRAS como a língua primeira dos surdos. Nesta direção, questionou como ficaria a situação dos surdos que buscam ingresso pelo vestibular da UNICAMP, uma vez que eles têm que se haver com a prova em Português. O TILS é visto como a solução única, pela UNICAMP, mas raramente os TILS têm formação em todas as áreas disciplinares que precisam traduzir no vestibular. Os TILS podem saber LIBRAS, mas não sabem quase nada da área a ser traduzida ou não entenderem o assunto que estarão traduzindo ou não dominarem o jargão em LIBRAS específico de cada área de conhecimento. Segundo ela, o ideal seria a UNICAMP pensar na possibilidade de realizar uma versão em LIBRAS do vestibular.

- **Professor Magna respondeu**

Afirmou que fez a "solicitação para que avaliassem os procedimentos para o ingresso dos surdos na UNICAMP" e ressaltou que é uma questão que precisa ser cobrada pelos surdos.

- **Contribuição da Professora Lilian Nascimento**

Lilian explicou ao público que há dois alunos surdos (uma mulher e um homem) no Mestrado e outra aluna no Doutorado. Acrescentou que o orientador acaba somando ao trabalho de orientação também a tarefa de ajudar o surdo a compreender melhor a língua portuguesa. O orientador ou a orientadora acaba necessitando fazer as correções necessárias, explicando-as ao orientando surdo, não havendo suporte institucional ao estudante surdo no que se refere a ampliar seus conhecimentos em português. Chama atenção para a importância de que este trabalho de leitura do texto do orientando surdo seja realizado em conjunto, ou

também, pelos intérpretes. Finalizou dizendo que uma medida que os orientadores de alunos surdos tomaram foi que a tese possa lhes ser entregue em LIBRAS com tradução legendada para o português, ou em português com tradução para a LIBRAS.⁶

Com a intervenção da professora Lilian, o debate com o professor Magna foi finalizado.

- **Palestra da Professora Ana Regina e Souza Campello** - Diretora Presidenta da FENEIS
- Tema da palestra: "20 décadas depois: as conquistas sociais, humanas e educacionais do Povo Surdo".

A professora Ana Regina lembrou o histórico de luta pelos surdos e ilustrou a sua apresentação com várias reportagens realizadas pelo Jornal FENEIS. (Neste e-book o leitor poderá ter acesso aos slides apresentados pela professor Ana Regina Campello durante o evento.)

Afirmou que somente depois de passadas 20 décadas notam-se os efeitos das lutas empreendidas pelo Movimento Surdo com algumas conquistas importantes do povo surdo, nas áreas humanas e educacionais.

Relembrou as dificuldades que tiveram em fazer tramitar na Câmara e no Senado, desde os idos de 1980, a lei que reconheceria a LIBRAS como a língua do povo surdo; a celebração que foi tal reconhecimento em 2002 com a assinatura da Lei 10.436/2002 e destacou a participação da FENEIS nos movimentos políticos. Lembrou as mobilizações realizadas, as passeatas e o ativismo tenaz nas várias esferas políticas para reivindicar o direito e o cumprimento das leis de acessibilidade, tais como: a janela com intérpretes de LIBRAS nos programas de TV; a presença de TILS capacitados em todos os níveis de ensino; o direito à educação

⁶ Esta política não foi institucionalizada ainda pela UNICAMP tendo sempre que ser acordada com a Comissão de Pós-graduação local.

bilíngue tendo a LIBRAS como L1, ou seja, como língua de instrução curricular, e o português como L2. Além disso, lembrou a participação política da FENEIS no Senado para a aprovação da Meta 4 do PNE (Plano Nacional de Educação), tal como foi aprovada pela Câmara dos Deputados; a presença firme e coesa na CONAE (Conferência Nacional de Educação) etc.

Apesar das conquistas - decorrentes da força de lideranças surdas e também de apoiadores ouvintes junto ao Movimento Surdo - dentre elas, o lançamento de cursos como o Letras LIBRAS para formar educadores surdos para o ensino de LIBRAS e os cursos de Pedagogia Bilíngue, para formar pedagogos bilíngues LIBRAS - Português, Ana Regina enfatizou que ainda há muitas conquistas para serem efetivadas, dentre elas: a presença de TILS capacitados tecnicamente e com nível superior nas escolas de todos os graus; a contratação de surdos qualificados para o ensino de LIBRAS nas universidades e na educação básica.

Concluiu com um apelo à comunidade surda, para que os surdos não ficassem invisíveis, isto é, segundo ela, eles precisam aparecer e se organizar politicamente. Devem estar por dentro das leis para saber o que é certo como conquista, tornando-se líderes surdos com conhecimentos históricos sobre assuntos políticos e capazes de se articular com as estratégias do Movimento Surdo Brasileiro. Outra frente a ser ampliada é a da formação de pesquisadores surdos. As distintas esferas do Movimento Surdo necessitam de surdos mestres e doutores, como os que estão atualmente se formando na UNICAMP. Para isto, é necessário que pesquisadores ouvintes aceitem orientá-los. A formação de mestres e doutores surdos é uma necessidade para, entre outras coisas, a consolidação de grupos de estudos surdos etc.

Finalmente, enfatizou a heterogeneidade presente no Movimento Surdo e a importância de se ampliar os horizontes para se acolher as demandas dos surdos negros, dos surdos cegos, das mulheres surdas etc. e formar líderes nesses universos. Lembrou que estas experiências aglutinam as reivindicações e análises centradas na sensibilidade e nas experiências visuais e/ou na inscrição da LIBRAS como o elo

fundamental que une estes diferentes sujeitos surdos, como vem propondo a professora Gladis Perlin.

- **Palestra Professor Roger Prestes**
- Tema: “Direitos Humanos e Política Pública para Surdos”.

Roger apresentou-se como assessor da Deputada Federal Maria do Rosário e Presidente do "Conselho Estadual de Direitos da Pessoa com Deficiência - CODEPED" do Rio Grande do Sul. Discursou sobre os Direitos Humanos e Políticas Públicas para surdos. Iniciou sua fala com a frase “NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS”, lema utilizado mundialmente pelas pessoas com deficiência. Explicou que este lema foi usado pela primeira vez na África do Sul, durante o regime do *APARTHEID*, no final dos anos de 1980. À época, os ativistas negros e sul-africanos aproveitaram o movimento *anti-apartheid* para lutar também pela igualdade de condições e de justiça social para as pessoas com deficiência. A política do *apartheid* agravava as práticas discriminatórias contra os grupos surdos ou com deficiência e, assim, dava visibilidade social à discriminação e às desigualdades impostas às pessoas com deficiência. De lá para cá, este lema foi apropriado por todos os movimentos políticos das pessoas surdas e com deficiência em prol de maior igualdade de condições e de exercício da cidadania.

Roger lembrou as conquistas já expressas pela Constituição Federal, em especial, os direitos de igualdade, de livre manifestação do pensamento e de obrigatoriedade da acessibilidade para que as pessoas com deficiência participem ativamente na sociedade e avaliem os rumos da política nacional para a inclusão em todos os setores, como por exemplo, na educação, na saúde e no trabalho. Discorreu sobre a importância das pessoas surdas participarem das articulações políticas das lideranças nacionais e nos conselhos, fóruns, conferências e em eventos regionais sobre Direitos Humanos e Pessoa com Deficiência ou surda.

O professor Roger citou o artigo 24 da Convenção Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, realizada em Nova York, organizada pela ONU. Enfatizou que no

artigo 24 está claro o direito da pessoa com deficiência de ter garantida a acessibilidade na esfera educacional, de ter autonomia, liberdade de expressão, de os surdos terem o direito de estudar em escolas bilíngues, de terem professores bilíngues LIBRAS - Português para ensiná-los. Lembrou que a Convenção de Nova York tornou-se emenda constitucional com a promulgação do Decreto 6.649/2009.

Roger enfatizou que, mesmo que governos estaduais e municipais não concordem, os surdos devem assumir suas escolhas e ter o controle da situação, mantendo pressão política e exercendo permanentemente o ativismo. Para ele, essas práticas têm como efeito o empoderamento dos surdos pelos surdos.

Em seguida, retornou discutindo a força da expressão: NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS - NADA. Isto quer dizer que, segundo ele, nenhuma lei ou prática deve ser exercida sobre os surdos sem que as entidades de representação dos surdos ou sem que os surdos organizados tenham sido convocados para participar da redação da lei ou da efetivação de uma prática.

Concluiu sua fala apresentando o PROGRAMA VIVER SEM LIMITE, que faz parte do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Destacou que este projeto foi criado com a participação ativa da Deputada Federal Maria do Rosário para apoiar as Instituições Federais de Ensino Superior que queiram tomar para si a formação de professores surdos e ouvintes em Letras para o ensino de LIBRAS, de pedagogos bilíngues; ou para apoiar organizações e setores que tomem para si o projeto de colocar em marcha programas para a garantia de direitos humanos fundamentais. Enfatizou que essas ações estão beneficiando milhões de pessoas com baixa renda, ao possibilitar seu acesso à educação e à inclusão social. Segundo ele, os recursos alocados no Programa Viver Sem Limite podem ser destinados a todos os estados a partir do envio de propostas e projetos à Secretaria de Direitos Humanos. Neste sentido, fez um apelo para que os gestores realizem tais projetos: "cobrem o compromisso e a verba existente para o Programa para que seja utilizada para executar as ações destinadas ao objeto principal da medida governamental que é possibilitar ao surdo e a pessoa com deficiência VIVER SEM LIMITE."

- **Debate da platéia com Roger Prestes e Ana Regina e Souza Campello**
- **Intervenção da Senhora Vanessa Martins**

Pergunta à mesa: Como articular a Educação de Surdos fora do campo da Educação Especial?

Resposta da Ana Regina e Souza Campello: Iniciou sua resposta lembrando que a Língua de Sinais é uma língua e que isso já foi provado cientificamente por estudos linguísticos que se avolumam desde 1960 e endossam esta condição: a língua de sinais é uma língua.

Para ela, atualmente existem vários programas de apoio à pessoa com deficiência na esfera da educação especial. Mas se a LIBRAS é uma língua, condição que já foi aceita pelo Estado Brasileiro, os surdos têm direitos linguísticos que devem se projetar nas práticas escolares. As escolas de surdos bilíngues são e devem ser entendidas como escolas regulares, não como um campo da "educação especial", cuja história de emergência se vincula à Medicina. Lembrou que já há surdos mestres e doutores e explicou que agora está acontecendo uma mudança de olhar, o foco agora está na LÍNGUA DE SINAIS (ênfase da palestrante), e não mais na deficiência entendida como falta, como ausência de um sentido, que é a audição, mas como presença forte do olhar e da possibilidade de construir leituras do mundo pelo olhar em LIBRAS. Isto é uma abordagem diferente da existente, que pensa a escola bilíngue fora do campo da educação especial, tributária da medicina, para se inserir no campo da linguística, que é a área onde se estuda e se tem como tema a Educação Bilíngue. Esta é a proposta apresentada pelos surdos ao MEC, que aguardam sua aprovação para saírem do grupo da deficiência no que tange às ações de transformação necessárias na escola, ainda marcada pelo discurso da inclusão do deficiente como sujeito com uma falta em relação aos seus pares, e pela apologia ao desenvolvimento da tolerância, pelos estudantes sem deficiência, àqueles com deficiência. Segundo ela, está na hora de a linguística participar mais ativamente

dessa nova história da educação de surdos em conjunto com outros campos que formam professores.

- **Pergunta do Sandro Santos - Candidato surdo a Deputado Federal**

Apresentou-se como estudante de direito e disse concordar com a fala da professora Ana Regina em relação à falta de acessibilidade provocada pela ausência de intérprete de LIBRAS nos meios de comunicação e na maioria das escolas, inclusive, nas universidades públicas. Para elucidar os direitos já garantidos à população, leu o Artigo 221º da constituição que assegura o direito de igualdade de condições entre os brasileiros em todas as esferas, independente de traços físicos e/ou identitários. Discorreu também sobre a questão do direito linguístico. Mantendo-se no texto constitucional, mencionou o artigo 12º que define o que significa "ser brasileiro". Aponta que o artigo 13º estabelece que o português é a língua oficial do Brasil sem considerar a Língua de Sinais - a despeito de a LIBRAS ter sido considerada a língua natural das comunidades surdas pelo Governo Federal em 2002 com a publicação da Lei 10.436.

Sandro dirige sua fala ao professor Roger. Solicita-lhe que comente a condição de o surdo ser brasileiro, mas não ter o português como língua primeira.

Roger, referindo-se às leis em vigor, afirmou que estas não são feitas para resolver as questões políticas dos surdos, pois suas publicações constituem apenas uma pequena parte da conquista. O professor Roger enfatizou a necessidade de formação de educadores bilíngues, de um lado, e da criação de estratégias/sanções para impedir ou coibir o descumprimento das conquistas legais dos surdos - como não conceder alvarás ou credenciamento de cursos - por outro; para ele seria importante descredenciar ou impedir a abertura de cursos que não respeitem a condição linguística dos surdos - para que se façam valer os direitos linguísticos dos surdos.

A professora Ana Regina complementou dizendo que existe um longo caminho a percorrer para a consolidação das conquistas asseguradas legalmente. Enfatizou que é muito importante ter mais advogados surdos formados e com conhecimento da causa surda como parceiros.

Sandro fez uma pergunta para os dois professores, isto é, para Ana Regina e Roger: "O que deveria ser mais importante nesta luta surda?"

O professor Roger respondeu que o que passou, em termos de conquistas, não é um fim em si mesmo; que o momento é o de traçar novos caminhos e continuar persistindo na ampliação da efetivação de práticas mais humanas para todos os surdos e surdas do Brasil. A professora Ana Regina também respondeu que está aguardando a aprovação das propostas políticas que foram apresentadas para o MEC em fevereiro de 2014⁷, enfatizando que o Movimento Surdo organizado continuará lutando e ampliando ações.

- **Intervenção da Sra. Monica**

Ela exprimiu sua preocupação com o futuro das crianças surdas, segundo ela, "mesmo com os respaldos legais, ainda existem muitas barreiras na sociedade; em especial, na área da saúde que insiste na oralização como meio para a educação das crianças surdas."

A professora Ana Regina concordou que esta é uma preocupação legítima. Ela entende que é preciso acolher a criança surda e a família e explicar a necessidade de aquisição da língua de sinais pela criança surda desde o diagnóstico da surdez, para que seu desenvolvimento linguístico se mantenha similar ao das crianças ouvintes. Para ela, a língua é a base para o desenvolvimento cognitivo e psíquico. Considerou

⁷ Ana Regina Campello refere-se ao proposto pelo GT LIBRAS do MEC à SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão). O documento, onde se lê tal proposta, pode ser obtido no site: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>>. A SECADI agendou uma reunião com os membros desse GT em 6 de junho de 2013 que foi cancelada tendo em vista que era dia de jogo do Brasil em Brasília. Outra reunião foi solicitada pela FENEIS, mas, até o momento, não agendada novamente pela SECADI. A primeira autora deste capítulo fez parte do GT LIBRAS MEC por indicação da Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS).

que o currículo das Universidades está muito mais focado na condição ouvinte e falante tanto dos alunos quanto da comunidade, como se os surdos não fizessem parte da "comunidade" por não serem falantes e ouvintes. Com isto, a população surda é apagada por exclusão política. Enfatizou a importância de a LIBRAS ser uma língua a ser aprendida por ouvintes e ter correspondência no currículo das licenciaturas. Afirmou que não existe um currículo específico e mínimo que contemple a LIBRAS e a cultura do surdo; e que os professores ouvintes precisam ser formados em pedagogia, modalidade bilíngue, para ensinar do 1º ao 5º ano. Considerou que o próprio surdo não tem essa formação - em pedagogia - para ensinar do 1º ao 5º ano. A triste realidade é que os professores ouvintes não sabem a LIBRAS para ensinar diretamente seus alunos surdos e os professores surdos precisam ter formação específica em pedagogia.

O professor Roger complementou a fala da professora Ana Regina esclarecendo que o surdo não tem acessibilidade nas universidades de medicina nem como aluno nem como usuário dos serviços médicos.

- **Palestra Professor Cláudio Lúcio Nunes Mourão**
- Tema: "Literatura Surda: direito de expressar as mãos literárias".

Cláudio iniciou sua palestra conceituando o que é *literatura surda* e *poesia surda* e o que estas representam para os surdos. Comentou sobre os livros adaptados em LIBRAS para os surdos, como exemplo, citou a "Cinderela Surda". Na versão em LIBRAS, a Cinderela perde a luva e não o sapato, mudança que enfatiza as mãos como membros necessários para a expressão em LIBRAS.

Sobre a produção literária surda e artes surdas, mostrou algumas tirinhas (historietas curtas em quadrinhos) realizadas por artistas surdos e em LIBRAS. Deu exemplos da ocorrência de metáforas em LIBRAS. Contou algumas piadas surdas, ou seja, piadas construídas em LIBRAS no interior das comunidades surdas. Algumas ironizam o modo como os que ouvem (ouvintes) entendem o mundo surdo; outras brincam com aspectos das relações surdos - surdos. Em uma das

piadas, por exemplo, mostrou que, para um ouvinte, ser decapitado é perder a cabeça, para um surdo é ter amputadas as mãos (piada que remete à proibição do uso da língua de sinais e seu impacto sobre a vida do surdo: não poder estar nela inscrito, é estar morto). Destacou que no Brasil existem muitas poesias surdas e artes surdas.

A palestra foi interessante posto que evidenciou as diferenças de olhares existentes entre surdos e ouvintes e a forma como a literatura e as piadas, em LIBRAS, evidenciam marcadores culturais distintos e "típicos" existentes no mundo surdo em relação ao mundo ouvinte. Finalizou dizendo que a literatura e a poesia surdas são produzidas por artistas surdos nas comunidades surdas brasileiras e em LIBRAS.

- **Palestra Professor Marcelo Lucio Correia de Amorim**
- Tema: "Inclusão em Universidades Públicas".

Marcelo iniciou sua palestra mostrando um vídeo produzido na Universidade Gallaudet⁸ e no Instituto Nacional de Tecnologia para Surdos (NTID) do Instituto Rochester de Tecnologia (R.I.T)⁹. A platéia demonstrou entusiasmo com o vídeo, posto que evidenciou outra possibilidade de pensar o ensino superior e tecnológico para surdos, qual seja, fazendo-se da Língua Americana de Sinais (ASL) a língua para o ensino das disciplinas, além de utilizá-la como parte de estratégias didáticas/metodológicas que exploram fundamentalmente a visão. Lembrou que

⁸ "A Universidade Gallaudet é a única comunidade de aprendizagem composta por 1.100 alunos de graduação e 400 estudantes de pós-graduação que são surdos ou têm deficiência auditiva. É a única instituição de ensino superior do mundo onde todos os programas e serviços são especialmente elaborados para alunos surdos ou com deficiência auditiva. Todos os cursos são ministrados na linguagem americana de sinais e em inglês." Leia mais em: <<http://goo.gl/g6kpVQ>>. Nota da primeira autora deste capítulo.

⁹ "The primary mission of the National Technical Institute for the Deaf is to provide deaf and hard-of-hearing students with outstanding state-of-the-art technical and professional education programs, complemented by a strong arts and sciences curriculum, that prepare them to live and work in the mainstream of a rapidly changing global community and enhance their lifelong learning. Secondly, NTID prepares professionals to work in fields related to deafness; undertakes a program of applied research designed to enhance the social, economic and educational accommodation of deaf people; and shares its knowledge and expertise through outreach and other information dissemination programs." Leia mais em: <http://www.ntid.rit.edu/about>. Nota da primeira autora deste capítulo

essas duas experiências ocorrem há anos e que a Universidade Gallaudet, por exemplo, foi fundada em 1857. Portanto, já há uma grande experiência acumulada, nos EUA, no campo de ensino universitário de e para surdos, que poderia ser conhecida e explorada pelos reitores e gestores de universidades e das escolas de educação básica no país, respectivamente. O resultado, da experiência americana, é que os surdos terminam esses cursos com competência profissional similar a seus pares ouvintes, o que aumenta fortemente suas chances de inclusão no mercado de trabalho. Esta situação ainda não ocorre no Brasil, onde o acesso ao nível superior pelos surdos tem uma taxa insignificante.¹⁰

Relatou um caso no Rio Grande do Sul. O primeiro aluno surdo da Universidade de Porto Alegre reivindicou o direito de ter um intérprete à reitoria, mas não foi atendido e, para estudar, teve que pagar um intérprete particular. Enquanto isto, moveu um processo contra a reitoria e ganhou, com o endosso da OAB, que a Universidade pagasse seu intérprete. Estimulou os estudantes surdos brasileiros a se valerem dos canais institucionais - internos e externos/jurídicos - para que tenham garantido seus direitos em todas as universidades, públicas ou não.

Parada para o almoço

- **Retorno: Apresentação Teatro Mãos de Fada - Atividade Cultural em Libras**
- **Debate com a Platéia após o Teatro**
- **Intervenção do Sr. Felipe:**

Considerou que não se pode comparar escolas estrangeiras com escolas brasileiras e perguntou sobre as propostas do movimento surdo junto à comunidade externa para expandir o conceito de escola bilíngue para dentro da universidade.

O professor Marcelo Amorim respondeu que o Evento Mundial Setembro Azul nasceu com esse objetivo principal, qual seja, o de difundir o conceito da escola

¹⁰ No Brasil, segundo Censo do INEP, em 2011, de um universo aproximado de 1,1 milhão de surdos brasileiros que se valem da LIBRAS apenas 1.582 estão no Ensino Superior. Este dado consta em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>>. Nota da primeira autora deste capítulo.



bilíngue e de sua importância; o de expor as conquistas do movimento surdo na esfera política, como foi, por exemplo, a conquista da preservação, no texto final do PNE, da meta 4, estratégia 4.7, na qual se garantiu os três espaços de escolarização para o estudante surdo (escola inclusiva com AEE - Atendimento Educacional Especializado -, escola bilíngue e classes bilíngues); o de convocar mobilização dos movimentos políticos surdos locais, regionais e nacional junto à CONAE; o de catalisar alianças com outros movimentos sociais etc.

Marcelo explicou que existem escolas bilíngues e escolas inclusivas com intérpretes de LIBRAS e que a FENEIS, nos últimos 10 anos, vem realizando e acompanhando pesquisas que comprovam que as escolas bilíngues são melhores para os estudantes surdos do que as chamadas escolas inclusivas, onde o currículo é apresentado em português e o aluno surdo não tem relação direta com o professor, mas apenas como o intérprete de LIBRAS. Expôs que as pesquisas vem demonstrando que os estudantes surdos, ensinados em LIBRAS e com seus pares surdos, apresentam um desenvolvimento global e da autoestima superior àqueles a quem é imposto o atual modelo de inclusão escolar em português mediado por intérprete de LIBRAS.

O professor Cláudio Mourão considerou que o que acontece fora do Brasil, e vem dando certo há mais de 1 século, deveria servir como inspiração para ser adaptado à cultura e à realidade do Brasil.

O professor Roger lembrou que, tal como está no PNE (Plano Nacional de Educação), os surdos e seus familiares podem escolher entre escola/classe bilíngue ou escola inclusiva com Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os surdos tendem a escolher a escola bilíngue. Ele lembrou que, ao menos no plano dos dispositivos legais, antes da aprovação do PNE, os surdos não tinham escolha alguma - a eles cabia aceitar a única modalidade de escola que havia: a escola em português sem TILS ou com apoio pequeno no contraturno via AEE. Haver dispositivos legais a partir dos quais se possa lutar por práticas mais humanas já é, para Roger, um grande avanço.

- **Pergunta da Sra Daniele Rocha:** Como é o processo de ensino de surdos no R.I.T.? Há prova adaptada no R.I.T. em Língua de Sinais Americana?

Marcelo Amorim esclareceu que nos Estados Unidos não tem vestibular, que para o ingresso na faculdade é somado os pontos que os estudantes obtiveram durante a vida acadêmica; atualmente, no Brasil o ENEM está iniciando um processo similar.

- **Palestrante Professor Francisco Eduardo Coelho da Rocha**
- Tema: "Desafios em tempo de inclusão de surdos em universidades".

Francisco se apresentou como professor da FENEIS e conselheiro do "Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência" (CONADE). Explicou o que era este Conselho: trata-se de um órgão de deliberação colegiada, com sede em Brasília, que faz parte da estrutura da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Faz interface com os 18 ministérios do governo com o objetivo de organizar e fiscalizar ações para a garantia dos direitos das pessoas com deficiência. Retoma a Constituição Brasileira que, na última revisão constitucional (1988), determina em seu Art 1º III, art 3º IV e art 5º, "caput", a garantia de igualdade de oportunidades a todos e da obrigação de o Estado garantir a inclusão social, no caso, dos surdos na sociedade brasileira. Fez uma retrospectiva histórica dos limites que os surdos tinham enfrentado no passado, apresentando algumas situações nas quais o Estado não tomava para si esta obrigação: não existia lei que obrigasse ter intérpretes nas escolas e nos espaços públicos; muitos surdos não tinham acesso às tecnologias e sua formação escolar se mantinha em nível básico, o que dificultava a entrada no mercado de trabalho; além disto, eram poucos os que conseguiam fazer um curso superior.

Destacou que ainda hoje, mesmo com os avanços e respaldo legais, ainda falta acessibilidade de comunicação nos serviços públicos.

Em seguida, explicou o que era o PRONATEC, um programa do governo federal que oferece cursos de capacitação profissional através de escolas como

SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e de grupos como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Comentou que, em cursos organizados por estes grupos, são disponibilizados intérpretes aos alunos surdos. Para o professor Francisco, é de alta relevância a consolidação, ao menos em serviços ou instituições públicas, de Centrais de Intérpretes de LIBRAS. O Governo Federal aprovou medidas para financiar Centrais de Tradutores e Intérpretes de LIBRAS para a oferta de serviços de intérpretes gratuitos para acompanhar os surdos quando necessário. Enfatizou que a cidade de Campinas pode reivindicar a criação dessas Centrais gratuitas enviando projetos à Secretaria de Direitos Humanos. Em São Paulo, este serviço ainda não funciona e está disponível apenas em alguns estados brasileiros. O que antes era considerado vergonhoso, como usar a Língua de Sinais e não o português, agora é direito. Finalizou sua palestra mostrando slides de políticos de vários países sinalizando em audiências públicas ou sendo acompanhados por intérpretes.

- **Debate com Surdos – Daniele Rocha, Luciana Aguera, Guilherme Oliveira, Maria Carolina Bonfim, Daniela Cury e Regiane Agrella**
Tema: “Direitos humanos em questão: a universidade pública pode se fazer falar em LIBRAS?”.
- **Contribuição de Guilherme de Oliveira**

O estudante de mestrado Guilherme de Oliveira, integrante do Movimento Surdo de Campinas, enfatizou a necessidade do cumprimento e respeito às leis de inclusão e de acessibilidade. De modo vigoroso, solicitou respeito aos direitos dos alunos surdos que estudam na pós-graduação da UNICAMP e dos futuros alunos que sonham ingressar na UNICAMP como alunos de graduação. Segundo ele, *a UNICAMP ainda se apresenta como um sonho para muitos devido às barreiras que encontram desde o vestibular da universidade e explicou a importância do vestibular em LIBRAS. Afirmou que instituições como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) disponibilizam a versão do vestibular em LIBRAS e enfatizou que esta mesma medida deveria ser adotada por outras universidades, como a UNESP e a UNICAMP.* (grifo da primeira autora deste capítulo posto que

responde já, até o momento, e de forma bem objetiva, a pergunta tema do presente evento).

Destacou que a UNICAMP, como uma universidade considerada referência no Estado de São Paulo, *não tem versão do vestibular em LIBRAS*; ressaltou também a necessidade de disponibilidade de material de apoio para o aluno surdo, além da presença de TILS capacitados nas aulas onde tenham surdos matriculados; explicou a necessidade das traduções das aulas serem filmadas para que os alunos possam rever os vídeos em casa. Fez uma analogia dizendo que esse apoio era tão importante quanto a versão em braile de textos acadêmicos para os alunos cegos.

Relatou que ele, sendo aluno regular da Faculdade de Educação, fez uma disciplina no IEL - Instituto de Estudos da Linguagem na UNICAMP - e que ali também não tinha intérpretes para lhe acompanhar. Destacou a importância de a UNICAMP criar uma Central de Intérpretes que atenda a todos os setores da Universidade.

Em relação à estatística, segundo ele, com a acessibilidade garantida pela UNICAMP, o número de alunos surdos em cursos de graduação aumentará. Para Guilherme, na pós graduação, a prioridade seria garantir dois intérpretes por aula onde haja estudantes surdos para evitar a fadiga dos TILS decorrente de um trabalho contínuo, o que compromete a qualidade/fidelidade da tradução feita. Informou que no primeiro semestre os surdos tiveram seis intérpretes e por motivos orçamentários, no segundo semestre, estavam com apenas dois. Explicou que a baixa remuneração dos TILS pela UNICAMP acaba obrigando os TILS a buscarem colocações em situação mais digna no mercado de trabalho. Em nome dos surdos, ele reivindicou um salário justo para os intérpretes que atualmente prestam serviço aos estudantes surdos da pós-graduação da Faculdade de Educação.

A respeito de textos de estudos escritos na língua portuguesa, que é segunda língua dos surdos, solicitou que a UNICAMP amplie os materiais de apoio para os surdos na biblioteca, como vídeos, e também que os textos solicitados pelos docentes ou os textos de estudos sejam traduzidos em LIBRAS e disponibilizados na Internet.

Sobre o exame de proficiência em segunda língua para ingressar no Mestrado, ele argumentou que deveria ser franqueado ao surdo fazer o exame de proficiência em português como segunda língua, assim como acontece com os estrangeiros.

Em relação ao doutorado, haveria a necessidade de uma terceira língua diferente da que já utilizou no mestrado. Pediu aos Programas de Pós-graduação e que a Pró-reitoria de Pós-graduação analisasse esta proposta.

Sobre a questão do ensino de LIBRAS, defendeu a tese de que é uma função que deve ser exercida por professores surdos fluentes em LIBRAS com doutorado e/ou mestrado ou especialização na área da educação, e/ou ter feito licenciatura Letras LIBRAS e/ou ter cursado Pedagogia com certificação do PROLIBRAS, com salários compatíveis com a titulação do docente.

Quanto ao tradutor intérprete, considerou que este profissional deveria possuir formação acadêmica superior, ser incentivado a realizar o mestrado e doutorado a fim de ter condição de acompanhar os alunos surdos na escola universitária e fazer interpretações de conceitos difíceis, sem que haja a perda da qualidade da tradução. *Enfatiza, igualmente, a importância de salário e carreira compatíveis às funções que realiza e à titulação que tiver alcançado. Conclui reivindicado que essas ações sejam providenciadas com urgência pela UNICAMP.*

- **Contribuição de Luciana Aguera**

Luciana expôs sua experiência como aluna surda no Curso de Letras LIBRAS¹¹, curso onde todas as disciplinas eram ministradas em LIBRAS, como

¹¹ O Projeto de Cursos Letras-LIBRAS envolveram dois cursos: Bacharelado em Tradução e Interpretação de LIBRAS e Licenciatura em Letras para o Ensino de LIBRAS. Estes dois cursos foram oferecidos em modalidade semipresencial por uma rede de 15 universidades públicas sob a coordenação de 15 docentes destas universidades, todos pesquisadores ou pesquisadoras no campo da Educação de Surdos. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) assumiu a Coordenação Nacional do Projeto Letras-LIBRAS e a UNICAMP participou como polo com a Coordenação da Professora Regina Maria de Souza. Atualmente, várias universidades federais, em especial aquelas que foram polo, oferecem o Curso Letras para Ensino de LIBRAS (Letras-LIBRAS) e o Instituto Federal de Goiás já conta com Curso Presencial de Pedagogia Bilíngue. Iniciativa em rede para a oferta do Curso de Pedagogia Bilíngue está sendo liderado pelo Instituto Nacional de Educação de



política linguística assumida pela UFSC, o que também incluiu a condição de acesso à universidade uma vez que o vestibular foi em LIBRAS. As aulas eram disponibilizadas em vídeo na plataforma de ensino a distância, o que tornava a relação ensino-aprendizagem e professor-estudante muito mais fácil para os surdos. Lamentou o fato de ter havido diminuição de polos para a oferta de Cursos Letras-LIBRAS em São Paulo, com a saída da USP e da UNICAMP do projeto. Explicou que a UFSC trabalha com encontros quinzenais, semi presenciais, que utilizam o ambiente virtual e que possui a licenciatura e o bacharelado. Apresentou a palestrante Maria Carolina Bonfim para falar sobre a diferença do bacharelado e da licenciatura.

- **Consideração de Maria Carolina**

Maria Carolina explicou que o bacharelado em Tradução e Interpretação em LIBRAS forma tradutores e intérpretes; neste curso, quase a totalidade são alunos ouvintes. Já a licenciatura Letras-LIBRAS habilita o estudante a ser professor de LIBRAS, sendo surda a maioria dos estudantes. Expôs que algumas disciplinas eram comuns aos dois cursos. As aulas eram dadas por videoconferência, com discussões em grupo. As provas seguiam o modelo adotado pelo ProLIBRAS¹² com perguntas de múltipla escolha. Além das provas, as atividades e participação nos fóruns e seminários eram outras formas de avaliação do discente.

Quanto ao TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), cada aluno escolhia se queria escrever em LIBRAS ou escrever em português, a exigência era apenas respeitar as normas da ABNT.

Surdos/MEC e, se aprovado pela UNICAMP, a UNICAMP deve ser polo deste outro curso que atenderá a 300 estudantes surdos na primeira entrada de vestibular, sendo previstas entradas entre 2015 a 2020. Como ação afirmativa, estabeleceu-se a cota de 50% das vagas para estudantes surdos. A coordenação do polo indicada pelo INES à UNICAMP foi a da professora Regina Maria de Souza, indicação acolhida pelas instâncias competentes da UNICAMP.

¹² PROLIBRAS - Exame de certificação de fluência em LIBRAS destinado a professores e tradutores leigos de LIBRAS. O PROLIBRAS deve terminar no próximo ano posto que já haverá no mercado TILS e Licenciados em Letras-LIBRAS em número suficiente para ser atender às esferas pública e privadas de ensino e serviços. Nota da primeira autora.

- **Contribuição da discente Daniela Cury**

Daniela descreveu sua visita à Universidade Gallaudet nos Estados Unidos. No campus dessa universidade tudo era pensado considerando o canal visual como fundamental para o estudante surdo. Por exemplo, as campainhas eram luminosas e não sonoras e as aulas eram filmadas. Constatou o enorme respeito com os surdos nesse ambiente universitário, todos sabiam se comunicar em Língua de Sinais Americana - funcionários, docentes, discentes e gestores ouvintes e surdos. O ambiente conferia um clima de "normalidade" e de potência em ser surdo. No Brasil, este clima não existe nas escolas e nas universidades, o que cria a sensação, para o surdo, de anormalidade e de deficiência, imputando a eles, de modo insidioso, uma auto-representação negativa. Relatou que se sentiu menosprezada no Brasil como pessoa surda como efeito do impacto de seu retorno à realidade universitária e escolar brasileira.

Na Universidade Gallaudet, segundo ela, existem programas desenvolvidos para as pessoas surdas para o aprendizado do inglês. Para o ingresso, segundo ela, na Universidade Gallaudet é necessário apenas saber o inglês escrito, posto que a língua de instrução é a Língua de Sinais Americana (ASL). Os programas desenvolvidos pela Gallaudet University oferecem a oportunidade para que o aluno surdo permaneça na faculdade. Enfatizou que o respeito é total *mesmo sem ter uma lei que oficialize a língua de sinais americana* e chamou atenção para o ENEM, que não tem versão em LIBRAS, embora haja leis que garantam a acessibilidade em LIBRAS nas avaliações. Concluiu que o respeito total pela identidade surda aqui no Brasil é totalmente diferente daquela que vivenciou nos Estados Unidos: aqui esse respeito quase não existe.

- **Contribuição de Regiane Pinheiro Agrella**

Regiane iniciou sua fala contando que se formou no mestrado da UNICAMP em 2010 e que, quando ingressou no Programa de Pós-graduação em Educação, a orientadora dela, a professora Regina Maria de Souza, foi a primeira docente a abrir

uma vaga para o mestrado para surdos e conseguiu que ela tivesse o direito de fazer as provas em LIBRAS, desde o exame de seleção no mestrado. Até aquela época, em 2006, quando ela e outra colega surda, Sibeles Souza, também orientada da professora Regina, prestaram o exame de mestrado, o processo seletivo era apenas em português. Uma novidade começou com ela, Regiane, que foi a oportunidade de o estudante surdo ser avaliado em LIBRAS no processo seletivo da Pós-graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Antes não havia nada de específico para os surdos.

Ela destacou que os alunos surdos de mestrado e doutorado já fizeram suas propostas para o professor Magna e esperam a manifestação da atual reitoria¹³ sobre essas propostas. Conta que os estudantes surdos estão em busca de apoio de professores do IEL - Instituto de Estudos e Linguagem, Faculdade de Educação e Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação (CEPRE) - via Grupo de Trabalho (GT) LIBRAS-, designado pelo Gabinete do Reitor (GR 32/2014). Espera que este GT consiga a articulação necessária e o apoio da reitoria para que as demandas dos alunos surdos e da comunidade surda sejam atendidas pela UNICAMP.

Contou que, neste Grupo de Trabalho, ela era a representante discente e que ela era também da Faculdade de Educação. Enfatizou a importância dessa união - da Faculdade de Educação, do Instituto de Estudos da Linguagem e do Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação - e dos encontros do GT porque ali ela e um grupo podiam ler textos, discutir e trocar opiniões sobre as ações necessárias para a inclusão de surdos na UNICAMP e para a formação de professores para o ensino dos alunos surdos.

¹³ Regiane se refere à reunião que os estudantes surdos e professores surdos de LIBRAS fizeram com o professor Magna em abril de 2014. Nesta reunião, as demandas que apresentam e discutem no presente encontro já haviam sido feitas por memorando protocolado. A presença do professor Magna, no presente encontro, tinha como objetivo a comunidade surda da região ouvir dele as providências que já estavam sendo colocadas em marcha pela reitoria. Os pedidos, realizados pelos e pelas estudantes surdos/as foram: TILS graduados e contratados conforme as leis trabalhistas; contratação de professores surdos para ministrar a disciplina LIBRAS nas licenciaturas com formação em Letras, entre outras demandas (expostas na discussão feita por Guilherme Oliveira, Daniela Cury e Regiane Agrella acima).

Enfatizou o trabalho da professora Regina Maria de Souza, que se esforça há muitos anos para o fortalecimento de grupos de estudos dentro e fora da UNICAMP, e aproveitou também para agradecer a professora Regina pelo apoio e a dedicação pelas questões relacionadas aos direitos dos surdos. Conclui seu discurso dizendo que está torcendo para que esses esforços sejam alcançados até o mês de dezembro, quando o trabalho do GT LIBRAS deve estar em vias de finalização¹⁴.

O evento foi encerrado com agradecimentos da professora Lilian a todos os presentes, especialmente, aos palestrantes, às alunas graduandas que fizeram a recreação com as crianças, ao servidor Clóvis que esteve presente filmando todo o evento, aos intérpretes que trabalharam voluntariamente e ao Márcio, funcionário da ADUNICAMP, que disponibilizou tudo o que foi necessário para que o evento ocorresse.

NOTA: Esta súmula foi aprovada formalmente por todos os participantes.

¹⁴ Por solicitação unânime dos membros do GT LIBRAS, o Magnífico Reitor José Tadeu Jorge estendeu o prazo para a conclusão do trabalho do GT LIBRAS: de 23 de dezembro de 2014 à início de julho de 2015. Nota da primeira autora.

CAPÍTULO 2

**DIREITOS HUMANOS EM QUESTÃO: A UNIVERSIDADE
PÚBLICA PODE FAZER FALAR EM LIBRAS**

DIREITOS HUMANOS EM QUESTÃO: A UNIVERSIDADE PÚBLICA PODE FAZER FALAR EM LIBRAS¹

*Guilherme Silva de Oliveira
Luciana Aguera Rosa
Daniele Silva Rocha*

INTRODUÇÃO

Podemos iniciar a discussão deste artigo a partir da lei nº 10.436/02, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - como a língua natural utilizada pelas pessoas surdas. Neste capítulo, vamos discutir o item que trata do acesso em geral das pessoas surdas na universidade, este item já está complementado dentro do decreto 5.626 de 2005. O artigo nº 12 deste decreto diz que:

As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar curso os de pós-graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (BRASIL, 2005).

O decreto regulamenta que a formação para Professor de LIBRAS será de responsabilidade das faculdades de Educação Especial, Pedagogia e Letras nos cursos de pós-graduação. Entretanto, se comparamos os dados sobre a formação de professores surdos nas universidades públicas federais e estaduais, há uma diferença qualitativa: a maioria das universidades federais organizou a disciplina de LIBRAS e a docência de professores surdos para ministrar vários cursos, em outras palavras, os professores surdos começam a ser incluídos nas universidades públicas federais. O estado de São Paulo, representado por suas universidades estaduais, e a maioria das universidades estaduais do país desrespeitaram o decreto, inviabilizando os cursos de pós-graduação para a formação de professores no ensino de LIBRAS, a disciplina não foi oferecida na

¹Este título foi feito em apresentação de grupo no terceiro evento Setembro Azul. Abaixo os nomes dos palestrantes que ministraram: Daniela Cury, Daniele Rocha, Guilherme Oliveira, Luciana Rosa, Maria Carolina Bonfim e Regiane Agrella.

grade curricular dessas universidades. O governo de São Paulo afirma que a LIBRAS será incluída como disciplina curricular nos cursos de pós-graduação até o ano de 2015 em cem por cento dos cursos de suas universidades.

Nós, surdos, autores desse artigo, entramos em uma das universidades públicas do estado de São Paulo, sendo dois mestrandos e um doutorando em Educação da Faculdade de Educação. A nossa vivência diária individual e em grupo como surdos permitiu a reflexão sobre o que melhorar dentro a universidade do estado São Paulo, onde elencamos cinco direitos a serem atingidos para a real inclusão do surdo nessas instituições: Direitos humanos da pessoa surda dentro da universidade; Conjunto de medidas para promover a inclusão; Favorecer o ingresso; Permanência de pessoas surdas nesta universidade; Cumprir a Lei.

O primeiro direito especifica os direitos humanos da pessoa surda e/ou deficiente auditivo dentro da universidade, que promove o acesso à universidade. A Convenção de Nova York exemplifica alguns itens que visa o ingresso da pessoa com deficiência à universidade, tais como: a adaptação de versão em LIBRAS do vestibular em qualquer universidade pública devido à questão linguística, já que a primeira língua do Surdo é LIBRAS e a segunda é a língua portuguesa (GESSER, 2010); a importância da aquisição natural da própria língua do surdo, numa perspectiva bilíngue que garante uma educação de qualidade nos aspectos cognitivo, linguístico, cultural e sócio emocional. A diferença entre língua materna e L1 é que, para os surdos, a língua materna pode ser definida de acordo com o seu grupo familiar: se o surdo nasce numa família com pais surdos, imerso em uma comunidade surda, certamente, a LIBRAS será a sua língua materna; mas a maioria dos surdos nasce em famílias de pais ouvintes, portanto a LIBRAS não é a sua língua materna, mas a que os ouvintes falam. Nesse sentido, a LIBRAS será L1, os pais e a sociedade deve priorizar o aprendizado de LIBRAS como primeira língua.

A Convenção Internacional do Direito das Pessoas com Deficiência, ocorrida em Nova York em 2006, definiu os direitos da comunidade surda: “Facilitação do aprendizado da língua de sinais é promoção da identidade linguística da comunidade surda”; direito e respeito de escolha da vocação do curso, segundo a convenção, no artigo nº 3 dos Princípios Gerais, diz que a pessoa com deficiência tem direito de igualdade de oportunidade e tem direito de aprendizagem como os demais e a criação de TILS (Tradutor e Intérprete de LIBRAS). Todas as universidades precisam ter centrais de TILS, é importante ter a disposição de alunos e docentes Surdos. Certa vez, um aluno Surdo se matriculou como aluno especial em uma disciplina de uma universidade pública, pediu intérprete de LIBRAS para acompanhar as aulas, porém a reitoria vetou a participação do aluno na disciplina por não ser aluno regular, o que significa que o estudante foi “excluído” e desrespeitado e a sua oportunidade de igualdade foi violada, o que dificilmente ocorreria com um estudante ouvinte. Portanto, é urgente a contratação efetiva dos TILS para que a acessibilidade dos Surdos seja respeitada, tanto dos que estão na universidade, como a do grupo que redige esse artigo e outros, como a dos surdos que entrarão nessas instituições de ensino.

A criação de um setor de “Apoio ao Estudante Surdo”, sala de aula com vídeo para gravação de disciplinas da graduação e pós-graduação, “respeitar” a escrita do Surdo como segunda língua em português, segundo o capítulo IV do uso e da difusão da LIBRAS e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação do decreto 5626/05 diz que, no artigo 14: “adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;” (BRASIL, 2005) e a contratação de dois intérpretes de LIBRAS para revezamento por disciplina são mudanças essenciais e formam um conjunto de medidas necessárias para a permanência de alunos surdos nas universidades, sem estas condições não há inclusão.

Os estudantes surdos, como qualquer estudante, têm desejos de ingressar no ensino superior, mas sofrem com as barreiras impostas pelos vestibulares, que não favorecem o ingresso desses estudantes, por não reconhecerem a questão linguística e cultural - LIBRAS. Diferença significa respeito às especificidades de um grupo linguístico é dever do estado. Há universidades que garantem a adaptação específica para prova de vestibular tais como a presença de intérprete de LIBRAS, vídeo em LIBRAS, vestibular em LIBRAS e enfatizou que esta mesma medida deveria ser adotada por outras universidades como a UNESP, a USP e a UNICAMP.

Uma avaliação dessas universidades destacou que a UNICAMP, como uma Universidade considerada referência no Estado de São Paulo, não tem versão do vestibular em LIBRAS; ressaltou também a necessidade de disponibilidade de material de apoio para o aluno surdo, além da presença de TILS nas aulas onde tenham surdos matriculados e explicou a necessidade de ser filmada a tradução das aulas para que os alunos possam rever os vídeos em casa. Finalizou, fazendo uma analogia sobre essa estrutura para alunos surdos ter a mesma importância que a versão em braile de textos acadêmicos para alunos cegos.

Estudantes Surdos na Pós-graduação Stricto e Lato Senso, na Unicamp: têm dois alunos do mestrado e um do doutorado em Educação na Faculdade de Educação. No caso dos exames de proficiência em línguas estrangeiras para pessoas surdas e/ou Deficientes Auditivos, consideram que a acessibilidade e igualdade de oportunidade para adaptação de prova em línguas estrangeiras deve ser reconhecida, conforme o artigo III da Convenção de NY, como princípio, e também a garantia para o pleno e direito aos demais. Seguem alguns itens importantes para o exame de proficiência, segundo o Resolução Normativa nº5/CUN/2010 e o Regimento do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC (PPGLg):

- Língua Portuguesa: oferecer como opção de proficiência em segunda Língua;
- Para os candidatos surdos, o português enquadra-se nas exigências de comprovação de proficiência em língua estrangeira, o que pode se dar no ato da primeira matrícula no curso ou ao longo do primeiro ano acadêmico.
- Para o Mestrado, os candidatos surdos deverão comprovar proficiência em Língua Portuguesa.
- Para o Doutorado, os candidatos surdos deverão comprovar proficiências em Língua portuguesa e em inglês. (RESOLUÇÃO 04/PPGLg/, 2010)

No ambiente acadêmico, as aulas de qualquer disciplina necessitam de equipamentos como recursos visuais para alunos surdos, tais como filmagem para armazenamento de dados e informações enquanto os alunos prestam atenção aos interpretes de LIBRAS, isso garante o registro de informações para anotações, por exemplo os alunos surdo que anotam no caderno algumas informações importante perdem a interpretação de Libras, por isso a filmagem já é um registro para os surdos, isso é uma vantagem como recurso de materiais de apoio.

Os alunos surdos têm direitos de pedir apoio ao SAE², que ofereça apoio e facilite o mecanismo de acesso ao estudante que necessita de auxílio para orientações educacionais, tais como leitura de textos em LIBRAS com ajuda de intérpretes que traduzem simultaneamente.

As atribuições do docente Surdo na universidade estão descritas no decreto de nº 5626/05, onde deve ministrar a disciplina e formar pesquisadores. Portanto, a presença e a efetivação de docentes surdos são de suma importância para a formação de futuros professores e pesquisadores surdos, que encontram na docência modelos de profissionais ouvintes, mas necessitam da igualdade enquanto língua e cultura, proporcionada pela presença de professores surdos e modelos profissionais a serem admirados e alcançados. A vida universitária

²SAE – Serviço de Apoio ao Estudante.

com professores surdos além de um direito traz a elevação da autoestima e a circulação de uma cultura surda no ambiente universitário.

A presença do TILS também tem papel fundamental para a universidade e para as pessoas surdas. Ele exerce a função de transmitir informações e interpretar, simultaneamente (ou dentro do possível), certas situações em diferentes espaços do trabalho acadêmico, seja na sala de aula, nas reuniões, nas palestras e eventos, entre outros.

O CURSO DE GRADUAÇÃO LETRAS LIBRAS

A Universidade Federal de Santa Catarina organizou a proposta de curso Letras/LIBRAS de graduação da Educação à distância em 2006 com criação de nove polos espalhados nos estados do Brasil e, em 2008, foi criado o curso para bacharelado, com a ampliação para quinze polos, porém lamentamos que em São Paulo, neste ano, o curso diminuiu em dois polos no estado.

A universidade preparou estrategicamente o vestibular para candidatos surdos e ouvintes, estes precisam ter noção de LIBRAS para provar a fluência desta língua. No vestibular, houve adaptação de prova em LIBRAS através de vídeo, então a UFSC cumpriu a legislação que comprova a acessibilidade especificamente para surdos, respeitando o direito da comunidade surda.

O curso de 2008, na segunda turma, tinha duração de quatro anos, as aulas ocorriam uma vez por mês (sábados e domingos) e os encontros de estudos presenciais, que utilizam o ambiente virtual.

Segundo o site da UFSC³, o campo de trabalho da formação do curso de Letras LIBRAS em licenciatura e bacharelado pode ocorrer em duas formas.

O profissional formado em Licenciatura em Letras/LIBRAS poderá lecionar como professor de LIBRAS como primeira língua para surdos nos ensinos fundamental e médio, ou como professor de LIBRAS como segunda língua para ouvintes desde o nível fundamental até o nível superior de ensino (em particular, nos cursos de licenciatura de

³Disponível em: em: <<http://www.vestibular2015.ufsc.br/letras-libras/>>.

todo o país, que agora passarão a oferecer aulas de LIBRAS, tal como previsto no Decreto nº 5626). Além disso, o professor de LIBRAS poderá também atuar em instituições especializadas no ensino da LIBRAS, como por exemplo federações e associações de surdos. Já o profissional formado em Bacharelado em Letras LIBRAS poderá atuar como intérprete em salas de aula, em reuniões e conferências, na tradução de textos técnicos e literários e na revisão e preparação de textos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2014)

Este curso possui um sistema de aprendizagem elaborada para três formas de informação, deste modo os conteúdos e as atividades serão demonstrados e desenvolvidos nos seguintes formatos: material didático impresso, material didático on-line através do ambiente virtual de ensino no site da AVEA e material didático em LIBRAS gravados em DVD. A equipe pedagógica do curso é formada pelos seguintes profissionais: professores das disciplinas, professores tutores, intérpretes e monitores que seguem o trabalho para a interação em videoconferência também entre professores das disciplinas, professores tutores e alunos. As aulas têm encontro de estudos presenciais entre professores tutores e alunos para esclarecimento de dúvidas, conteúdos, atividades e aprofundamento de questões, divisão do trabalho em grupo, seminários com discussões em grupo, respondendo as perguntas e dúvidas com os professores das disciplinas por videoconferência, participação nos fóruns ao ambiente virtual para promover discussões e sugestões com os alunos, professores, e interação entre outros polos.

As avaliações das disciplinas são feitas em aulas presenciais e virtuais, conforme o decreto (nº 5626/05) relacionado ao curso à distância e a regulamentação da Universidade Federal de Santa Catarina, com os professores tutores de cada polo, responsáveis pelas avaliações.

Os materiais das disciplinas foram adaptados em LIBRAS, como a apostila do texto para fazer tradução em LIBRAS em DVD, garantindo aos alunos surdos leitura e acompanhamento dos conteúdos em LIBRAS (visual) e português na modalidade escrita, promovendo uma educação bilíngue aos estudantes surdos, portanto garantindo qualidade e excelência na sua formação.

As provas foram gravadas em LIBRAS com os conteúdos dados, seguindo o modelo PROLIBRAS.

O TCC⁴ foi adaptado seguindo duas opções dadas pelas normas da ABNT: realizado em LIBRAS com o vídeo e a segunda opção, o texto em português na modalidade escrita, tendo o aluno a possibilidade de escolha na língua de sua preferência, respeitando as normas da ABNT.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que as propostas apresentadas neste artigo são desafios para a Unicamp dar um passo à acessibilidade para Surdos, visto que as outras universidades cumpriram seu papel fundamental para o acesso efetivo e a adaptação voltada para as pessoas Surdas que têm direito de igualdade e oportunidade como os demais. Esperamos que a UNICAMP, uma universidade de excelência, cumpra o que é de direito para os surdos e, sobretudo, efetive o que caracteriza uma boa universidade: a diversidade, a diferença. Nesse espaço de diferença e de diversidade, nós surdos queremos o nosso espaço para sermos vistos e lidos; para ver e ler outros iguais e diferentes de nós. Lecionar, estudar, pesquisar, ser um cidadão de fato e não apenas um projeto, um texto bem escrito e politicamente correto no papel. Nós existimos e, portanto, temos “voz”, que são as nossas mãos e os nossos olhos e tudo decorre dessa diferença.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 12 abr. 2012.

⁴ TCC – trabalho de conclusão de curso

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2010.

RESOLUÇÃO NORMATIVA. Exames de proficiência em línguas estrangeiras. Resolução normativa Nº 2, DE 11 DE DEZEMBRO DE 2013. UFSC, 2013.

Disponível em: <<http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2014/03/Resolucao-02PPGLg2013-sobre-proficiencia.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Portal da UFSC. **Curso de letras LIBRAS**. Disponível em: em: <<http://www.vestibular2015.ufsc.br/letras-libras/>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Serviço ao Apoio ao Estudante - SAE/UNICAMP. Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.sae.unicamp.br/portal/>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

CAPÍTULO 3

O DESAFIO DA PESSOA SURDA NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

O DESAFIO DA PESSOA SURDA NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR¹

Marcelo Lúcio Correia de Amorim

O QUE É ACESSIBILIDADE?

Você já se perguntou o que significa “acessibilidade”? Para entendermos vejamos a charge a seguir:



FIGURA 1 - Charge

Fonte: Internet

Nela observamos duas idosas que desconhecem a tecnologia e seus termos. Elas estão diante de um caixa de autoatendimento eletrônico para realizar um pagamento de um boleto bancário com código de barras, mas no monitor o terminal do caixa eletrônico pede que se faça ‘a leitura do código de barras’, então a senhora que está com o boleto começa a ler para a máquina: “*Fino, grosso, grosso, fino...*” evidenciando que não sabem como a leitura do código de barras é feita pela máquina, as duas não conhecem esse procedimento. O que podemos aprender disso? Que lhes faltavam conhecimentos sobre os avanços tecnológicos envolvidos, pois o leitor não estava acessível para a realização do pagamento pelas senhoras, ou seja, não foi possível ver a acessibilidade neste caso.

¹ Tradutores de Libras – Português: Elandson Alexandre e Raphael Freire (UFC)

Então, trazendo isso para nossa situação de pessoas surdas garantimos a clareza dos assuntos, dessa forma teremos acesso aos conhecimentos que nos rodeiam por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a qual é nosso meio de comunicação. Quando os Surdos não têm este tipo de acessibilidade, dificilmente haverá compreensão exata do que é dito a eles ou ainda, pode ocorrer mal entendido gerando desinformação.

Estima-se que haja atualmente no mundo 70 milhões de pessoas surdas, 80% destas vivem em países em desenvolvimento, como o Brasil, a China e outros. Para detalhar, nestes países em desenvolvimento, em torno de 83% dos surdos não tiveram educação ou não continuaram seus estudos até se formarem. Apenas 17% obtiveram uma formação completa. Além disso, sabemos que dos que concluíram os estudos, 97% não são bilíngues, significa que tiveram acesso apenas a uma língua, quer seja uma língua oral ou uma língua de sinais, restando então, 3% que são de fato bilíngues, um número ínfimo (WFD, 2009). Este quadro precisa ser mudado. No Brasil, o número de surdos bilíngues é crescente.



FIGURA 2 – Apresentação em Língua de Sinais no Laboratório da Universidade Gallaudet
Fonte: (GALLAUDET, 2012)



FIGURA 3 - Apresentação em sala de aula em Língua de Sinais na RIT
Fonte: (RIT, 2012)

Podemos perceber nos vídeos mencionados acima que, tanto na Universidade Gallaudet (Figura 2), quanto na *Rochester Institute of Technology* - RIT (Figura 3), ambas nos Estados Unidos, a Língua de Sinais está em uso efetivo, sendo que esta última conta com a presença de cento e vinte intérpretes, um número relevante de profissionais que atendem as necessidades em salas de aula onde há acadêmicos surdos, mostrando que a Universidade se sensibiliza com os surdos ao prover acessibilidade para seus acadêmicos. Ressaltamos que os intérpretes não atuam somente na sala de aula, também se fazem presentes nos laboratórios de pesquisas interpretando a Língua de Sinais nas discussões ali apresentadas. Mas, será que essa realidade pode acontecer no Brasil?

A resposta para esse questionamento é sim. No Brasil já existe uma vasta legislação sobre a LIBRAS e sobre os direitos dos surdos: temos a Lei nº 10.436/02 que reconhece a LIBRAS como meio de comunicação e o Decreto-Lei Nº 5.626/05 que regulamenta a sua difusão com Normas Técnicas específicas, Resoluções de Conselhos em apoio aos direitos linguísticos dos surdos, Lei de Acessibilidade que versa sobre o acesso a comunicação dos surdos, Secretaria de Direitos Humanos que defende a LIBRAS e uma infinidade de outros documentos que respaldam o

ingresso dos Surdos nas Universidades e Instituições de Ensino Superior (IES), bem como a presença de intérpretes de LIBRAS. Segue a lista das leis, decretos, normas e demais documentos referentes à acessibilidade:

- A lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 reconheceu a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras, portanto, como minoria linguística, os surdos têm o direito de participar efetivamente no planejamento e execução das políticas e programas nacionais, levando devidamente em conta seus interesses legítimos.
- Portaria nº 976/06 – Acessibilidade nos eventos promovidos pelo MEC
- Portaria nº 1.679 (MEC, 1999): - Requisitos de acessibilidade para Instituições de Ensino Superior;
- Portaria nº 3.284 (MEC, 2003): atendimento a pessoas com deficiência auditiva no Ensino Superior / Normas e critérios de acessibilidade para o Ensino Superior;
- Lei nº 10.098/00, capítulo VII, artigo 19;
- CF, Art. 227 – “... facilitação de acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de preconceitos e obstáculos arquitetônicos”.
- Decreto nº 5.296/04 – Acessibilidade e regulamenta as leis números 10.048/00 e 10.098/00, conhecidas como “Leis da Acessibilidade”.

Destaque para:

- capítulo II, artigo 6, item III do parágrafo 1º;
- capítulo IV, seção II, artigo 23, parágrafo 6º;
- capítulo VI, artigo 53, item I do parágrafo 2º;
- capítulo VI, artigo 59;
- capítulo VII: AJUDAS TÉCNICAS.
- Decreto Nº 5.626/05 – Regulamentação da LIBRAS
- SINAES – avalia o PDI das IES que deve estar elaborado de acordo

com o Decreto 5.773/2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das IES e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino (IES públicas e privadas) e que trata da promoção de acessibilidade de alunos com deficiência na letra c do inciso VII do art. 16.

- Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009 que promulga o Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008
- Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996)
- Resolução 47/135 da Assembleia Geral da ONU de 18 de dezembro de 1992
- Normas para Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência da ONU n.º 48/96 - 20 de Dezembro de 1993.
- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência
- Aliança Internacional da Pessoa com Deficiência

Necessitamos aprender a usar os instrumentos legais para discussões, realizações e solicitações que garantam os direitos que já estão previstos na legislação. Mas, para que isso ocorra, é necessário que nós, surdos, comecemos a nos fazer presentes nos ambientes acadêmicos, estudar para isso, prestar o vestibular e, assim, ingressar na Universidade, e, então realizar a solicitação ao reitor ou a diretoria pelo intérprete de LIBRAS. Caso isso não seja atendido, deve ser tomada uma medida junto à justiça, pois o intérprete já é um direito de acessibilidade das pessoas surdas.

Porém é preciso que os surdos se sintam incentivados a estudar para ingressar na universidade, só após esse ingresso é que as solicitações deverão ser feitas, não simplesmente falar sem conhecer a realidade do local.

Podemos citar um fato ocorrido na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), esta universidade não contava com a presença de intérpretes de LIBRAS

na época, sendo que em um determinado momento um candidato surdo resolveu prestar exame seletivo para um dos programas de mestrado ofertado por esta universidade. O candidato surdo pagou um intérprete para que este pudesse mediar uma conversa sua com um professor, objetivando receber algumas orientações para a elaboração do projeto, após a entrega deste documento à comissão do processo seletivo, o candidato aguardou a data da prova de seleção.

Obtendo aprovação no processo seletivo, o aluno, já inserido no programa, conversou com a coordenação da Pós-graduação da UFPE, e disseram já estar cientes de que o aluno surdo precisaria da presença de um intérprete de LIBRAS. O aluno foi informado que havia certa burocracia para realizar esta solicitação junto à reitoria, e no início das aulas do programa novamente o aluno foi informado que deveria aguardar mais um pouco, pois o reitor estava viajando. O aluno surdo decidiu contratar um intérprete, quando foi informado de que o reitor estaria doente e precisaria agora aguardar a decisão do pró-reitor que o substituiria, mais uma vez teria a burocracia nesse processo.

Por conta da inviabilização do intérprete, o aluno resolveu ir até a sede regional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Pernambuco e se dirigiu ao setor que trata dos assuntos relacionados aos direitos das pessoas com deficiência. Após explicar sua situação, foi-lhe informado que não deveria haver essa demora, pois há uma lei que trata o intérprete como um direito do aluno surdo. Assim, a OAB-PE ligou para a UFPE para agendar uma reunião, realizada dois dias após a ligação, quando a Universidade foi informada que tinha a obrigação de prover o intérprete ao aluno no prazo de 72 horas, caso contrário iria pagar multa por cada dia de atraso na alocação deste profissional na Universidade. No dia seguinte, o intérprete foi alocado nas aulas do mestrado e lá ficou até o término do curso, não havendo mais problemas de acesso para o aluno.

É perceptível que nós, surdos, precisamos lutar por nossos direitos, um deles é o direito de ingressar numa universidade, não se deve esperar, primeiro que haja intérpretes de LIBRAS e depois tentar o ingresso. Os surdos podem conversar com os diretores e discutir a melhor forma de prover a acessibilidade. Os surdos devem se fazer presentes no meio acadêmico para que, a partir daí, as Universidades e as IES (Instituições de Ensino Superior) mudem sua postura e possam prover intérpretes para os alunos surdos, sendo assim espero que os surdos cada vez mais ingressem no ensino superior para que, então, a quantidade de intérpretes nas Universidades e IES possa crescer e atender as demandas.

REFERÊNCIAS

GALLAUDET, University. 2012. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=EcBVPMkcYOA>>. Acesso em: 29 set. 2014.

RIT - Rochester Institute of Technology. 2012. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=uT_Hu_enCN4>. Acesso em: 29 set. 2014.

WFD - World Federation of the Deaf. Deaf People and Human Rights. 2009. Disponível em: <<http://www.wfdeaf.org/wp-content/uploads/2011/06/Deaf-People-and-Human-Rights-Report.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.

CAPÍTULO 4

INTERCÂMBIO NA GALLAUDET: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

INTERCÂMBIO NA GALLAUDET: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Daniela Ramalho Cury

A *Gallaudet University* é uma universidade que foi fundada em 1864 em Washington D.C, situada nos Estados Unidos. É um centro de referência de estudos e pesquisas sobre e para Surdos no mundo, sendo reconhecida como campo de pesquisa acadêmica e de liderança mundial em ensino de Surdos e no ativismo político.

A primeira língua oficial de circulação e instrução dentro da *Gallaudet University* é a *American Sign Language (ASL)*, a língua de sinais americana, enquanto o inglês é considerado como segunda língua. A instituição prioriza o uso e o domínio de ASL como requisito para permanecer na *Gallaudet*.

A *Gallaudet University* tem uma estrutura que oferece uma educação aos Surdos em todos os níveis – desde o primário até o doutorado – e existe em torno de 40 carreiras distintas, de todas as áreas de conhecimento. Algumas áreas são voltadas para a investigação, como por exemplo, linguística e ensino das línguas de sinais.

O ingresso no ensino superior da *Gallaudet* é feito através da aplicação do *ACT Test*, similar ao vestibular. O Surdo deve responder aos questionários em inglês para obter uma nota mínima que garanta sua vaga. É importante ressaltar que é uma instituição privada, que conta com a ajuda direta do Congresso dos EUA.

A instituição também oferece um programa chamado *English Language Institute*, conhecido como ELI. Tem como finalidade fornecer um curso intensivo de inglês como segunda língua para os Surdos de diversos países. É interessante destacar que o programa oferece um ambiente

multicultural e bilíngue onde os alunos podem alcançar as metas de língua acadêmica, profissional e pessoal.

No ano de 2011, um convênio da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com a *Gallaudet University* possibilitou a abertura de um edital para a seleção de estudantes Surdos brasileiros do curso de Letras LIBRAS da UFSC, na modalidade à distância (EAD), estudarem e pesquisarem na *Gallaudet University* durante um semestre de 2011, com direito a uma bolsa CAPES/FIPSE. O processo seletivo, em caráter eliminatório, ocorreu da seguinte forma:

Primeira fase: (01) ser nativo em Língua Brasileira de Sinais (L1); (02) ter fluência em Língua Brasileira de Sinais; (03) ter experiência comprovada no ensino de Língua Brasileira de Sinais; (04) ter conhecimento básico da Língua Americana de Sinais (ASL); (05) ter competência de leitura básica em inglês; (06) curriculum vitae no padrão LATTES (<http://lattes.cnpq.br/>); (07) histórico escolar; (08) carta(s) de recomendação de professores ou instituições onde atua/atuou; (09) Carta de motivação explicando porque quer participar do intercâmbio; (10) Projeto de pesquisa / plano de trabalho que mostra qual retorno concreto a comunidade Surda do Brasil terá através da missão de intercâmbio da/do bolsista; e

Segunda fase: entrevista com os professores em ASL via skype.¹ (METZGER et al., S/D)

Ao sair o resultado deste processo seletivo, conquistei uma das seis vagas, sendo a única do estado de São Paulo. Os demais eram de: Florianópolis, Vitória, duas de Brasília e Minas Gerais. Essa experiência favoreceu muito o meu crescimento acadêmico, assim como aprofundi meu conhecimento sobre o Surdo no mundo acadêmico, profissional e social. Esse último, voltado mais especificamente à acessibilidade social.

A acessibilidade dentro da *Gallaudet University* consiste em toda a estrutura física, desde a sala de aula até o dormitório da instituição. As salas são adaptadas com câmeras para gravar as aulas e enviá-las para o sistema online, onde o aluno surdo pode acessar posteriormente sem se preocupar em

¹Os termos do Programa de Intercâmbio FIPSE-CAPES Gallaudet está disponível em: <http://www.gallaudet.edu/interpretation/fipse-capes.html>.



realizar anotações durante as aulas, afinal o uso de ASL é uma língua visual-espacial. Os modos sonoros da campainha e do alarme são substituídos pelo modo sinalizador. Estes são itens obrigatórios e que não podem faltar. Inclusive, há postes com botão de emergência – bombeiros, polícia e ambulância – instalados na calçada aproximadamente a cada 20 metros.

É exigido que todas as pessoas que trabalham na *Gallaudet University*, ouvintes e os Surdos, usem ASL nos espaços da universidade. Além disso, o entorno da *Gallaudet University*, assim como todo o país, demonstram um grande respeito à comunidade Surda, principalmente às peculiaridades do Surdo de diversos países. A peculiaridade do ser Surdo compreende-se, de acordo com Perlin (1998) em

uma experiência num mundo visual. A criança surda, por exemplo, depende do sendo da visão para aprender. Quando as informações necessárias são contidas em sinais audíveis, as crianças surdas perdem tudo. A criança surda precisa de língua de sinais para construir linguagem. Isso lhe dá um certo poder e autonomia para pegar os signos da palavra já constituídos. Mais intensamente, como adulto, nos movimentos surdos, a pessoa surda vai construir sua identidade política. Trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda de ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais. (PERLIN, 1998, p.20).

A maioria dos americanos possui o conhecimento básico de ASL para se comunicar com os Surdos em caso de emergência. Para intensificar esse respeito pelo Surdo, todos os diplomas emitidos pela instituição são assinados pelo Presidente dos Estados Unidos, o que torna ainda maior o sonho de estudar na *Gallaudet University*, principalmente em receber o diploma assinado pelo presidente norte-americano.

REFERÊNCIAS

GALLAUDET UNIVERSITY. **English Languages Institute**. Disponível em: <<http://www.gallaudet.edu/wlc/eli.html>>. Acesso em 15 nov. 2014

GALLAUDET UNIVERSITY. **History of Gallaudet University**. Disponível em: <<http://www.gallaudet.edu/history.html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

METZGER, M. et al. **Programa de Intercâmbio Estudantil**. Disponível em: <<http://www.gallaudet.edu/interpretation/fipse-capes.html>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

PERLIN, G.T.T. **História de vida surda: identidades em questão**. Porto Alegre: UFRGS/ FAGED, 1998. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/historias_de_vida_surda_identidades_em_questao.pdf> Acesso em: 15 nov.2014

CAPÍTULO 5

**LITERATURA SURDA:
DIREITO DE EXPRESSAR AS MÃOS LITERÁRIAS**

LITERATURA SURDA: DIREITO DE EXPRESSAR AS MÃOS LITERÁRIAS



Cláudio Henrique Nunes Mourão

Mourão (2011)¹ faz o seguinte questionamento: de onde veio a Literatura Surda? O que ela representa para a comunidade surda? Existem obras surdas em livros, revistas ou matérias produzidas, ligadas à literatura surda? Sabemos que há milhares de anos não existia escrita e as histórias circulavam somente pela oralidade, passando de geração a geração. No mesmo caminho, o povo surdo utilizava a sinalidade², passando de pais a filhos muitas histórias em línguas de sinais. Os surdos já contavam e recontavam histórias, narrativas, piadas e vários gêneros literários na comunidade surda, apresentando uma tradição cultural, por meio da língua sinalizada, que permanecia na memória de algumas pessoas. Mais tarde, veio a escrita e os impressos, que para os surdos são como segunda língua em seu território. Após o surgimento da tecnologia, o registro da Literatura Surda começou a ser possível, principalmente a partir do reconhecimento da LIBRAS e do avanço das redes sociais, filmagens, DVD/CD, que possibilitam o registro de formas visuais, como a Literatura Surda. Existem diversas obras surdas compartilhadas em várias comunidades surdas, através de encontros de surdos, festivais, seminários e outros.

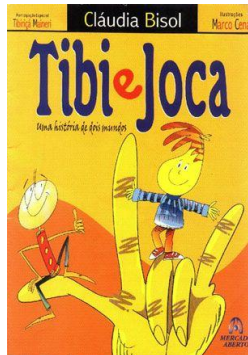
Neste sentido, o objetivo deste artigo é apresentar e expor a Literatura Surda e os direitos de expressão das mãos literárias, através de suas produções em vários gêneros literários diferentes. Discutirei um pouco os tipos de obras, as representações das ilustrações e alguns gêneros da Literatura Surda.

Existem livros de literatura clássica traduzidos e adaptados da língua portuguesa para a língua de sinais (disponíveis em DVD/CD). Alguns exemplos são, Cinderela Surda (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003); Rapunzel Surda (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003); Patinho Surdo (ROSA; KARNOPP, 2005); Adão e Eva (ROSA; KARNOPP, 2005); O Feijãozinho Surdo (Kuchenbecker, 2009), publicados

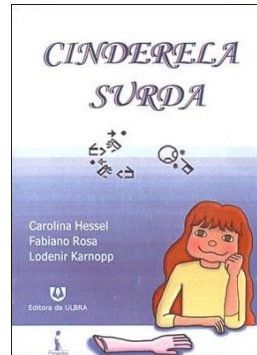
¹ Usei neste artigo parte da minha dissertação, para saber mais e ver a versão completa, acessar o site UFRGS - <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>

² *Sinalidade* é o termo que utilizo neste trabalho para a produção linguística em sinais de surdos, assim como o termo oralidade é tradicionalmente utilizado para o ouvinte. (MOURÃO, 2011)

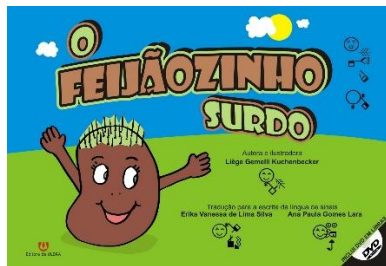
pela Editora Ulbra. As Luvas Mágicas do Papai Noel (Mourão e Klein, 2012); A Fábula da Arca de Noé (Mourão, 2013) são adaptações de clássicos da literatura, além do Casal Surdo (Couto, 2010) e Tibi e Joca (Bisol, 2001), criações de escritores, entre outros, conforme as imagens abaixo:



Cláudia Bisol, 2001



Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp, 2003



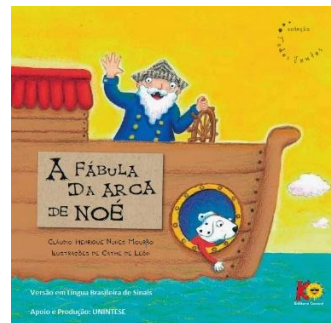
Liége Kuchenbecker, 2009



Cleber Couto, 2010



Cláudio Mourão e Alessandra Klein, 2012



Cláudio Mourão, 2013

Por exemplo, sabemos da história da Cinderela, contarei uma parte das cenas: no baile, a Cinderela estava dançando com o Príncipe, porém chegou a hora que ela deveria ir embora, antes que tudo se transformasse. Deixou o príncipe e foi na direção da escada, na saída do Castelo, e perdeu o quê? O sapato. Exatamente o

mesmo acontece na adaptação para Cinderela Surda. Nesta história, a parte das cenas no baile, onde a multidão é de ouvintes, Cinderela e Príncipe são surdos, e descobriram que têm identidades surdas. De repente, a Cinderela Surda percebeu que deveria ir embora antes da meia noite. Neste momento, deixa o Príncipe surdo, corre na direção da saída do Castelo, descendo a escada e perde o quê? A Luva. Qual é motivo da luva? A luva indica que a Cinderela usa a língua de sinais, é a valorização da cultura surda e a riqueza linguística. Isso é fundamental para passar os valores para as crianças surdas, que na contação das histórias subjetiva os valores e a autoestima, pois se reconhece na cultura surda, sua língua de sinais e na comunidade surda.

As comunidades surdas brasileiras e estrangeiras reúnem grandes artistas surdos, quando organizam festivais, por exemplo, onde mostram desenhos, pinturas, esculturas, ilustrações, atores e outras manifestações artísticas surdas. Ocorrem também artes literárias, com as mãos literárias por trás das metáforas produzidas em língua de sinais.

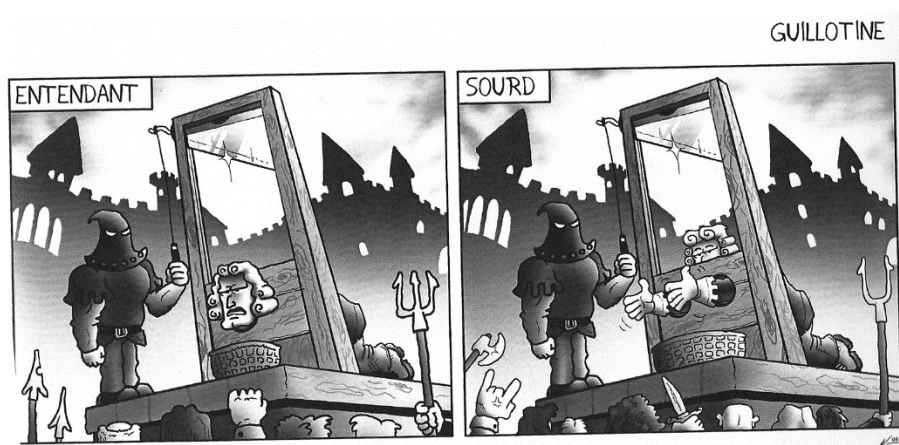


Autor e ilustrações de Jorge Bossro, 2002.

Podemos ver acima as ilustrações de uma curta história, do autor Jorge Bossro³, surdo argentino, com a qual a comunidade surda se identifica, pois reconhece semelhanças. O que representa isso? Qual é, na cena, a mensagem principal, o que se identifica por trás disso?

Vamos imaginar, no meio da rua, a noite, as sombras das árvores, pouca luz, de repente um fantasma aparece atrás do sujeito ouvinte, que percebe algo de errado, um ruído, um som, e sentiria, imediatamente, os efeitos do medo. Veio se aproximado do sujeito, o ruído cada vez mais intenso, Buuuuuu! Como sentiria isso? Teria um enfarte, ou ficaria com as pernas tremendo, ou correria gritando, não é?!

Para o sujeito surdo, as sensações seriam exatamente as mesmas, mas a diferença é que ele não sentiria medo, pois não iria ouvir os ruídos, apesar do fantasma ter se esforçado para atingir a maior altura possível do som. O sujeito surdo sentiu a vibração no corpo, e o vento que veio pela boca do fantasma apagou a vela. Mas por que o sujeito surdo mostra expressão de raiva quando avisou que é surdo? Que representação é essa? No meu ponto de vista, ele ficou com raiva porque a vela foi apagada, pois precisamos de luz para nos comunicar visualmente em língua de sinais. Para o sujeito ouvinte, com ou sem luz, existe a possibilidade de comunicação na língua oral, transmitida através do som.



Megias Nicolas Junior

³ Ilustrações de Jorge Bossro – Disponível em: <<http://notisurdo.com.br/quadrinhosordo.html>>. Acesso em: 16 nov.2014.

O surdo Megias Nicolas JR, da Suíça, cartunista, autor do livro de quadrinhos intitulado “*Sourds et Quiproquos*” volume 1 a 4 (2007-2013), desenvolve tiras de quadrinhos de até 4 cenas. O foco é expressar identidades e histórias surdas, representando as semelhanças entre nossas identidades, no convívio da comunidade surda, com humor e ficção, e até alguma ironia ou provocação com os ouvintes. Por exemplo, a ilustração acima mostra duas cenas diferentes; do lado esquerdo a pessoa a ser executada é ouvinte (entendant), será decapitado e perderá a cabeça; a direita, um surdo (sourd), que terá as mãos amputadas. Que representação é essa? A piada faz referência ao Congresso de Milão, em 1880, quando da proibição do uso da língua de sinais nas escolas de surdos, que se estendeu por um século, significando a morte da língua para os surdos. Sabemos que as línguas de sinais não foram extintas, e permaneceram vivas, mesmo que escondidas no meio da sociedade e das escolas.

CHIEN DANGEREUX



Megias Nicolas JR.

Acima uma ilustração do mesmo autor, Megias Nicolas JR, que mostra um ladrão no portão em frente a uma casa, e na placa diz: PERIGO, CACHORRO SURDO (tradução nossa). O que representa? Parece que não existe cão surdo, mas muito pelo contrário. Existem cães surdos em todos os territórios, e podem até morder caso sintam seus territórios invadidos, percebendo inclusive pelo olfato, e até mesmo podem receber comandos em língua de sinais, exatamente como na língua falada, com os mesmos comandos, por exemplo, sentar, fora, passear, comida, etc.

Existem muitas artes surdas que representam a identificação da comunidade surda, expressam sentidos e valores das mãos e olhos em língua de sinais, situações

opressivas, suas emoções e suas histórias. Mas também existem outras obras das artes surdas, que não utilizam este tipo de representação.

71

O vídeo da autora Carolina Hessel Silveira, intitulado “A princesa e o sapo”⁴, um clássico da literatura adaptado para língua de sinais, produzido no projeto de Literatura Surda, coordenado por Profa. Dra. Lodenir Karnopp, foi traduzido para o português escrito por Luiz Daniel Rodrigues. Abaixo o texto completo:

A PRINCESA E O SAPO

Em um belo castelo havia uma princesa na janela. Perturbada, ela refletia sobre como era ruim o fato de onde quer que ela fosse, não conseguia se comunicar com as pessoas. De repente sentiu alguém lhe puxar o vestido. Era o sapo. Ele humildemente se propôs a ser intérprete da princesa.

- Tu, servir de intérprete para mim? Tu és pequenino, e como farás configurações de mão se tens apenas três dedos?

- Mas bastará que me dê um beijo... e serei teu intérprete!

- Eu? Dar um beijo em você? Espera, que eu vou pensar.

A princesa foi se deitar e ficou refletindo: - Mas como, beijar o sapo? Bem, seria bom se ele viesse a ser meu intérprete.

Pensou, pensou e no dia seguinte foi procurar o sapo.

- Mas como, eu tenho que te beijar?

- Sim, um beijinho rápido apenas.

Então a princesa ergueu o sapo e lhe deu um beijo. Na mesma hora ele se transformou em um intérprete. Então os dois passaram a ir a muitas palestras e diversas outras coisas.

Pode-se identificar qual é a representação? Pode ser que princesa surda esteja isolada e lhe falte comunicação, ou que está preocupada com o povo que desconhece sua língua de sinais, e é necessária uma comunicação entre eles.

Portanto, o sapo príncipe que se transforma em humano será o intérprete que acompanha a princesa em todos os lugares, mas não para casar. Isto não significa ser dependente, mas sim a valorização da comunicação, respeitado o profissional de tradução e intérprete de língua de sinais. Da mesma forma que ocorre com os presidentes em seus países, que são acompanhados por profissionais tradutores ou

⁴ Para ver vídeo em LIBRAS. Disponível em: < <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=405caf202> > . Acesso em: 4 nov. 2014.

intérpretes das línguas faladas na Organização das Nações Unidas (ONU) ou em outros eventos similares.

Outro exemplo de poesia em língua de sinais é o autor John Maucere, surdo americano, que tem uma poesia intitulada “*Nourish and Embrace... it will Thrive*”⁵, publicada no *Youtube* em 05/02/2012, e que teve mais de 17 mil acessos. Veja abaixo o texto traduzido pela TILS⁶ Adriana Arioli – UFRGS:

Duas flores nasceram e desabrocharam. Conheceram-se e divertiram-se juntas ao sabor do vento, até o momento que se apaixonaram, e viram a semente de uma nova flor. Aguardaram ansiosas até que a florzinha germinou. Foi uma festa.

A pequena flor, contente, tentando se comunicar, olha para uma das flores e sinaliza:

_ Oi.....

Olha para outra e repete:

_ Oi.....

Ambas, muito contentes, não respondem, mas a agitação continua.

Nova tentativa de contato da florzinha, e ela está sinalizando:

_ Eu amo vocês!!!!

Assim como antes, as duas flores, apesar de contentes, olham para a florzinha sem entender o que significa aquele sinal.

E assim ela cresce, mas a comunicação entre as flores e florzinha murcha. Ela então se fecha, e mantém seu isolamento.

As duas flores apreensivas, percebendo que florzinha estava murcha, fizeram um esforço e sinalizaram para ela:

_ Nós te amamos!!!!

Ela então, que antes estava triste e murcha, visualizou as flores sinalizando para ela, e contente desabrochou novamente. E a alegria voltou.

Florzinha, feliz, sinaliza:

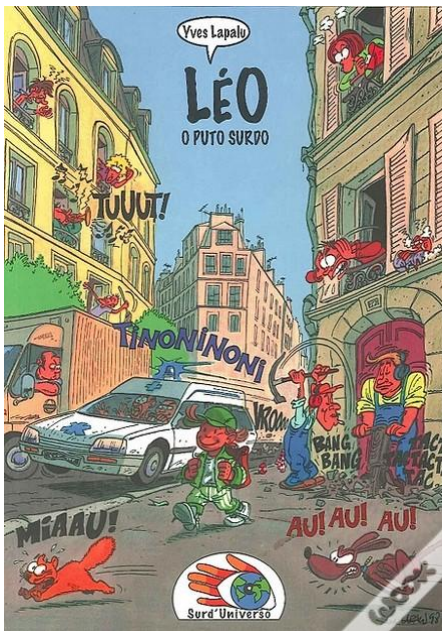
_ Eu amo vocês!!!!

Para nós, comunidade surda, a poesia sinalizada provoca efeitos emocionantes, e ao mesmo tempo podemos ter sentimentos de angústia, enfim, podemos imaginar mil razões. Um ponto de identificação e significado com o autor são as experiências visuais compartilhadas pela comunidade surda, ou também pode ser pelo sentido de opressão, quando os pais não aceitam o filho surdo e sua língua de sinais. Por fim, o sinal de I LOVE YOU (eu amo você) não só significa amar aos pais, mas também a si mesmo e, ainda mais, sinalizando desta forma como se fosse uma salvação, mostrando reconhecimento da sua identidade surda e valorização da

⁵ Vídeo em língua de sinais. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=5e4w0f8fYhc&list=PLD0FD614265535B94> >. Acesso em: 12 nov. 2014.

⁶ TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais.

língua de sinais. No Brasil existem manifestações literárias em língua de sinais produzidas em vários gêneros, como por exemplo, poesias e narrativas em língua de sinais, obras traduzidas, adaptadas ou de criação. Alguns vídeos estão disponíveis para visualização no site Literatura Surda (www.literaturasurda.com.br), com ou sem legenda em português e audiodescrição para cegos.



Yves Lapalu

“Léo, o puto⁷ surdo” (ao lado imagem da capa) é uma revista de história em quadrinhos, em que Léo, surdo, convive na comunidade surda. Esta revista é de autoria e ilustrada por um surdo francês, Yves Lapalu, originalmente publicada em francês, e foi traduzida para o português pela Editora Surd'Universo, livraria portuguesa, em Lisboa, Portugal. Esta revista é conhecida da comunidade surda europeia. Um artigo foi publicado fazendo a análise desta revista, com o título “Léo, o puto surdo analisando uma obra”⁸ (Mourão, 2009), onde é feita

uma relação da cultura surda na atualidade e a comunidade surda.

Para finalizar, a Literatura Surda está em processo de produção, adaptação e tradução em vários gêneros literários, cada vez mais se ampliando as possibilidades tecnológicas, redes sociais, vídeos e impressos. Estas formas de expressão ainda são desconhecidas pela sociedade e precisamos mostrá-las para todas as escolas. Os surdos têm direito de expressão, de mostrar para as crianças surdas que temos nossas histórias e mãos literárias, principalmente, nosso orgulho de ser surdo, da língua de sinais e da cultura surda.

⁷ Puto, tradução em Portugal, aqui no Brasil, é menino ou criança. (MOURÃO, 2009, p. 1)

⁸ Acessa blog <<http://cacaumourao.blogspot.com.br/>> e clica um artigo nesse tema ao lado direito.

REFERÊNCIAS

- BISOL, C. **Tibi e Joca**: uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- COUTO, Cleber. **Casal feliz**. Ilustrações: Cleber Couto, Belém,PA: [s.n.], 2010.
- KARNOPP, L. B. Literatura surda. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n.esp., p. 2, 2006.
- KUCHENBECKER, Liège Gemelli. **Feijãozinho surdo**. Canoas, RS: ULBRA. 2009.
- LAPALU, Yves. **Leo, o puto surdo**. , Lisboa: Surd´Universo, 2006.
- MEGIAS JÚNIOR, Nicolas. **Sourds et Quiproquos**, v.1 a 4, 2007/2011. Disponível em: <www.wanimas-3d.ch>. Acesso em: 16 nov. 2014.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **A fábula da arca de Noé**. Porto Alegre: Cassol, 2013.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. “Léo, o puto surdo”: analisando uma obra. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2009, São Leopoldo. **Anais de....** São Leopoldo: Casa Leiria; Unisinos, 2009. 1 CD-ROM. (Educação, tecnologias: sujeitos (des)conectados?).
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura surda**: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. 2011. 132f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>>. Acesso em: 12 nov. 2014.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes; KLEIN, Alessandra. **As luvas mágicas do Papai Noel**. Porto Alegre: Cassol, 2012.
- ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Patinho surdo**. Canoas: ULBRA, 2005.
- ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Adão e Eva**. Canoas: ULBRA, 2005.
- SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. **Cinderela surda**. Canoas: ULBRA, 2003.
- SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. **Rapunzel surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008. p. 21-27

CAPÍTULO 6

NARRATIVAS DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS: CONQUISTAS E DESAFIOS

NARRATIVAS DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS: CONQUISTAS E DESAFIOS



*Aryane Santos Nogueira
Vanessa Regina de Oliveira Martins
Ellen Cristina C. T. Oliveira*

Traduzir não significa exclusivamente substituir palavras de um idioma por palavras do outro, mas transferir o conteúdo de um texto com os meios próprios de outra língua (SOBRAL, 2008, p. 78).

Historicamente o trabalho de interpretação/tradução da LIBRAS¹/português e/ou do português/LIBRAS caracterizou-se como algo solitário, uma vez que, em eventos gerais, contratava-se apenas um profissional para atuar o dia todo, ou o evento inteiro. Tal modelo derivou-se da perspectiva eclesiástica, local de início da atividade de tradução, num caráter assistencial, conforme apontam algumas pesquisas (SOUZA; ROSA, 2006; ASSIS SILVA, 2012, entre outros). Em eventos, portanto, este profissional além de estar sozinho, contava com o desafio de ser questionado por outros intérpretes que o assistiam, sendo comuns enunciados como: “a tradução realizada não está boa”, “eu usaria 'x' sinal para falar esse conceito”; “a escolha tradutória foi infeliz”; “veja a roupa que está vestindo”. Por mais interessante e necessária que seja a reflexão da prática do intérprete, esse sentimento de fiscalização além de não ajudar na formação de quem atuava no momento da ação, gerava desconforto quando se sabia que a plateia contava com outros profissionais intérpretes da língua de sinais. Certamente, o desgaste e o cansaço da atividade geravam baixa qualidade na sinalização, depois de um tempo da atividade sem revezamento.

Iniciamos retomando um pouco do que foi o percurso de muitos profissionais da área para com isso marcar algumas conquistas no campo da tradução da LIBRAS, tanto na profissionalização de intérpretes, e

¹ Língua Brasileira de Sinais.

consequentemente no amadurecimento da relação de parceria e respeito entre estes profissionais, quanto na contratação de uma equipe de intérpretes para haver o revezamento e auxílio no ato tradutório. E nesse caso, a parceria entra não como crítica sem retorno, mas como pulsão para a realização de uma tradução melhor, no momento em que ocorre a mesma. Neste caso, apontamos a recente tarefa do intérprete de apoio (o que fica sentado próximo ao intérprete em atuação para auxiliá-lo em um sinal ou em algo da fala do palestrante que se perdeu durante a atividade), função que opera na linha de cooperação tradutória com o intérprete do turno (o que está em atividade). Faremos isso compartilhando ao longo do texto nossa experiência de tradução/interpretação² do evento “III Setembro Azul - Direitos humanos em questão: a universidade pública pode se fazer falar em LIBRAS?”, promovido pela UNICAMP. Evento que foi marcado pelo avanço no compromisso com a comunidade surda, uma vez que se teve respeitada a posição do intérprete como participante do evento e não como mero instrumento de transposição de discursos.

O evento III Setembro Azul aconteceu no dia 12 de setembro de 2014, abrangendo os períodos da manhã e da tarde e contou com a participação de palestrantes surdos de diferentes regiões do país³. Destacamos que os surdos foram os principais agentes na organização do referido evento, sendo assim, a escolha da equipe de intérpretes também partiu deles, como já apresentado em outros relatos presentes nesta publicação.

Tal como Quadros (2004), entendemos que tanto para a profissionalização, quanto para o aprimoramento do trabalho intérprete/tradutor de LIBRAS/português foi e ainda é fulcral a maior participação dos surdos nas discussões sociais e no desempenho de sua condição de membro da sociedade, sendo a organização deste evento um

² A intenção de apresentarmos aqui alguns relatos de nossa experiência é porque consideramos a validade que tem este tipo de registro: por se tratar de memória/história, importante para área da surdez como um todo e, especialmente, para a área da tradução e interpretação (tendo em conta, inclusive, que este é um campo que ainda carece de legislação/regulamentação/reflexão sobre a atuação deste profissional nos mais diferentes espaços).

³ Para mais detalhes sobre o evento ver Resumo das palestras no Capítulo 1, p.15 desta obra.

exemplo claro disso. Destacamos que todas as iniciativas de envio de materiais antecipadamente para o grupo de intérpretes selecionados para trabalhar no evento partiram dos surdos, em especial, de uma representante surda escolhida para negociar os materiais com os palestrantes e enviar à equipe. Nota-se a seriedade e o esclarecimento dos surdos sobre a importância do preparo prévio para a atuação, desmitificando a ideia de que para traduzir bem basta conhecer a língua de sinais, independente do contexto a ser traduzido. Neste sentido, compreende-se que há uma esfera discursiva e o intérprete deve conhecer sobre a temática para fazer as melhores escolhas lexicais durante a atividade tradutória: não se traduz qualquer coisa, ou melhor, se é zelado o compromisso com o texto traduzido, há que se envolver e aprofundar num campo de atuação específico.

Mostrando-se alinhada à atuação da organização do evento, uma das primeiras ações da equipe de intérpretes foi justamente a de se estruturar de maneira que o esquema de revezamento e cooperação entre os intérpretes fosse respeitado durante todo o evento. Como contávamos com quatro integrantes, a cada palestra uma dupla de intérprete do turno – intérprete de apoio assumia a responsabilidade pela tradução/interpretação do conteúdo. Mesmo assim a outra dupla sempre se fez presente, demonstrando-nos que a parceria em todos os momentos só pode conduzir à qualidade do processo tradutório.

Tal parceria, além do delineamento prévio do esquema de trabalho, também se mostrou efetiva no que se refere à tradução simultânea de sinais regionais ou de instituições locais considerando as diferentes localidades dos palestrantes. Isso por que: a) cada dupla de intérpretes pôde contar com acesso antecipado às apresentações (em PowerPoint) sob sua responsabilidade com tempo hábil para realizar as pesquisas que julgasse necessárias e b) a inserção de alguns dos palestrantes na rede de compartilhamentos de vídeos YouTube foi fundamental para que nós, intérpretes, pudéssemos visualizar materiais anteriormente produzidos por eles, o que permitiu o aprendizado de sinais específicos de entidades locais e a familiarização com regionalismos.



A tecnologia, portanto, tem se mostrado uma grande aliada para o processo de formação dos intérpretes (RUSSO, 2009): tanto para a reflexão de sua atuação na medida em que pode se filmar, quanto na ampliação de vocabulário e na visualização de materiais disponíveis nas redes sociais e em domínio público (internet). Ao mesmo tempo, autores e pesquisadores vêm apontando a presença cada vez maior dos surdos nas novas tecnologias, principalmente no que se refere às redes sociais e outras ferramentas de comunicação e compartilhamento (cf. GARCÊZ, 2006; NEVES, 2009; FESTA, et al, 2013; entre outros). Assim como a tecnologia tem contribuído para maior interação e participação dos surdos nos mais diversos espaços, consideramos que ela seja importante não só por esse aumento no número de interações, mas principalmente porque amplia as redes de interação (NOGUEIRA, 2014) entre surdos – surdos, entre surdos – ouvintes e, no nosso caso, entre surdos – intérpretes, visibilizando, entre outros fatores, a circulação da língua de sinais e de práticas culturais surdas que outrora eram, de modo geral, silenciadas pela exclusividade de circulação da escrita e menor uso de materiais visuais.

Durante as apresentações dos palestrantes surdos, deparamo-nos, principalmente, com dois tipos de discursos (ALBRES, 2010): discurso informativo-argumentativo de caráter técnico-científico e o discurso poético. Buscamos fazer a voz⁴ dos palestrantes fugindo de um modelo de interpretação oral monótono e até mesmo cansativo para os que acompanhavam o evento (ALBRES, 2010), desta forma, não afirmamos a não interpretação de “palavra-palavra”, mas a ideia, uma reformulação que exige domínio da língua de partida e da língua de chegada.

⁴ Optamos pela expressão “fazer a voz”, pois acreditamos que o surdo ao sinalizar se pronuncia e se faz falante em língua de sinais, desta forma, o uso da expressão “dar a voz” parece suscitar que, apenas com a presença do intérprete, o surdo pode se enunciar. Uma visão, para nós, ainda muito assistencial e que pode permear um ideário que não queremos afirmar: a voz do surdo é enunciada em seus movimentos, cabe-nos trazê-las para a língua oral, permitindo que seus enunciados transitem entre pessoas que não conhecem a língua de sinais, no caso, falantes da língua portuguesa e não conhecedores da língua de sinais, ou com pouca fluência.



Assim, como aponta Albres (2010, p. 292) “[...] a voz é o espelho das emoções, pois nela transparece o estado de espírito, a credibilidade da enunciação, e a função que seu discurso quer afetar.” Desta forma, considerando o caráter político do conteúdo das palestras – sobretudo nos momentos em que predominavam exposições de caráter técnico-científico – do próprio evento em si, e claro, o compromisso político também destes intérpretes, nos pareceu impensável não buscar uma fala, por meio de escolhas lexicais e de modulação, que mantivesse uma correspondência ética com os discursos que estavam sendo apresentados.

A mesma preocupação se deu no momento em que foi necessária a tradução/interpretação de poesias, quando o compromisso com o modo de apresentação da fala oral foi de suma importância para a competência tradutória deste tipo de discurso. A parceria do intérprete de turno com o intérprete de apoio foi fundamental para auxiliar nas escolhas lexicais, pois os sentidos dados pareciam múltiplos: com a leveza das mãos, as metáforas trazidas, no caso, metáforas sobre o contexto político do movimento surdo em Brasília – a presença da presidente Dilma na cena e, no outro espaço, a caminhada de surdos e ouvintes para a petição/cobrança por escolas bilíngues – interlaçadas ao momento atual de eleições. O uso de classificadores e de expressões não manuais marcavam características do gênero poesia e nos impuseram um lugar de angústia com o enunciado e comprometimento com a tradução.

Nesse momento, lembramos novamente com Albres (2010, p. 301) que “[...] no uso da entonação revelamos elementos importantes para a construção de sentido. A prosódia está no âmbito da sentença e revela, entre outras questões, o que enfatizamos para nosso interlocutor.” Portanto, procuramos cuidar da prosódia para que, de fato, se consolidasse uma aproximação cultural na transposição dos enunciados poéticos da língua de sinais para a língua portuguesa. Sem dúvida, essa atividade se apresentou desafiadora para nós intérpretes, uma vez que a sinalização do palestrante e os

vídeos apresentados eram de uma imersão visual com especificidades da língua e cultura surda, que traduzi-las para o português foi um dos maiores desafios do evento. Uma orientação para posteriores eventos seria não só o envio prévio das apresentações em PowerPoint, mas também o envio dos vídeos para refletirmos nas escolhas tradutórias não no momento primeiro em que temos contato com o material.

Consideramos, portanto, que o ato de traduzir é uma responsabilidade imensa, e foi cumprido com muito cuidado pelas intérpretes que buscaram o conhecimento para a atuação. Refletindo sobre nossa atuação no evento, consideramos que ter consciência do ato de fazer a voz do outro é ter compromisso com a verdade, pois por um equívoco de expressão o palestrante pode ser entendido erroneamente, e perpetuar-se no “ ele disse isso em tal congresso”, e um pensamento, uma identidade e/ou uma pesquisa, pode ser colocada em xeque por expressões mal colocadas.

Nesse sentido, retomamos aqui a epígrafe apresentada na abertura deste texto para anunciar a nossa posição sobre a atividade tradutória, dado que esse posicionamento dirigiu as ações da equipe de intérpretes aqui apresentadas: apoiamo-nos nos estudos de Sobral (2008), na obra “Dizer o ‘mesmo’ a outros: ensaios sobre tradução”, para marcar a não instrumentalização de tal tarefa e, ainda, a participação criativa do intérprete/tradutor como compositor da trama enunciativa que emerge no próprio ato tradutório, efeito de enunciados, não fixos, e produzidos na relação estabelecida com o outro, no caso, os palestrantes e o grupo que estavam presentes, bem como os interesses políticos que cada um movimentou no ato de fala. Sendo assim, a tradução/interpretação para LIBRAS não pôde ser tomada como simples transferência de signos de uma língua para outra, uma vez que o intérprete faz escolhas de léxicos, usando recursos que encontra na língua de chegada, e os toma a partir de seu campo de leitura de mundo (SOBRAL, 2008).

Essa escolha deve ser rápida, pois na medida em que um enunciado é gerado na LIBRAS, outras formulações estão sendo elaboradas sobre a fala



posterior para gerar novos enunciados – uma ação em cadeia que necessita de habilidade para o cumprimento em tempo síncrono, modelo proposto para a interpretação simultânea. E neste momento, a partilha e a cooperação do intérprete de apoio são fundamentais. Se o intérprete do turno não encontra referente para a tradução, ele pode recorrer a seu apoio, que tem como função atuar na retaguarda. Por isso, exige-se dele a atenção e o comprometimento com a escuta da palestra do mesmo modo que o intérprete que está atuando, bem como acompanhar a interpretação realizada.

Não se pode prever um discurso completamente. Mesmo com toda a preparação e estudo dos materiais, é natural a presença de regionalismos sem conhecimento prévio, isso ocorre pela naturalidade expressiva do discurso, e com isso precisamos de mais atenção no momento da tradução. Tal situação reforça a parceria entre intérprete do turno e intérprete de apoio, no entanto gostaríamos de destacar que a parceria entre intérprete – palestrante⁵ foi também de grande valia, pois eles acompanharam atentos a atuação das intérpretes, digitalizando sinais que julgavam não ser de uso comum de nossa região, sempre nos perguntando se estávamos acompanhando o raciocínio e se a velocidade dos sinais estava compreensível.

Com toda essa cumplicidade entre os profissionais envolvidos, o evento III Setembro Azul foi marcado por grandes momentos de interação e conquistas do movimento Surdo. A própria escolha do título do evento “Direitos humanos em questão: a universidade pública pode se fazer falar em LIBRAS?” nos pareceu ser o reflexo do momento histórico-político vivenciado pelos surdos dentro da universidade: a entrada de alunos surdos nos programas de pós-graduação vinha mobilizando esses alunos e a própria universidade para o provimento de intérpretes de LIBRAS/português também

⁵ A parceria intérprete - palestrante se estendeu ao longo dos momentos de preparação e execução do evento, por isso além dos materiais enviados antecipadamente e a busca de informações por meio da tecnologia, foi de esmera importância uma conversa prévia entre palestrantes e intérpretes antes do início do evento. Nessas conversas foram esclarecidos conceitos, linhas de pensamentos e até sinais que os palestrantes usariam, ajudando na decisão sobre qual palavra no português seria utilizada no momento do discurso.



em esquema de revezamento durante as atividades a serem por eles frequentadas. Deste modo, entendemos o evento não só como comemoração ao dia do Surdo, mas também como espaço para mostrar sua cultura, língua e força, reivindicando por acessibilidade e qualidade de estudos nas diversas instituições. Tomando esse fato como ponto de partida, nossas experiências interpretativas, aqui relatadas, não caberiam ser pensadas e/ou vivenciadas de outra forma.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N.A. Mesclagem de voz e tipos de discursos no processo de interpretação da língua de sinais para o português oral. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v.2, n.26, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p291/14232>>. Acesso em: 27 out. 2014.

ASSIS SILVA, C. A. de. **Cultura surda**: agentes religiosos e a construção da identidade. São Paulo: Terceiro nome, 2012.

FESTA, P.S.V.; GUARINELLO, A.C.; BERBERIAN, A.P. Youtube e surdez: análise de discursos de surdos no ambiente virtual. **Revista Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v.25, n.1, 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14919/11127>>. Acesso em: 9 nov. 2014.

GARCEZ, R.L.O. Entre o silêncio e a visibilidade: o Orkut como espaço de luta por reconhecimento do movimento social dos surdos. CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 1., 2006, Salvador. Anais do... Salvador: UFBA, 2006. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/Garcez_2006.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2012.

NEVES, G.V. Os surdos e as TIC's: O ambiente virtual como espaço de trocas interculturais e intersubjetivas. CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2009, São Leopoldo. **Anais do...** São Leopoldo: UNISINOS, 2009. (Educação e tecnologias: sujeitos (des)conectados?). Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/266894560_OS_SURDOS_E_AS_TIC's_O_AMBIENTE_VIRTUAL_COMO_ESPAO_DE_TROCAS_INTERCULTURAIIS_E_INTERSUBJETIVAS>. Acesso em: 23 dez. 2014.

NOGUEIRA, A.S. Práticas de letramento multimodais em ambiente digital: uma possibilidade para repensar a educação de surdos. **Revista Intercâmbio**, v. XXVIII: 19-45, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/19639/14513>>
Acesso em: 08 nov. 2014.



QUADROS, R.M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua Portuguesa.** Brasília: MEC: Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2004.

RUSSO, A. **Intérprete de língua brasileira de sinais:** uma posição discursiva em construção. 2010. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2010.

SOUZA, R. M. de ; ROSA, A. S. O lugar de formação do intérprete de língua de sinais. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 310-319, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/624.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

CAPÍTULO 7

**ATIVIDADE RECREATIVA COM
CRIANÇAS SURDAS NO III SETEMBRO AZUL**

ATIVIDADE RECREATIVA COM CRIANÇAS SURDAS NO III SETEMBRO AZUL



*Lilian Cristine Ribeiro Nascimento
Bianca Fiod Affonso
Carolina Pereira de Quevedo
Giovana Camargo Sacconi
Juliana Nagaoka de Castro
Laura Martins Fargetti
Letícia Peressinoto
Marli Miranda de Farias
Mateus Szente Fonseca
Tatiane Pinheiro de Souza*

Durante o III Evento Setembro Azul, alguns alunos das escolas públicas municipais de Campinas, Nova Odessa e Hortolândia compareceram acompanhando seus professores.

Uma programação especial foi organizada para estes alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. O Evento atraiu surdos de Campinas e região, outros municípios e até mesmo de outros estados. No entanto, as palestras e os debates eram direcionados ao público adulto. As crianças foram convidadas para este evento com a finalidade de se aproximarem da realidade da comunidade surda, suas lutas políticas, suas reivindicações e conquistas, porém numa perspectiva infantil. No encontro com outras crianças surdas de outras escolas e de outras cidades, experimentaram a convivência e a comunicação em Língua de Sinais, participaram de jogos e brincadeiras mediadas por esta língua e assistiram às atividades culturais junto ao público adulto do evento. A contação de histórias em LIBRAS pelo grupo Mãos de Fada encantou as crianças pela possibilidade rara de assistir a um teatro em sua própria língua e se deliciar com o mundo da Literatura Infantil. Uma vez que as histórias infantis têm o poder de construir o mundo infantil da imaginação e de ajudar as crianças a lidar com seus medos e conflitos (TATAR, 2004), essa oportunidade de ver

histórias em LIBRAS foi um momento não só entretenimento, como de poderoso valor subjetivo. Muitas crianças surdas têm pouco contato com esta forma de discursividade no ambiente familiar quando seus pais pouco dominam a LIBRAS e, assim, é essencial oportunizar a elas o contato com o mundo dos contos de fadas.



FIGURA 1 - Apresentação do grupo "Mãos de fada" no II Setembro Azul da UNICAMP

As brincadeiras foram realizadas em um espaço reservado às crianças, por monitores e monitoras, alunos de graduação em Pedagogia, Letras e Estudos Literários da UNICAMP.

Dentre os monitores participantes da atividade recreativa, nove se dispuseram a escrever suas impressões sobre a atividade realizada e são autores deste artigo. As considerações destes autores, organizadas a partir de um questionário elaborado pela primeira autora, são apresentadas a seguir.

Apenas duas monitoras já havia tido contato com crianças surdas; sete monitores afirmaram terem tido este contato pela primeira vez; uma experiência que as próprias graduações, que os preparam para serem professores, não lhes proporcionou até o momento. Houve, portanto, como relataram, sentimentos ambíguos que foram de insegurança ao encantamento, de medo ao prazer de interagir com as crianças. A sensação de "ser estrangeiro", ou "de ser excluído", apareceu no relato da maioria dos monitores. "Sentimos, naquele momento, o que os surdos sentem no dia-a-dia,



tanto na escola, quanto em qualquer outro lugar, em que a LIBRAS 'não' existe: 'rejeição'" (Letícia). "A sensação de estar fora do grupo, não fazer parte da atividade me fez ter uma pequena amostra do que a criança surda sente no mundo ouvinte" (Marli).

Colocar-se na situação do outro, verificar a própria fragilidade diante de outra língua, experimentar a estranheza e o incômodo diante do diferente podem ser elementos geradores de uma outra forma de educar. "A formação deveria se orientar muito mais no sentido de fazer com que os professores possam conversar com esses outros e que possam oferecer, dar a eles a possibilidade de conversarem entre si". (SKLIAR, 2014)¹

Para se comunicar com as crianças surdas, duas monitoras que haviam cursado a disciplina de LIBRAS em 2013 e que, atualmente, estagiam em espaços educacionais com surdos, e um monitor que também já teve aulas de LIBRAS no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), relataram terem usado a LIBRAS e se sentiram confortáveis nesta situação. Embora tenham tido a formação de apenas um semestre na disciplina de LIBRAS, o contato com as crianças nos estágios fez com que a aquisição da LIBRAS ocorresse de maneira significativa. Outras monitoras, que apenas iniciaram a aprendizagem da Língua de Sinais, uma vez que o evento ocorreu no primeiro mês do semestre da disciplina de LIBRAS na graduação que cursam, afirmaram que buscaram formas de se comunicar usando gestos, mímica, expressão facial e corporal, e datilologia. Perceberam, no entanto, que estas formas só possibilitam uma comunicação superficial, como a interação para uma brincadeira concreta. Uma monitora relatou ter tido vontade de "contar histórias" a partir dos livros disponíveis na sala, mas percebeu que havia,

¹ SKLIAR, Carlos. **Entrevista à folha dirigida**. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/noticias_detalle.asp?categ=1&cod=325>

para isso, a necessidade de conhecer profundamente a Língua de Sinais.

"Foi muito divertido brincar com as crianças, é incrível o quanto a linguagem corporal nos ajuda em situações nas quais não falamos a mesma língua que as pessoas com as quais nos relacionamos. Admito que no começo estava com medo de não conseguir me relacionar com as crianças, mas agora noto como as barreiras linguísticas não nos impedem de nos relacionarmos e aprendermos com o outro (aprendi várias palavras em LIBRAS com as crianças). É importante, porém, destacar o quanto senti falta de saber me comunicar em LIBRAS, creio que se trata de uma língua brasileira que deveria ser ensinada nas escolas tanto para surdos quanto para ouvintes desde cedo" (Laura).

Entre as brincadeiras realizadas, citaram desenhos, dobradura, jogos de regras (UNO, memória), pintura, confecção de brinquedo em sucata. Esta última atividade foi organizada pelo monitor Renato, estudante da Pedagogia, que levou também jogos de sucata confeccionados por ele.



FIGURA 2 - Atividades recreativas do III Evento Setembro Azul

"Nessa experiência pude conhecer o universo da criança surda, o qual, pude perceber, não difere em nada do de uma criança ouvinte. É claro que há a diferença física, mas eles, enquanto crianças, querem brincar, correr, gritar e fazer tudo quanto uma criança faz. A experiência contribuiu ainda para expandir a minha visão sobre o mundo surdo como um todo, fazendo crescer em mim a admiração, o respeito e a vontade de me engajar na luta dos surdos por seus direitos linguísticos e sociais" (Juliana).

A atividade de recreação no Setembro Azul é também um desdobramento da disciplina de LIBRAS no curso de Pedagogia da UNICAMP, ministrada, atualmente, pelas professoras Regina Maria de Souza e Lilian Nascimento (autora deste artigo), com a presença de professores surdos (em 2014, os professores surdos são Daniela Cury e Guilherme Silva de Oliviera). Embora a inserção da disciplina de LIBRAS nos currículos das Licenciaturas seja por apenas um semestre, observa-se que esta conseguiu despertar o interesse de alguns alunos em continuar a se desenvolver nesta língua, o que culminou na procura de estágios na área de educação de surdos, no caso de duas alunas da Pedagogia. Uma delas relatou: "Como estudante da LIBRAS, é muito gratificante um ambiente onde as crianças possam se comunicar com sua língua e, assim, possamos aprender com elas. Quando brincamos com elas, também as ensinamos, fazendo uma troca de saberes da qual eu e meus colegas saímos realizados" (Giovana).

Quando questionados se a atividade contribuiu para sua formação acadêmica, a resposta dos monitores foi unânime em afirmar que sim, como podemos verificar:

"Eu não havia tido contato com crianças surdas anteriormente e essa experiência me fez querer, ainda mais, aprender a língua (LIBRAS) e um dia ser capaz de lecionar, ou simplesmente servir como intérprete. Eles

fizeram-me ver tudo com outros olhos e me ensinaram que a verdadeira comunicação está em se divertir juntos, independentemente do fato de que falamos diferentes línguas" (Tatiane).

"A atividade contribuiu muito para a minha formação, pois na interação com as crianças surdas um aprendizado bastante dinâmico foi acontecendo. O aprendizado não somente de novos sinais, mas de novas dinâmicas, de modos de agir perante o novo, a uma situação incomum" (Bianca).

"Foi um momento de muita aprendizagem para mim, por estar acostumada a trabalhar com alfabetização ter um momento lúdico com crianças foi muito bom pra mim e acredito que para elas também" (Carolina).

Concluimos que a atividade foi um momento de aprendizagem para os alunos licenciandos que, pela interação espontânea durante brincadeiras e jogos, puderam experimentar o uso da Língua de Sinais e compreender a complexidade e importância desta Língua no processo educacional dos surdos, como afirmou um monitor:

"Foi um momento no qual aprendi - e me diverti - muito. O contato com crianças, sobretudo durante atividades como as brincadeiras, é um espaço importante de desenvolvimento e aprendizado, inclusive para nós. Quando consideramos o diferencial de um espaço privilegiado como esse, no qual as crianças podiam comunicar-se em LIBRAS, a importância ganha outra dimensão" (Mateus).

REFERÊNCIAS



SKLIAR, Carlos. **Entrevista à folha dirigida**. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/noticias_detalhe.asp?categ=1&cod=325>. Acesso em: 3 fev. 2014.

TATAR, Maria. **Contos de fadas**. Edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAPÍTULO 8

OS BASTIDORES DA ORGANIZAÇÃO DO III SETEMBRO AZUL: UMA VERSÃO OUVINTE

OS BASTIDORES DA ORGANIZAÇÃO DO III SETEMBRO AZUL: UMA VERSÃO OUVINTE

*Mirian Lourdes F. dos Santos Silva
Elaine Andrade Peres Fernandes*

A nossa identificação como ouvintes, termo que não é de uso comum para uma “auto - apresentação” (dificilmente alguém se descreveria por essa condição física) aparece pelo contraste com o outro que não é “igual”, isto é, uma identidade que se faz pela diferença. (LULKIN, 2000, p.19).

Como apoiadoras ouvintes e membros da Comissão Organizadora fomos inspiradas a escrever sobre os bastidores da organização do III Setembro Azul, realizado na UNICAMP, e com isso relembrar os fatos que ocorreram, as pessoas envolvidas, o caminho que tivemos que traçar, planejando cada passo, desde as reuniões de grupos para discutir os detalhes, a distribuição de tarefas e a definição de funções. Não podemos dizer que é uma tarefa simples, pois o sentimento de pertencimento e não pertencimento é constante, afinal somos ouvintes, mas partilhamos de um ideal em prol da valorização da Cultura e da Comunidade Surda. Cultura essa que não nos pertence, por isso é o olhar para o outro e o exercício constante da aceitação da diferença, sem cair nas armadilhas do *Ouvintismo*¹ e nem refletir anos de colonização sobre um povo: os Surdos. Desta forma, o presente evento foi uma conquista da força de líderes surdos e também de apoiadores ouvintes junto ao Movimento Surdo.

O III Setembro Azul contou com um diferencial, por sugestão da professora Regina Maria de Souza foi escrito um Projeto com o intento de buscar subsídios para a realização deste, já que os dois eventos anteriores não obtiveram financiamento, o que dificultou a sua efetivação e exigiu um trabalho externo de militância e ativismo para a obtenção de recursos financeiros.

¹ Vale ressaltar que o termo está pautado em Skiliar (1998) que define *Ouvintismo* como “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 1998, p. 15).

Vale ressaltar que a maioria dos envolvidos diretamente na construção deste evento eram membros dos grupos de pesquisa, no campo da educação de surdos, da Faculdade de Educação da UNICAMP², sendo que a Comissão Organizadora contava com número significativo de surdos atuantes e também com apoiadores ouvintes. O primeiro passo foi a definição do tema que seria abordado pelo evento "*Direitos humanos em questão: a universidade pública pode se fazer falar em LIBRAS?*". Levantamos tópicos e começamos o rascunho do projeto. Depois, preparamos as sugestões de nomes dos possíveis palestrantes tendo como prioridade os intelectuais/líderes surdos e, posteriormente, nas apresentações culturais foram abertas a possibilidade de atuação conjunta de surdos e ouvintes de modo a valorizar o uso e a difusão da LIBRAS como segunda língua oficial do Brasil. Em seguida, discutimos e fizemos a previsão dos gastos que teríamos. A partir desse momento, iniciou-se o trabalho de organização do evento propriamente dito.

Apresentamos o rascunho do projeto à professora Regina. Ela e a professora Daniele Rocha passaram dez horas consecutivas debruçadas em frente ao computador escrevendo a versão definitiva do projeto, preocupadas em articular o evento com o Projeto "Diferenças e Subjetividades em Educação: práticas didáticas no ensino bilíngue para surdos"³ coordenado por ela e pela professora Lilian Cristine Ribeiro Nascimento, visto ser essa uma das exigências da FAEPEX para oferecer financiamento à realização do evento.

A partir do momento em que o projeto Setembro Azul foi encaminhado à FAEPEX, para ser submetido à aprovação, iniciou-se a espera pelo resultado. Foram longos meses de ansiedade, uma espera nada tranquila, pois a UNICAMP, paralelamente a entrega do projeto, entrou em greve, o que atrasou a avaliação e a divulgação do resultado. Mesmo sem o retorno da FAEPEX, resolvemos marcar uma reunião em junho com o objetivo de discutir as

² Os grupos são: GSE - Grupo Surdo de Estudos em Educação; GES - Grupo Estudos Surdos e GESTEC - Grupo de Estudos Surdos e Novas Tecnologias coordenados, respectivamente, pelas professoras: Regina Maria de Souza, Lilian Cristine Ribeiro Nascimento e Heloísa Andreia de Matos Lins.

³ CAPES PE 1425/2013

diretrizes do evento. Dividimos, neste dia, as tarefas e decidimos criar um grupo na rede social para facilitar e agilizar as discussões. Por conta de sermos muitos, o grupo tinha ao todo 18 membros, quando iniciávamos uma conversa, quem não estava participando acabava não sabendo o que havia sido discutido. Decidimos, diante desse impasse, criar um grupo fechado no Facebook denominado Setembro Azul. Com o grupo ficou bem mais fácil a organização de reuniões, informações, a tomada de decisões, a escolha de caminhos, a adição arquivos e, depois do evento, a postagem das fotos. Acabou sendo uma excelente ferramenta de trabalho e se constitui em um espaço democrático, onde dividíamos nossas angústias, ansiedades e ideias.

Posteriormente, o auditório da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP foi pré-reservado para o evento, tendo em vista sua capacidade e seu espaço, porém, como o tempo foi passando sem nenhum retorno, resolvemos cancelar a reserva do auditório, pois esta teria altos custos. E mesmo sem a liberação da verba, decidimos que o evento seria realizado, porém não mais com os mesmos convidados e sim com convidados surdos da região, para eliminar gastos. Em julho, a professora Regina conseguiu que o auditório da ADunicamp fosse cedido pela entidade para sediar o evento. No dia 21/07/2014, recebemos a notícia, através da professora Daniele Rocha, que o projeto havia sido aprovado, mas com verba menor do que a solicitada.

Neste contexto, pouco nos importamos com essa redução de recursos, pois a satisfação de podermos contar pela primeira vez com recursos financeiros para realização do evento foi contagiante, iniciamos uma corrida contra o tempo. Tínhamos apenas cinquenta e três dias para colocar todo plano em prática. Com a emoção a flor da pele e com o cronograma de ações definido, nos dividimos e iniciamos uma nova fase do trabalho.

Daniele Rocha entrou em contato com os palestrantes Surdos, fez todos os trâmites para a vinda deles; as professoras Regina Maria de Souza e Lilian Cristine Nascimento ficaram com a parte operacional (translado, checagem das

passagens, busca de hotéis e providências outras); o Teatro foi contratado e confirmado. Buscamos apoio da equipe de eventos da Faculdade de Educação, através da Thaís Rodrigues Marin e do Duini Magalhães Redondo, fundamental para que os certificados, filipetas com endereço dos restaurantes, crachás, folder, inscrições do evento ficassem perfeitos.



Luciana Aguera Rosa e Otávio Bortoluzo De Lorenzo, também membros da comissão, elaboraram os certificados e o comitê executivo se encarregou de preencher e revisar cada um: dos palestrantes, dos intérpretes, dos participantes, da comissão organizadora e das atividades culturais. Daniele Rocha fez as cartas convites, a professora Lilian Nascimento e a professora Elaine Andrade ficaram responsáveis pelas atividades com as crianças surdas. A professora Lilian conseguiu que o evento fosse filmado na íntegra e também ficou responsável pela coordenação financeira deste.

As inscrições para o evento iniciaram no dia 18/08/2014 e todos os envolvidos tiveram um papel fundamental na divulgação, pois tínhamos um prazo muito curto e precisávamos de rapidez para que as prefeituras tivessem tempo hábil para liberação dos profissionais e dos alunos surdos, pois os mesmos necessitariam de autorização dos pais. Os surdos da comissão - Daniele Rocha, Guilherme Oliveira, Maria Carolina Bonfim, Luciana Aguera Rosa e Otávio Bortoluzo De Lorenzo - se encarregaram de produzir um vídeo em LIBRAS para divulgação do evento pela internet. Disparado o folder nas redes sociais, o teor dos comentários sobre o evento foi bastante positivo. Dessa forma, em duas semanas, o número de inscritos havia ultrapassado a quantidade de lugares disponíveis no auditório, onde se realizaria o evento.

Preocupados com a decoração e principalmente com os alunos surdos que iriam ao evento, membros da comissão foram conhecer o auditório da ADunicamp. Verificaram que o camarim era um bom espaço para ser utilizado com esses alunos e combinaram com a administração a retirada de alguns móveis para otimizar o espaço. Em relação ao auditório, estava tudo em ordem

e a comissão, nesse mesmo dia, combinou os últimos detalhes com a Diretoria e funcionários da ADUNICAMP que, vale ressaltar, ofereceram um apoio prestimoso à realização do evento.



Na véspera, Ana Carolina Frank, Daniele Rocha, Guilherme Oliveira, Lilian Nascimento e Mirian Santos foram até o auditório verificar se estava tudo em ordem. Tínhamos uma grande preocupação em acertar a logística das tarefas necessárias para o dia do evento, pois a professora Lilian fora informada que não haveria funcionário responsável pelo som e pelos equipamentos que seriam utilizados no evento. Informamo-nos a respeito de tudo que necessitaríamos para operá-los.

No dia do evento, iniciamos o credenciamento, pudemos verificar que muitos dos participantes eram de outros estados e também de cidades bem distantes. Importante registrar que estiveram presentes lideranças do Movimento Surdo Brasileiro para além dos próprios palestrantes. No que tange à organização geral, contávamos com quatro TILS⁴ voluntárias - Ellen Cristina Oliveira, Letícia Navero, Vanessa Martins e Aryane Santos Nogueira - e, assim, foi garantida a boa qualidade da interpretação do evento. Elaine, Ana Carolina e Mirian, enquanto membros da Comissão Organizadora, se revezavam no credenciamento, no atendimento aos participantes e na entrega dos certificados. Contamos também com o apoio das alunas de Pedagogia da professora Lilian, tanto no credenciamento, como nas atividades com as crianças surdas.

A professora Marisol Bergamo realizou as anotações das palestras e teve o suporte da professora Jocinara Lopes de Oliveira que, apesar de não compor a Comissão de Organização do evento, se dispôs no dia a colaborar com seus registros.

As professoras Daniela Cury, Daniele Rocha e o professor Guilherme Oliveira se responsabilizaram pelo controle logístico das palestras (o tempo, a

⁴ Tradutoras Intérpretes de LIBRAS

sequência dos palestrantes, os questionamentos e outros) e a professora Lilian participou e coordenou os trabalhos da mesa. O papel de cada membro da comissão foi imprescindível para que o evento fosse um sucesso. Foi uma tarefa muito difícil, mas executada brilhantemente por toda equipe, composta de surdos e ouvintes.

Importante relatar que a professora Regina precisou se ausentar do país por motivos familiares, dois dias antes da realização do evento. Deixou tudo acertado, dando plenos poderes à professora Lilian para que esta assumisse o seu lugar na execução financeira e logística do projeto. Mesmo a distância, continuou nos orientando, passando diretrizes com a intenção de garantir que fosse um sucesso. Deixamos aqui um registro importante, uma de suas falas durante uma discussão in-box: “Creiam-me vou dar um jeito de ver lá de Barcelona...” E com o apoio da rede social, pôde acompanhar o evento durante sua realização. Parabenizando-nos e destacando que fomos “protagonistas de uma história em azul”.

Avaliamos todo o processo desde os bastidores até a finalização do evento como um espaço de formação e construção de saberes entre os surdos e os ouvintes, sendo que estes últimos foram inseridos pelos primeiros na militância após um longo processo de discussão e busca de um espaço legítimo de aceitação do outro. Assim, enquanto apoiadoras ouvintes do Movimento Surdo, acreditamos na importância do respeito às lideranças surdas e aos anseios da Comunidade Surda com relação à sua identidade. Entendemos que não é possível dialogar com os surdos a partir de uma lógica ouvinte. Como menciona Souza e Gallo (2013), faz-se necessário uma inversão da lógica sobre o não igual, o que nos leva ao encontro do lema “NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS”. Por isso, o III Setembro Azul na UNICAMP corroborou com a ideia apresentada e amplamente defendida no Movimento Surdo Brasileiro de que nenhuma lei ou prática pode ser pensada ou elaborada sem a participação

efetiva dos surdos⁵. Dessa forma, concluímos que o que os surdos querem é igualdade de direitos e deveres, mas a partir das suas diferenças culturais e não do discurso dominante.

REFERÊNCIAS

LULKIN, S. A. **O silêncio disciplinado: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes**. Dissertação de Mestrado, Programa em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, R.M.; GALLO, D. A. C. O lugar do intelectual ouvinte no Movimento Surdo Brasileiro: reflexões a partir de uma experiência singular. **Anais 2º Congresso Latinoamericano de Filosofia de la Educación**, p.323-339. 2013. Versão eletrônica disponível em: <<http://brendanlai.tempsite.ws/alfefilosofiadelaeducacion/files/Mesas.pdf>>. Último acesso em: 22/12/2014.

⁵ É importante ressaltar que a ideia mencionada foi em diversas falas dos palestrantes, mas especialmente enfatizada por Roger Prestes

APRESENTAÇÕES

EM SLIDES PPT

APRESENTAÇÃO 1

**20 DÉCADAS DEPOIS: AS CONQUISTAS SOCIAIS,
HUMANAS E EDUCACIONAIS DO POVO SURDO**



20 décadas depois: as conquistas sociais, humanas e educacionais do Povo Surdo

Ana Regina e Souza Campello

FENEIS – um dos pilares do movimento social dos Surdos

Mobilização através de:

- A) Reuniões da Diretoria
- B) Participações nas Associações de Surdos
- C) Participações na Diretoria das Associações de Surdos
- D) Participações nas Comissões da Feneis
- E) Participações nos Conselhos Municipais e Estaduais



Fonte: Jornal da Feneis, ano 1, n.1, 1983.

Apos manifestação no prédio da Prefeitura, no último dia 22 de março, os surdos não conseguiram falar com o Prefeito César Maia, mas foram encaminhados à nova Secretária de Desenvolvimento Social, Wanda Engel. Os representantes dos surdos questionaram o teor do Decreto 12.573, de 20 de dezembro, que segundo informações da SMDS foi responsável pelo término do convênio.

Nesse Decreto, ao mesmo tempo em que é garantido o trabalho ao deficiente no Município, somente é

mediante licitação. Segundo os representantes da FENEIS, a entidade não possui fins lucrativos, e não existe portanto sentido de participação em concorrência desse tipo.

Os deficientes não acreditam que tenha sido o espírito da lei deixar desempregados os que já haviam conquistado o seu espaço no mercado de trabalho. O convênio foi firmado em 1991, na época do Secretário Antônio Porfírio. Em 1992 esse convênio estendeu-se também à FUMLAR, onde os surdos exerciam as mesmas atividades da SMDS:

Para o advogado da FENEIS, Carlos Renato H. Alvarez, é pouco provável que as grandes empresas concorrentes de licitações, que visam basicamente o lucro, forneçam mão-de-obra a deficiente. "Mesmo que seja determinado um percentual obrigatório não acreditamos que a inserção do deficiente no trabalho ocorra de forma adequada. É necessário que haja suporte ao deficiente, fazendo acompanhamento, orientação e adaptação por profissionais aptos e apoio com serviços de intérpretes", concluiu.

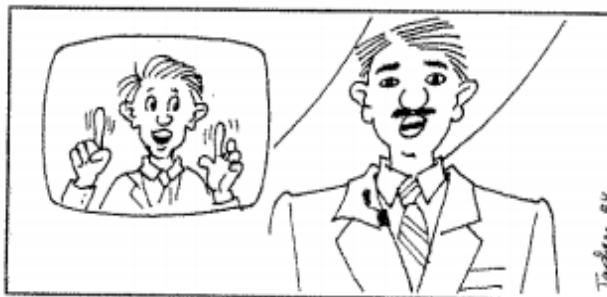
ficientes físicos, visuais e doentes crônicos. Segundo Maria de Fátima, uma das articuladoras do movimento e representante da ASSURJ, a nova proposta inclui o deficiente auditivo e visa favorecer principalmente a criança e o adolescente surdo, que normalmente precisam do acompanhante para se locomover.

O próximo passo é o encaminhamento do documento ao Governador, Nilo Batista.

FENEIS propõe intérprete na TV

A fim de ver garantidos seus direitos na Constituição Brasileira, a FENEIS encaminhou ao relator da revisão constitucional, Deputado Nelson Jobim, proposta para que conste nos itens referentes à informação, comunicação e educação às pessoas portadoras de deficiência, a obrigatoriedade do intérprete em Língua de Sinais nos telejornais e outras programações. A proposta sugere também a criação de legendas em filmes transmitidos nos horários nobres das emissoras.

Os artigos mencionados no documento enviado a Brasília para as modificações são o Artigo 221 (item I), e o Artigo 210, (parágrafo 2º) este último visando assegurar também às comunidades surdas a utilização de sua Língua materna nos processos de aprendizagem. O Setor de Intérprete da FENEIS levantou assinaturas nas associações e outras Instituições ligadas à área para dar respaldo à proposta. Caso não seja possível incluir esses pontos



no processo de revisão, devido ao curto prazo e para apresentação de emendas, a FENEIS espera que haja um encaminhamento de Lei específica sobre o assunto.

CAMPANHAS ELEITORAIS

Através do setor de intérpretes a FENEIS está levando a todos os candidatos à Presidência a proposta de intérpretes de sinais em campanhas eleitorais nos horários reservados para propaganda gratuita na TV. Já foram feitos contatos com o PDT, de Leonel Brizola, o PT, de Lula, e o PSDB, de

Fernando Henrique Cardoso.

O objetivo desta iniciativa é fazer com que o surdo, bem informado, vote mais consciente. Segundo Cláudia Jacob, responsável pelo Setor de Intérprete, a aceitação está sendo boa por parte de todos os candidatos, que ficaram de dar um retorno.

Caso se concretize, o projeto começará a ser desenvolvido logo após a Copa, época prevista para o início das campanhas. Os intérpretes deverão ser selecionados levando em consideração os estados em que serão gravados os programas e o parecer da Diretoria da FENEIS.

Projetos pela carreira de intérprete

Os surdos do Rio de Janeiro poderão ter seus sonhos de oficialização da Língua Brasileira de Sinais e reconhecimento da carreira de intérprete realizados. Pelo menos se depender dos esforços da Deputada Estadual Graça Matos/PDT e da Vereadora Jurema Batista/PT, que em esferas diferentes elaboraram Projetos de Lei sobre esses assuntos.

A Deputada Graça Matos elaborou um Projeto de Lei sobre a criação da carreira de intérprete no Estado do Rio de Janeiro. Este Projeto foi criado em fevereiro deste ano e já está em tramitação na Assembleia, sendo o segundo trabalho da Deputada envolvendo essa questão.

A nível municipal, o Projeto de Lei 349/93, da Vereadora Jurema Batista, também referente à criação da profissão de intérprete, foi aprovado em todas as Comissões.

A próxima etapa será a votação em Plenário.

MOBI - Mais facilidade na comunicação

Já está à disposição dos associados da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos um novo recurso para facilitar a comunicação. É o aparelho MOBI - mensageiro instantâneo, portátil, companheiro de todas as horas, que assegura o recebimento de informações a qualquer hora do dia, sem prender o usuário.

Essa facilidade é fruto de uma operação em fase experimental que a MOBITEL S.A. Telecomunicações está desenvolvendo junto com a Federação, utilizando o TDD nas transmissões das informações.

Para tanto, a MOBITEL já adquiriu um TDD para a sua Central de Operações, possibilitando desta forma a retransmissão das comunicações e possibilitando aos associados igualarem seus desempenhos aos demais profissionais, obtendo eficiência e produtividade, bem como conforto e segurança na comunicação.



O projeto experimental conta com o total apoio do Sr. Sérgio Marmora de Andrade, que tem sido um grande motivador para o programa de utilização de "pagers" junto à comunidade de surdos.

Este projeto será um grande sucesso com a participação

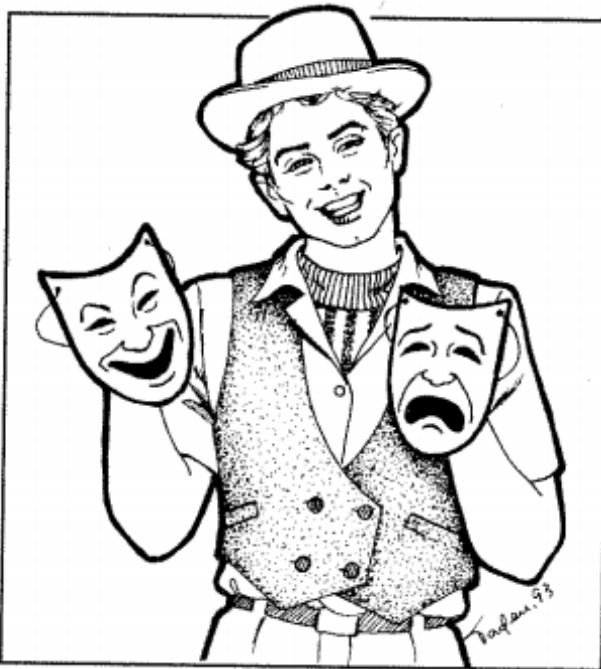
Teatro de surdos é sucesso

Companhia Surda de Teatro: talento e criatividade

Quem teve a oportunidade de assistir a apresentação da Cia. Surda de Teatro no encenamento do Congresso Internacional de Bilingüismo para Surdos, em setembro no Rio de Janeiro, ou recentemente no I Encontro de Bilingüismo, em São Paulo, presenciou um dos grandes momentos de sucesso do grupo, que vem mostrando para públicos diferentes que o surdo não é capaz apenas de fazer teatro, mas pode ter uma formação profissional e se tornar um grande ator ou diretor. É o que pensa a Assistente de Direção, Lanúcia Quintanilha, que acompanha o trabalho dos atores desde 1991.

Nesses últimos dois anos a Cia. Surda de Teatro vem amadurecendo profissionalmente, aperfeiçoando suas técnicas através de cursos e acreditando cada vez mais no seu próprio potencial. Como resultado desse esforço e de auto-confiança surgiu o espetáculo "Somos Todos Diferentes", criação e Nelson Pimenta de Castro, com participação de Alexandre Luiz, e Carlos Góes, todos surdos e componentes do Grupo. Além desses integrantes, fazem parte do elenco Silas Queiroz, Marlene Prado, Kelly D'Ávila e Vicente Scofano.

O primeiro trabalho desenvolvido por Lanúcia com o "Grupo Silencioso" (antigo nome da Cia. de Teatro), foi para a participação do Festival de Teatro Amador do Rio de Janeiro, realizado em 1991, na Aldeia de Aruzelo, em Pati de Alfêres. Com a peça "Loucos Quadrinhos", sob a Direção de Dartanhan que se interes-



lentou, no teatro Planetário, no Rio de Janeiro. Desta vez a peça "Loucos Quadrinhos" foi dirigida por Oscar Saraiva e conquistou o prêmio de "Menção Honrosa", entregue no Teatro João Caetano com a presença de artistas já consagrados como Tônia Carreiro e Lucélia Santos.

Ainda no mesmo ano, Oscar Saraiva e Lanúcia Quintanilha elaboraram um projeto para o aperfeiçoamento dos atores, e organizaram um curso onde os atores puderam adquirir noções de técnica de teatro, luz, som e figurino. Em seguida montaram o es-

contactar um produtor. "No Brasil a cultura e a arte não tem valor e em consequência disso encontramos dificuldades de apoio, principalmente quando se trata de novos talentos", desabafou a Assistente de Direção.

Mesmo com todas as dificuldades para obter patrocínio, o Grupo de Teatro tem muitas expectativas para 1994. Serão estudadas as possibilidades de realização de uma Temporada e do projeto de um Festival de Teatro de Surdos, no Rio de Janeiro. A Cia. recebeu também um convite da Prefeitura de Sericeira, para uma apresentação no

O som da voz e das mãos

Este ano foi igual àquele que passou. Pelo menos por Tany, que ficou conhecida em todo o Brasil ao participar do Xou da Xuxa, traduzindo para língua de sinais as palavras e músicas da apresentadora. Em agosto último, Tany lançou no Scala Rio, seu primeiro LP, de nome **Armação Azul**.

Mesmo ligada a uma atividade aparentemente oposta a sua atuação no programa da Xuxa, Tany não abandonou seu trabalho com os surdos: é a única cantora que se apresenta cantando e, ao mesmo tempo, traduzindo as músicas para a língua de sinais. Canta com a voz e com as mãos.

Ao longo dos últimos três meses, Tany tem dividido seu tempo entre Rio e São Paulo, promovendo seu novo trabalho. Foram inúmeras entrevistas e participações em rádio, TVs e jornais, além de atividades beneficentes e apresentações em shows. A cantora se prepara agora para novos projetos.

O mais próximo projeto é voltado para o Carnaval. Tany desfilará na Unidos de Vila Isabel, escola de samba do grupo especial, com uma ala de mais de cem surdos que, usando luvas coloridas, traduzirão no Sambódromo o samba enredo para a língua de sinais. É uma iniciativa pioneira entre as escolas do grupo especial, que será vista no mundo inteiro e já desperta curiosidade da imprensa e sambistas. A ala tem um padrinho ilustre, o ator Lug de Paula, o "Seu Boneco" da escolinha do Professor Raimundo.

EDITORIAL

Um jornal diferente



Este é um Jornal diferente. Não por ter uma imagem diferente, mas por ser fruto de uma necessidade de comunicação de pessoas que se comunicam de forma diferente.

Preocupada com a árdua tarefa de administrar e investir, a Diretoria da FENEIS pensa em crescer principalmente a nível de estrutura, celebração de convênios, ampliação de oportunidades e possibilidades de acertar. Para tal, faz-se necessário descobrir novas alternativas em resposta a situações que provam que o momento demanda criatividade e empenho.

Este Jornal é prova disso: luta para informar e se compromete em divulgar um trabalho criativo que vem sendo desenvolvido junto e para os surdos brasileiros. A nova conquista a ser celebrada é nossa participação como membro da Federação Mundial de Surdos

O trabalho do Departamento Nacional de Intérpretes

Romice Muller de Quadros

O Departamento Nacional de Intérpretes de LIBRAS tem por finalidade buscar o reconhecimento do profissional intérprete. É um Departamento que foi criado com o objetivo de organizar os intérpretes em cada estado brasileiro para que haja representatividade nacional no Departamento. Ele faz parte da FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

Este departamento apresenta um Regimento Interno que foi analisado durante o II Encontro Nacional de Intérpretes realizado no Rio de Janeiro em 1992 por ocasião do DEF Rio. Tal regimento apresentou algumas reformulações, pois o Departamento estava apresentando um funcionamento muito restrito.

Este regimento envolve os objetivos do Departamento, a estrutura (um coordenador nacional, coordenadores estaduais e os intérpretes cadastrados, e suas respectivas responsabilidades diante do departamento); as formas de admissão (envolve os requisitos básicos para alguém atuar como intérprete e o processo de seleção dos candidatos à função de intérprete); e o Código de Ética. (...)

Os critérios básicos para uma pessoa exercer a profissão de intérprete no Brasil são:

- Possuir o 2º grau completo;
- Ser ouvinte;
- Ter competência na Língua Portuguesa e na LIBRAS;
- Ser aprovado na avaliação do Departamento Nacional de Intérpretes.

No que consiste essa avaliação? Essa avaliação é feita por uma comissão de 5 pessoas. São pessoas surdas ou intérpretes da LIBRAS que avaliarão os candidatos através de dois

- Descentralizar o Departamento Nacional de Intérpretes;
- Viabilizar o Regimento Interno do Departamento em cada estado brasileiro;
- Qualificar os intérpretes cadastrados no Departamento;
- Realizar o III Encontro Nacional de Intérpretes.

A proposta de descentralização está sendo viabilizada com muito vagar, tendo em vista as dificuldades financeiras do departamento. Já foram realizados os encontros estaduais para o cadastramento dos intérpretes e a escolha do

coordenador estadual em vários estados. Para cada estado foi enviada correspondência solicitando apoio para realização do encontro, mas não houve retorno. O objetivo é estabelecer uma representatividade "nacional" do Departamento. (...)

Após esta etapa, a proposta tem como objetivo a viabilização do regimento Interno. O que significa isso? É fazer funcionar esse Departamento, isto é, estruturar os profissionais em cada estado buscando o

seu reconhecimento e a sua valorização através da qualidade profissional. O Código de Ética garante que o profissional exerça sua profissão observando a qualidade da sua atividade. Esse Código faz parte do regimento. O Regimento existe para sustentar uma estrutura coesa e unificada. É óbvio que à medida que essa estrutura vai se consolidando vão sendo verificadas mudanças necessárias nesse regimento. Este instrumento é apenas um ponto de partida para que haja procedimentos uniformes no país inteiro quando se tratar do profissional intérprete. Isto garantirá a credibilidade da profissão. (...)

Não estamos sonhando, estamos buscando a concretização de várias propostas que vêm sendo discutidas no âmbito das comissões

O objetivo é estabelecer representação a nível nacional



Passeata levará à sociedade problemas do surdo

No próximo dia 25 toda a comunidade surda do Rio de Janeiro estará concentrada no Leme, onde fará passeata lembrando aos nossos candidatos e à sociedade os seus direitos, reivindicando educação, trabalho e informação. Surdos, familiares e amigos...

NESTA EDIÇÃO

Veja atividades da FENEIS em Minas Gerais
Página 2

Federação recupera convênio com a FUNLAR
Página 3

Filme sobre surdez tem debate no

Passeata lembrará direitos do surdo

Trabalho, educação e informação marcará manifesto

Já está marcado um dos maiores acontecimentos na história da luta da pessoa portadora de deficiência. Dia 25 de setembro haverá grande movimento de surdos, que se reunirão em passeata na Praia do Leme, às 10 horas, a fim de despertar a atenção de nossos candidatos ao governo do Estado e da Presidência, além de toda a sociedade para os problemas enfrentados pela segmentação. Os participantes sairão do Leme Palace (concentração) em direção ao Arpoador.

A organização do movimento partiu do próprio surdo, através da Cia. Surda de Teatro, e conta com o apoio de diversas entidades e instituições ligadas à área, entre elas a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS, Ana Regina e Souza Campello e Marlene Pereira do Prado, representantes da Federação, acreditam que as futuras autoridades de nosso país, a partir de manifestações desse tipo, poderão levar a sério as reivindicações dessa minoria, que representa uma camada expressiva da sociedade.

De acordo com o Presidente do Comitê que organiza o manifesto, Nelson Pimenta de Castro, o que se pretende é resgatar o respeito à cidadania do surdo e acabar com a discriminação. "Isso só é possível através de um grau maior de conscientização da sociedade e do próprio surdo", explicou.



O comitê se reúne todas as terças-feiras para a organização da passeata que se realizará dia 25

A falta de legenda em programas e noticiários de TV, dificultando o acesso às informações; a não oficialização da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS, impedindo a comunicação com o surdo; o não reconhecimento da carreira de intérprete, que poderia facilitar o ensino e aprendizado do surdo nas escolas públicas; a necessidade de um ensino especial; e a restrição do deficiente no mercado de trabalho, apesar das leis garantirem um percentual de emprego a esse setor da sociedade, são problemas vividos pelos surdos, que deverão ser lembrados no ato da passeata.

Embora não existam dados precisos, estima-se em quase 8% a população surda brasileira. É essa realidade que fará com que a

instituições que trabalham na área. A Federação convocará todos a participarem, auxiliando assim os trabalhos da Cia. Surda de Teatro que tem se responsabilizado pela coordenação da manifestação pública e divulgado à comunidade surda o acontecimento.

Com toda essa divulgação, Lúcia Quintanilha e Nelson Pimenta, do Grupo de Teatro, pretendem reunir toda a comunidade surda na Praia do Leme. Serão confeccionadas faixas e cartazes com verbas arrecadadas a partir da venda de bônus, *bottons* e camisetas. Existe também a possibilidade de se conseguir ônibus gratuito para locomover familiares e amigos.

objetivo é explicar a todos o motivo do movimento, alertando para as necessidades do surdo. "É importante que todos saibam o que estão fazendo e o porquê da manifestação. A partir destas palestras os surdos estarão participando mais conscientes", concluíram dois organizadores da passeata.

Essas palestras ocorreram no dia 20 de agosto na Associação de Surdos do Rio de Janeiro/ASSURJ e 27 de agosto na Associação Alvorada, com enorme sucesso. Todos demonstraram interesse em participar e a disposição para contribuir no que se fizer necessário.

Para não deixar desmobilizar, paralelamente a este trabalho de conscientização estão marcadas reuniões de trabalho em formato bilíngue em

Absurdo



FENEIS se renova e oferece

Desde a sua posse, a nova Diretoria tem feito inúmeras mudanças na estrutura interna da FENEIS, facilitando o trabalho dos funcionários e melhorando o atendimento ao surdo.

Projetos Sociais

Em busca de emprego para o surdo

O Departamento de Projetos Sociais conseguiu colocar no mercado de trabalho nos últimos anos um número significativo de surdos, atuando em diversas funções. Esse trabalho é desenvolvido através de convênios com empresas e vem comprovando a capacidade produtiva do surdo, aumentando suas condições de igualdade social.

Atualmente a FENEIS mantém convênios com a DATAPREV, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SMDS, Fundação Municipal Lar-Escola Francisco de Paula - FUNALAR, Pizza Hut e Guanabara Jornais e Revista Ltda., onde cerca de 200 surdos trabalham. As duas psicólogas e a assistente social do Departamento fazem a assistência, acompanhamento e treinamento e visitas periódicas para fins de avaliação. Qualquer problema relacionado ao surdo empregado é solucionado através da intervenção dessas profissionais.

São 800 surdos cadastrados por um sistema de informatização nas mais diversas especializações, que aguardam a sua oportunidade de

emprego. Na medida em que surge um espaço no mercado de trabalho há o recrutamento dos surdos seguindo rigorosamente a ordem e o ano de cadastramento, e a partir do perfil desejado pela empresa empregadora (idade, área profissional e grau de escolaridade). O Departamento aplica também testes psicotécnicos para avaliação de comportamento, atitude e inteligência, e realiza entrevistas para a seleção dos melhores candidatos do cargo pretendido.

Existe uma preocupação muito grande com a profissionalização do surdo. Segundo a Assistente Social Cláudia Regina, quanto maior o grau de escolaridade e cursos técnicos, maiores as chances de emprego. Neste sentido, a FENEIS mantém um convênio também com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, SENAC, onde os surdos fazem cursos nas áreas de computação, datilografia, telex, arquivo entre outros.

Ainda de acordo com a assistente social, a empresa que se interessa pelo trabalho do profissional surdo só tem a ganhar. Além da possibilidade de uma projeção maior no campo social tem também seus custos de tempo e despesa reduzidos, já que todos os trabalhos administrati-



Presidente faz reunião com surdos

O Presidente da Federação Nacional de Educação dos Surdos, FENEIS, Antônio Campos de Abreu, que esteve durante o mês de novembro no Rio de Janeiro, acompanhado de perto os trabalhos realizados na sede, se reuniu diversas vezes com os funcionários do Convênio FENEIS/DATAPREV (foto). Os

objetivos dessas reuniões foram a apresentação pessoal do Presidente e esclarecimentos sobre as normas do convênio. Os encontros foram acompanhados pelas psicólogas Sandra Pinto e Walkiria Pontes, e a assistente social Cláudia Regina, do Departamento de Projetos Sociais.

vos e sociais são de inteira responsabilidade da FENEIS.

Embora a inserção do surdo no mercado de trabalho seja uma das funções mais importantes, não é o único objetivo do Departamento de Projetos Sociais da FENEIS. De acordo com as psicólogas Walkiria Pontes e Sandra Pinto, o Departamento também visa a integração do surdo na sociedade através de outras

atividades e projetos nas áreas de Educação, cultura e saúde.

Dessa forma, além de trabalhos que buscam maior participação familiar e de palestras realizadas para o esclarecimento de questões e assuntos polêmicos, o Departamento apresentou alguns projetos para a Diretoria, que estão sendo analisados e se aprovados, deverão ser executados em 1994.

oportunidades a surdos de todo o território brasileiro, deverão ser criadas representações em outras regiões do Brasil. A FENEIS está, assim, levando a efeito a expansão de suas atividades, com o intuito de descentralizar e possibilitar maiores realizações. (Pág. 4)



Antonio Campos discursa acompanhado da intérprete na cerimônia de inauguração da regional

NESTA EDIÇÃO

Novo método de de ensino da Libras recebe apoio do MEC

Pág. 4

Prefeitura poderá trabalhar novamente com os surdos

Pág. 3

Sucesso do trabalho com surdo leva Dataprev a estender convênio a BH

O Presidente Christiano Roberto Tatsch, da Dataprev, Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social, investindo mais uma vez no trabalho do surdo, assinou no mês de março termo de extensão do convênio da FENEIS Rio/BH.

Com essa iniciativa a DATAPREV elevou para 183 o número de surdos que atuam na

Instituição. O Presidente da FENEIS, Antônio Campos de Abreu, está bastante satisfeito com a nova conquista e elogiou a visão da Presidência da Dataprev com relação ao deficiente, um exemplo de nova mentalidade Institucional. (Pág. 5)

Christiano Roberto Tatsch também renovou contrato do convênio no Rio



Evento debate comunicação total

Encontro sobre surdez foi marcado por muita participação

O III Encontro Nacional sobre Surdez, de 5 a 7 de novembro, no Colégio Brasileiro de Cirurgiões/RJ, promovido pelo Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação, com apoio da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, da Coordenadoria Nacional para Integração das Pessoas Portadoras de Deficiência (Corde) e Curso de Mestrado de Otorrino da PUC/RJ, trouxe à tona temas importantes sob a abordagem da Comunicação Total.

Essas questões foram amplamente debatidas e muito bem encaminhadas através de experiências pessoais de surdos, opiniões de pro-



fissionais e depoimentos apresentados em vídeo sobre as dificuldades enfrentadas pelos pais na educação de seus filhos e os resultados de trabalhos desenvolvidos com crianças surdas em escolas, Instituições e Clínicas especializadas com a Metodologia e filosofia da Comunicação Total.

O Presidente da FENEIS, Antônio Campos de Abreu, esteve presente ao evento e falou sobre "Surdez e Cultura". Entre os diversos profissionais que desenvolvem um trabalho ligado à área da surdez, participaram do Encontro Evanise Luz Pinto (RJ), Cristina Simonek (RJ), Leila Maria Donato (RJ), Roseane Oliveira da Silveira (RJ), Beatriz Raymann (RS), Marilene de Almeida Nogueira (RJ), Regina Maria de Souza (SP), e Zigmund Leibovici (RJ).

Segundo a Presidente da Comissão Científica do evento, Marta Ciccone, uma das expectativas da Comunicação Total se refere ao ingresso da criança surda no mundo dos adultos. "Ao invés de protectionismo, poder-se-á franquear ao surdo assumir a própria cidadania, ou seja, a sua participação nos grupos sociais, com direitos e deveres, da criança ao adulto", explicou ao Jornal do IBMR.

Simultaneamente às conferências foram realizados Curso durante todos os dias do Encontro. O Curso de Introdução à Língua de Sinais, ministrado pelo instrutor e coordenador do Curso de LIBRAS da FENEIS, Nelson Pimenta de Castro, obteve enorme sucesso e despertou em todos os presentes o interesse pelo aprendizado da Língua própria dos Surdos.

Conferência leva FENEIS à Suécia

O Brasil esteve representado com 32 países na Conferência Internacional de Bilingüismo na Educação do Surdo, realizada de 16 a 20 de agosto, em Stockolm, Suécia. A participação da FENEIS, através do Vice-Presidente das Associações de Surdos, Sérgio Marmora de Andrade, foi de grande valor para os trabalhos desenvolvidos no Brasil, já que possibilitou contatos com profissionais

Em visita a Universidade de Stockolm, Clube Acadêmico do Surdo, Associações e outras Instituições que atendem pessoas portadoras de Deficiência Auditiva, o Vice-Presidente da FENEIS, Sérgio Marmora, ficou impressionado com a organização administrativa, a estrutura das instalações e planejamento dos métodos educacionais. "A prioridade é a assistência ao

tamentos, e TDD, as escolas de surdos na Suécia proporcionam sem dúvida maiores condições de um desenvolvimento adequado. A disciplina é rígida estimulando independência e maior responsabilidade na criança surda.

Após a descoberta e constatação médica de que um filho é surdo, a mãe é encaminhada à Escola junto com a criança para que possa aprende-

pensão do Governo. "Há por parte do Governo um respeito maior ao surdo e as suas necessidades", explicou o Vice-Presidente da FENEIS.

A Conferência foi oportuna para que a FENEIS divulgasse o trabalho que desenvolve enquanto Entidade representativa dos anseios da Comunidade Surda Brasileira. Em entrevista à TV Nacional, o Vice-Presidente, Sérgio Marmora de

Congresso de bilingüismo no Rio

Profissionais de vários países discutem o tema e trocam conhecimentos

O II Congresso Latino-Americano de Bilingüismo para Surdos, ocorrido de 12 a 17 de setembro, no Hotel Copa DOR, no Rio de Janeiro, e promovido pela Faculdade de Letras da UFRJ, alcançou seu objetivo, integrando especialistas da área da surdez de vários países da América Latina, que na ocasião discursaram sobre as suas experiências com a Língua de Sinais e a Educação dos Surdos.

A participação de profissionais dos E.U.A. e da Europa, inclusive realizando cursos, foi fundamental para que houvesse uma troca de conhecimentos dos trabalhos educacionais desenvolvidos com surdos em várias partes do mundo. Segundo os organizadores do Congresso o saldo do Evento foi bastante positivo, já que pôde propiciar um aprofundamento maior das questões ligadas à problemática da surdez.

Bilingüismo e Educação de Surdos, A Cultura Surda, A questão da Surdez na Família, A Formação do Intérprete em Língua de Sinais, Psicolinguística e Surdez, Neurolinguística e Surdez, foram alguns dos temas abordados durante o evento. Além dos profissionais da área, esteve presente na platéia um número significativo de surdos, demonstrando seu interesse pelos assuntos abordados.

cional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS, Antônio Campos de Abreu, palestrou sobre a luta da Federação em prol do reconhecimento da Língua de Sinais, e fez um breve histórico sobre o trabalho da FENEIS nos últimos anos. O Vice-Presidente das Associações de Surdos, Sérgio Marmora de Andrade, e o Coordenador de Língua Brasileira de Sinais, da FENEIS, falaram sobre aspectos lingüísticos, a nova metodologia de ensino da Língua, e o direito de ser surdo e ter sua língua respeitada.

As professoras Helena Dale Couto e Carmen Falcão, da ARPEF; Ivone da Silva Rebelo (UFRJ); Márcia Goldfeld (PUC/RJ); Emeli Costa, Sônia Fleury e Teresa Alab (INES) e Tanya Amara Felipe (UEPE/UFRJ); além de Lucinda Brito (UFRJ) foram outros profissionais que falaram sobre os trabalhos em prol da comunidade surda brasileira.

A abertura do evento foi marcada pela apresentação do vídeo "Vendo Vozes", produzido por um grupo formado por profissionais da área de Comunicação, da área de surdez e país de Surdos, com o objetivo de divulgar a Língua de Sinais e diminuir o preconceito. Na ocasião foi lançado também o Livro "Integração Social e Educação de Surdos", de autoria de Lucinda Ferreira Brito.

Durante o período de realização do Congresso apresentaram seus trabalhos também a Cia. Surda de Teatro, com a peça "Somos Todos Diferentes", e a cantora Tany Mary com a música "É preciso Acreditar



Da esquerda para a direita: José Tadeu R. Rocha (2º Secretário da FENEIS), Mats Jonsson (professor surdo da Suécia), Sérgio Marmora (Vice-Presidente da FENEIS), e Yerker Anderson (Presidente da Federação Mundial dos Surdos)

Federação Mundial dos Surdos

O Presidente da Federação Mundial dos Surdos, Yerker Anderson, que veio ao Brasil especialmente para participar do II Congresso de Bilingüismo para Surdos, considerou o Evento de grande importância para o desenvolvimento das pesquisas e o avanço das conquistas em prol dos surdos.

Segundo o Presidente da FMS, a França, a Inglaterra, Finlândia e Noruega são exemplos de países que aceitam o Bilingüismo como única filosofia de Educação. No entanto este não é o único caminho, ainda de acordo com o Presidente, cada país deve desenvolver seus trabalhos de acordo com a sua realidade. "O mais importante é a aceitação da Língua de Sinais em todas as partes do Mundo", concluiu.

Há 12 anos na Presidência da FMS, Yerker pode perceber hoje

sinais como fruto de muita luta. "É um trabalho longo, que acontece gradativamente, mas alcançável", esclarece. Há anos atrás a integração do surdo na sociedade era muito mais difícil e os surdos eram confundidos com doentes mentais.

A FENEIS é uma das 93 Entidades, filiadas à Federação Mundial dos Surdos. Através destas representações é possível uma integração entre a FMS e os surdos de outros países. Profissionais ligados aos trabalhos das Entidades e Instituições filiadas enviam pesquisas e projetos com freqüência. Da mesma forma, dirigentes da FMS viajam e participam de Congressos e Eventos levando suas experiências.

Com o objetivo de unir todas essas informações a Federação Mundial dos Surdos se encontra envolvida com a organização do XII Congresso Mundial, que ocorrerá em 1995, na Austrália.

Surdez na Família, A Formação do Intérprete em Língua de Sinais, Psicolinguística e Surdez, Neurolinguística e Surdez, foram alguns dos temas abordados durante o evento. Além dos profissionais da área, esteve presente na platéia um número significativo de surdos, demonstrando seu interesse pelos assuntos abordados.

O Presidente da Federação Na-

nuir o preconceito. Na ocasião foi lançado também o Livro "Integração Social e Educação de Surdos", de autoria de Lucinda Ferreira Brito.

Durante o período de realização do Congresso apresentaram seus trabalhos também a Cia. Surda de Teatro, com a peça "Somos Todos Diferentes", e a cantora Tany Mary com a música "É preciso Acreditar, que aborda o problema do deficiente.

entanto este não é o único caminho, ainda de acordo com o Presidente, cada país deve desenvolver seus trabalhos de acordo com a sua realidade. "O mais importante é a aceitação da Língua de Sinais em todas as partes do Mundo", concluiu.

Há 12 anos na Presidência da FMS, Yerker pode perceber hoje uma aceitação maior da língua de

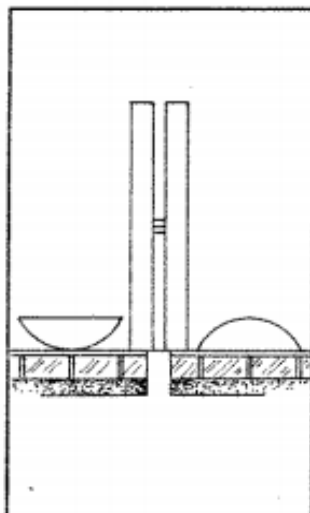
filiadas enviam pesquisas e projetos com freqüência. Da mesma forma, dirigentes da FMS viajam e participam de Congressos e Eventos levando suas experiências.

Com o objetivo de unir todas essas informações a Federação Mundial dos Surdos se encontra envolvida com a organização do XII Congresso Mundial, que ocorrerá em 1995, na Áustria.

Propostas para educação especial

Em Brasília a FENEIS discute Educação Especial com outros deficientes

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), representada pelo Vice-Presidente Sérgio Marmora de Andrade e a professora Emeli Marques, esteve em Brasília, no mês de outubro, a fim de concluir o documento da Política Nacional de Educação Especial. Foram três dias de trabalho intenso, dedicados à conceituação de cada termo, ao aperfeiçoamento dos objetivos específicos e as diretrizes. Em junho a Secretaria de Educação Especial (SEESP),



realizou um primeiro encontro para dar início as discussões.

Nesta primeira etapa do trabalho foram formados grupos de representantes de cada área de deficiência, que elaboraram propostas e apresentaram subsídios básicos para uma política nacional de educação especial. Em outubro, o assunto retornou a pauta da reunião de Brasília e a FENEIS discutiu, defendeu e encaminhou às entidades filiadas, dentro de objetivos específicos da área de surdez, os seguintes itens:

1 - Garantia do respeito às diferenças com a oficialização da Língua Brasileira de Sinais e sua utilização na educação do aluno surdo;

2 - Desenvolvimento de habilidades linguísticas do aluno surdo através da Língua de Sinais, minis-

trada por professor surdo, desde a estimulação precoce, a fim de que o mesmo possa ingressar na escolarização vivenciando ativamente, o processo de ensino-aprendizagem;

3 - Fomento à pesquisa de Língua Brasileira de Sinais. Visando o ensino da língua como disciplina curricular

4 - Garantia do ensino da Língua Portuguesa, aos alunos surdos como segunda língua, através de metodologia e curriculum próprios.

No próximo ano, a Federação continuará a discussão a respeito desse assunto com as filiadas. "É fundamental que as filiadas tenham os esclarecimentos necessários para uma participação efetiva neste importante momento", finalizaram Emeli Marques e Sérgio Marmora.

Lei poderá reconhecer língua de sinais no Rio

A oficialização da Língua Brasileira de Sinais em todos os estados do Brasil é uma das grandes preocupações da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS. Os seus representantes, com o apoio e o trabalho de lingüistas, vem tentando, conscientizar a sociedade para o problema, mostrando às autoridades governamentais a importância do reconhecimento da Língua de Sinais e da função de Intérprete para o desenvolvimento educacional, cultural e social da comunidade surda brasileira.

Em diversos estados essa conquista já foi possível, como Minas Gerais, Maranhão e Goiás. No entanto, no Rio de Janeiro a dificuldade para que este sonho se concretize parece maior. Em 1991 foi encaminhado pela deputada Graça Mattos, projeto de Lei 352/91 referente à questão mas o projeto foi vetado.

Surge agora, em 1993, uma nova esperança para a comunidade surda do Rio de Janeiro. A vereadora Jurema Batista/PT, atendendo à solicitação da FENEIS e após análise do parecer da lingüista Eulália Fernandes, que comprova cientificamente a existência da Língua de Sinais como qualquer outra língua oral.

Estratégia de mobilização

Criação de FENEIS – escritórios regionais

- * Amazonas (Extinto em 2014)
- * Brasília
- * Fortaleza
- * Minas Gerais
- * Paraná
- * Pernambuco (Extinto em 2014)
- * Rio Grande do Sul
- * Santa Catarina (Extinto em 2014)
- * São Paulo
- * Teófilo Otoni (MG) (Extinto em 2011)

revista da Feneis



REVISTA DA FENEIS, Rio de Janeiro, n.44, junho-agosto, 2011. 30 páginas. (capa do movimento)

REVISTA DA FENEIS, Rio de Janeiro, n.45, setembro-novembro, 2011. 30 páginas. (capa verde)

Lei Libras 10.436/02



LEI

LIBRAS

Decreto 5.626/05



Fonte: <http://www.suacidade.com/libras-completa-10-anos-como-lingua-oficial-dos-surdos-no-brasil>



Fonte: <http://comunicacao.fflch.usp.br/node/909>



Fonte: <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/saude/2014/09/28/309173/lei-obriga-permanencia-interprete-em-libras-nas-unidades-de-saude>



Fonte: Google

Educação Bilíngue



Fonte: Google



Fonte: Google

ESCOLA
BILÍNGUE
PARA
SURDOS

Fonte: <http://lutas-surdas.blogspot.com.br/>

Movimento dos Surdos



Legenda para quem não ouve, mas se emociona: uma luta de todos nós

Falar da Campanha da Legenda Nacional – Legenda para quem não ouve, mas se emociona – é falar sobre uma luta constante vivida por todos nós. O idealizador de tal projeto, Marcelo Pedrosa, conta que tudo começou no último dia do CINEPE, em 5 de maio de 2004. Cerca de cem amigos e familiares foram ao Centro de Convenções de Pernambuco, sede do Festival, para apoiar a campanha sobre a necessidade de colocar legenda no filme nacional.

O objetivo da campanha é aumentar o número de pessoas conscientes dos direitos dos deficientes e, assim, ter força para lutar por um ideal de igualdade no que se refere ‘a informação e lazer. “Existem várias associações preocupadas com a acessibilidade dos deficientes, inclusive procurando patrocínio. É pre-



Victor Hugo, coordenador da campanha no RJ

ciso aprofundar a discussão para encontrar a solução mais adequada”, afirma o coordenador da Campanha no Rio de Janeiro, Victor Hugo Sepúlveda da Costa.

Desde abril de 2004, já exis-

te, apoiando a Campanha, o Projeto de Lei do Sr. Luiz Antonio Fleury, sobre a disposição de legenda em filmes nacionais e peças teatrais. Mas para que tal Projeto torne-se Lei, é preciso do apoio da sociedade. Para isso, há um abaixo-assinado no site www.legendanacional.com.br. No site também há a história da Legenda e muitas informações referentes à luta.

Como se vê, a luta pelo direito à legenda, garantindo acesso à informação e ‘a momentos de lazer e descontração, expandiu-se de tal forma que já existem coordenadores e voluntários espalhados por todo o Brasil. No Rio de Janeiro, a coordenadoria da campanha foi assumida por Victor Hugo em 2 de setembro de 2006. Victor é surdo profundo, estudante de pós-graduação e participa ativamente da

Setembro Azul



Fonte: https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw=1280&bih=923&q=Lei+Libras&tbn=isch&tbs=simg:CAQSYgnLeVBOHQGA4xpOCxwCwjKclGjwKOGgCEhTCFsoWhAyFDMoWxRbIFSAWtg3JFhoguqf_1SZl32m1uyHzzDWRw2mL9SBXoHqLyT2y3YHG01jYMCxCorv4lGgAMlB4TxWAXQVzo&sa=X&ei=ogxcVN_nE6_msATwxYHoDw&ved=oCBoQwg4oAA

PNE – Plano Nacional de Educação

SETEMBRO *Azul*

Setembro, mês que marca a lembrança das pessoas surdas, de suas lutas e conquistas. Alia-se a cor azul, que simboliza a comunidade surda em todo o mundo e está presente no laço que representa o conceito de **SER SURDO**.

O **SETEMBRO AZUL** prevê Seminários, Palestras, Apresentações Teatrais, Passeatas, Audiências Públicas, Exposições, Festas etc. nos diversos estados brasileiros.

Os principais eventos previstos são:

Dia 9 de setembro – **Seminário Estadual em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos no PNE**, evento que ocorrerá simultaneamente em todas as capitais com objetivo de apresentar as propostas de emendas referentes à educação de surdos ao Projeto de Lei que instituirá o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2011-2021.

Dia 10 de setembro – **Manifestações pelo Dia Mundial das Línguas de Sinais**, quando ocorrerão atividades em todo o mundo, com o objetivo de valorizar o respeito e promover o reconhecimento das línguas de sinais em diferentes países, lembrando da marca deixada na história dos surdos com a proibição às línguas de sinais imposta pelo Congresso de Milão de 1880.

Dia 26 de setembro – **Dia Nacional do Surdo**, data reconhecida pela Lei 11.976/2008 e escolhida em homenagem à fundação da primeira escola de surdos do Brasil (INES), quando diversas atividades sociais e políticas serão realizadas em todo o país, na defesa dos direitos dos surdos.



Apoio:



CONAE



Fonte:

<https://www.facebook.com/groups/movimentosurdosescolabilingue/>

Enquanto isso.....

Sabemos que o acesso a LIBRAS é primordial na construção da identidade da pessoa surda em todos os seus aspectos, a saber, linguísticos, cognitivos e sociais. Exposto a LIBRAS o mais precoce possível, o sujeito surdo teria assim garantido seu direito a uma língua de fato.

COMO?

QUANDO?

ONDE?

Ser Líder Surdo se aprende com...

Experiência Política
Estratégia da
Resistência
Conhecimento da
História do Movimento
Luta pela Preservação
da Associação
Motivação Positiva

Senso Crítico
Aceitação pelos
Outros
Companheirismo
Solidariedade
O mais importante:
Respeito

Saber Política precisa saber e conhecer o....

CERTO

ERRADO

Estratégia (recomendação da FMS)

- * Criar Grupo de Estudos Surdos
- * Curso de Formação de Jovens Líderes
- * Convidar representantes ou líderes nacionais, estaduais e regionais para fazer uma palestra
- * Participar dos Movimentos Jovens Surdos

Jovens Surdos



Fontes: <https://www.facebook.com/groups/384560031579756/>

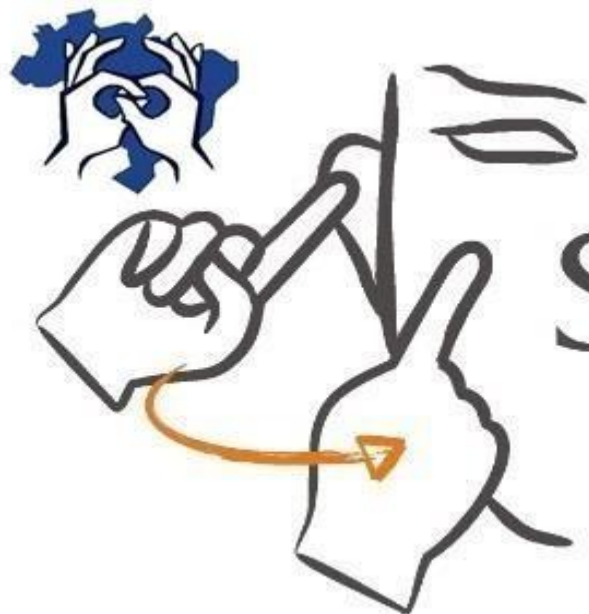
<http://www.jovenssurdos.org.br>

Surdos Negros



Fonte: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/saude/264-noticias-de-saude/2768-ii-congresso-nacional-de-inclusao-social-do-negro-surdo>

SurdosCegos



SURDOCEGO

Fonte: <https://www.facebook.com/ane.graz?fref=ts>



Experiência Visual

* Como diz a autora Gladis Perlin:

“ser surdo é pertencer a
um mundo de **experiência visual.**”

PERLIN, G. T. Identidades surdas. In SKLIAR, C. (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Mediação, 1998, p.56.

Obrigada pela Atenção

- * E-mail: diretorianacional2@gmail.com
- * Particular: anarcampello@gmail.com

APRESENTAÇÃO 2

**DIREITOS HUMANOS E POLITICAS
PUBLICAS PARA SURDA**

Direitos Humanos e Políticas Públicas para os Surdos



Roger Lineira Prestes

Direitos



Artigo 5º Constituição Federal:
Garantido direitos iguais a todos perante a lei;
Direito à vida, à liberdade, à igualdade e à
propriedade.

- * Homens e Mulheres possuem direitos iguais;
- * É livre a manifestação do pensamento;
- * É livre expressão de atividades sociais, culturais e reivindicatórias;
- * Acesso livre aos locais públicos;
- * Direito à livre expressão e comunicação;

Direitos Humanos



- * Direito à liberdade das pessoas;
- * Direito à igualdade entre as pessoas;
- * Direitos Coletivos, isto é, das pessoas socialmente agrupadas/organizadas, e direitos de sua comunidade;
- * direitos das mulheres, das pessoas com deficiências, das crianças, dos gays, dos religiosos, entre outros.

Poder e Estado

- O **Poder** político é ORGANIZADO na figura do Estado
- A) os detentores do poder (governantes) e os mecanismos de limitação desse poder;
- B) e também dos não detentores do poder (os governados) pois possuem direitos de expressão e de contestação em relação aos DONOS do poder.
- O **Estado** é a pessoa coletiva de direito público que ocupa ou pleiteia justificadamente os direitos humanos;

Veja os autores Foucault (1999) e Gadotti (2001)

- * Destaca as assimetrias de poder entre os discursos concorrentes e as possibilidades de desafios aos discursos hegemônicos, especialmente quando novos atores passam a atuar por direitos e deveres e exercício da democracia: direitos civis, como segurança e locomoção; direitos sociais, como trabalho, salário justo, saúde, educação, habitação etc; direitos políticos, como liberdade de expressão, de voto, de participação em partidos políticos e sindicatos etc.
- * **FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade:** curso no College de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- * **GADOTTI, Moacir.** Pedagogia da Terra. São Paulo: Peirópolis, 2001.

Política



- São diretrizes, princípios norteadores de ação do Poder Público, regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado.

Política para Pessoa com Deficiência

- * Para quem?
- * Com quem?
- * Como?



ESCOLA
BILÍNGUE
PARA
SURDOS

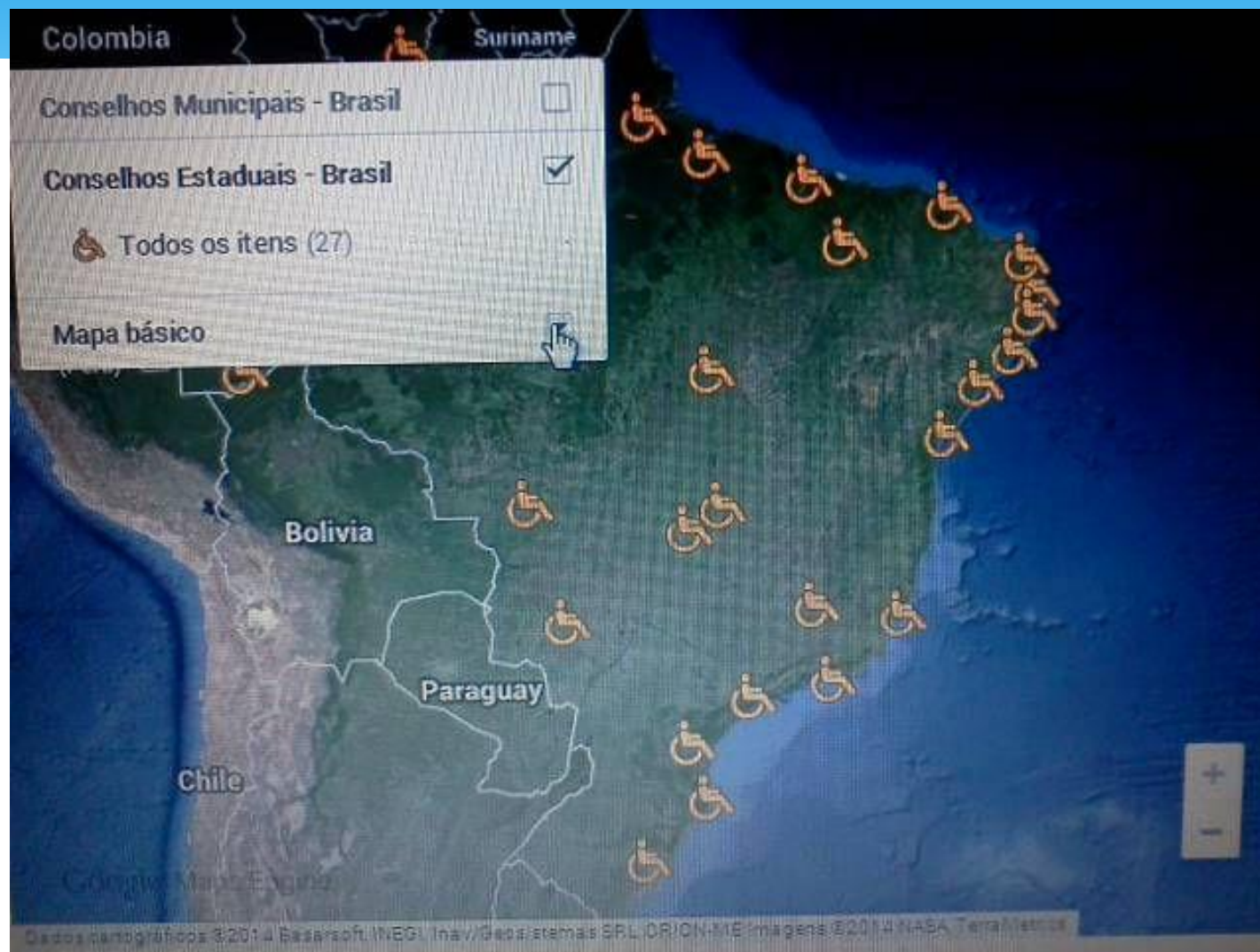
Conselho Estadual de Direitos da Pessoa com Deficiência

É um órgão superior de deliberação colegiada, criado para acompanhar e avaliar o desenvolvimento de uma política nacional para inclusão da pessoa com deficiência e das políticas setoriais de educação, saúde, trabalho, assistência social, transporte, cultura, turismo, desporto, lazer e política urbana dirigidos a esse grupo social.

Por que importante participar Conselho?

- * Articular governo;
- * Controle Social;
- * Eventos regionais no Brasil;
- * Encontro de entidades;
- * Conferência;
- * Plenária e extraordinária;
- * Fiscalizar;

Mapas Conselhos Estaduais no Brasil



Conselho Estadual

O Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência (COEPEDE) foi criado pela lei estadual nº 12339, de 10 de outubro de 2005.

Lei nº 14.421, de 7 de Janeiro de 2014.



Objetivo

- * Mostrar como organizar o conselho;
- * Mostrar o papel dos conselheiros;
- * Mostrar o papel político.



O QUE É O CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

- * O Conselho é uma instância superior de deliberação colegiada, de natureza permanente, cujo objetivo principal é propor, acompanhar e avaliar as políticas relativas aos direitos da pessoa com deficiência, com capacidade de interiorização das ações, dispondo de autonomia administrativa e financeira.

Principais atribuições e competências do Conselho

Propor diretrizes, acompanhar planos, políticas e programas nos segmentos da administração local/regional para garantir os direitos e a integração da pessoa com deficiência;

Acompanhar o planejamento e avaliar a execução, mediante relatórios de gestão, das políticas e programas setoriais;

Opinar e acompanhar a elaboração de leis municipais que tratem dos direitos da pessoa com deficiência;

Propor e incentivar a realização de campanhas visando à prevenção de deficiências e à promoção dos direitos da pessoa com deficiência;

Qual a estrutura dos Conselhos?

A estrutura do Conselho deve ser definida no Regimento Interno. Sugere-se, observando-se a realidade local, que tenha: Plenário, Presidência, Comissões Temáticas e Permanentes e Secretaria Executiva.

Qual a função dos Conselheiros?

Os Conselheiros participam e votam nas reuniões do Conselho, relatam matérias em estudo, promovem e apóiam o intercâmbio e a articulação entre instituições governamentais e privadas dentro das áreas de atuação do Conselho. Também encaminham as demandas da população com deficiência, atuam na sensibilização e mobilização da sociedade para promover a implantação, implementação e defesa dos direitos da pessoa com deficiência, além de desempenhar outras atividades atribuídas pela presidência do Conselho.

O Conselho exerce influência política?

- Para seu funcionamento adequado, é preciso garantir a participação do Conselho junto ao governo estadual/municipal na definição de políticas relacionadas com os direitos da pessoa com deficiência e seus orçamentos.

A convenção internacional dos direitos da pessoa com deficiência (New York)

Adotada pela ONU em 13/12/06.

Assinada pelo Brasil em 30/3/07.

Ratificada com equivalência constitucional pelo DL 186, de 9/7/08.

Promulgada pelo Decreto 6.949, de 25/8/09.



A convenção internacional dos direitos da pessoa com deficiência

PRIMEIRO TRATADO SOBRE DIREITOS HUMANOS DO SÉCULO XXI, TENDO COMO FOCO A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, A SUA INCLUSÃO SOCIAL, COM AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA, ESTABELECENDO E CONSOLIDANDO DIREITOS COMO O DA NÃO-DISCRIMINAÇÃO, DA EDUCAÇÃO, DA ACESSIBILIDADE, DO TRABALHO, ENTRE OUTROS.

A convenção internacional dos direitos da pessoa com deficiência

Trata a deficiência como um **MODELO SOCIAL**, ao invés do modelo reabilitador.

Pressupostos fundamentais:

As causas que originam a deficiência não são religiosas, nem científicas. São elas sociais ou preponderantemente sociais (não são as limitações individuais as raízes do problema, mas as limitações impostas pela própria sociedade, na prestação de serviços apropriados e para assegurar que as necessidades das pessoas com deficiência sejam atendidas dentro da organização social).

A convenção internacional dos direitos da pessoa com deficiência

- Acredita-se no potencial das pessoas com deficiência e na sua contribuição para a sociedade.
- Reconhece que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidade com as demais pessoas.

A convenção internacional dos direitos da pessoa com deficiência ARTIGOS GARANTEM

Igualdade e não discriminação;
Mulheres com deficiência;
Crianças com deficiência;
Acessibilidade;
Direito à vida;
Reconhecimento igual perante a lei;
Acesso à justiça;
Liberdade e segurança da pessoa;

A convenção internacional dos direitos da pessoa com deficiência ARTIGOS GARANTEM

Prevenção contra a exploração, a violência e o abuso;

Proteção à integridade da pessoa;

Vida independente e inclusão na comunidade;

Mobilidade;

Respeito à privacidade;

Liberdade de expressão e de opinião e acesso à informação;

A convenção internacional dos direitos da pessoa com deficiência

ARTIGOS GARANTEM

Respeito pelo lar e pela família;

Saúde;

Habilitação e reabilitação;

Trabalho e emprego;

Padrão de vida e proteção social adequados;

Participação na vida política e pública;

Participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte;

Artigo 9 - Acessibilidade

Possibilitar às pessoas com deficiência viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida...

Assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas:

- ao meio físico;

- ao transporte;

- à informação e comunicação;

- aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação.

Como:

- identificando e eliminando os obstáculos e barreiras existentes na sociedade.

Artigo 24 - Educação

- Os Estados Partes deverão assegurar às pessoas com deficiência a possibilidade de aprender as habilidades necessárias à vida e ao desenvolvimento social, a fim de facilitar-lhes a plena e igual participação na educação e como membros da comunidade. Para tanto, os Estados Partes deverão tomar medidas apropriadas, incluindo:
 - Facilitação do aprendizado do braille, escrita alternativa, modos, meios e formatos de comunicação aumentativa e alternativa, e habilidades de orientação e mobilidade, além de facilitação do apoio e aconselhamento de pares;
 - Facilitação do aprendizado da língua de sinais e promoção da identidade linguística da comunidade surda; e
 - Garantia de que a educação de pessoas, inclusive crianças cegas, surdocegas e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados às pessoas e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social.

EMPODERAMENTO

Processo pelo qual uma pessoa utiliza seu poder pessoal para:

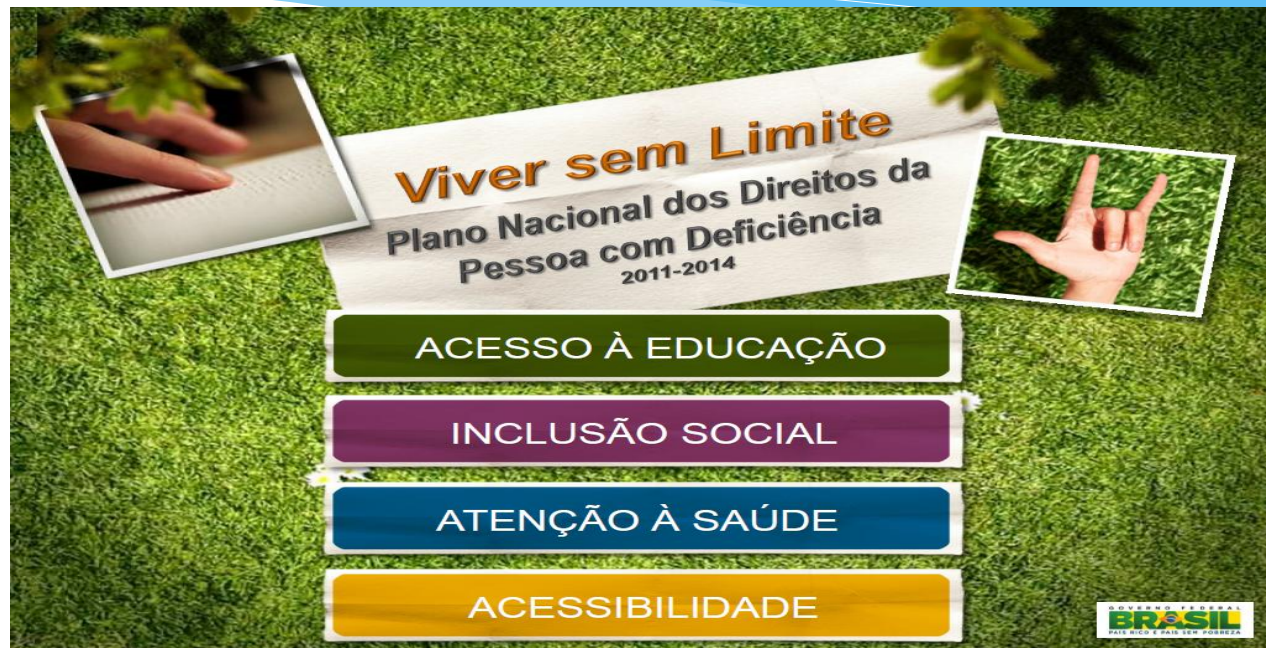
Fazer escolhas, decidir por si mesmo e assumir o controle de sua situação.

“Nada Sobre Nós, Sem Nós.”

Lema criado pela ONG
Pessoas com Deficiência da África do Sul
em 1986 (em pleno regime do *apartheid*)

- Nada (lei, política pública, programa, projeto, serviço, campanha, edificação ou benefício)
- sobre nós (sobre pessoas com deficiência), [haverá de ser gerado]
- sem nós (sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência).

Viver Sem Limite



- Instituído pelo Decreto Federal 7.612 de 17 de novembro de 2011.
- Participação de 12 Ministérios sob coordenação da SDH através da Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência e do CONADE.

- * O Governo Federal lançou recentemente o Viver sem Limite - Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, como resultado do firme compromisso político com a plena cidadania das pessoas com deficiência no Brasil. Oportunidades, direitos, cidadania para todas as pessoas são objetivos aos quais o Plano está dedicado.

- Com o Viver sem Limite, o governo brasileiro, sob liderança e prioridade da presidenta Dilma Rousseff, reafirma os Direitos Humanos das pessoas com deficiência, para garantir sua autonomia, liberdade e independência. Se avançamos na consciência de que o Brasil é de todos e todas, a hora é de garantir políticas públicas para a efetividade desses direitos.

Maria do Rosário

Ex-Ministra de Estado Chefe da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

Atualmente Deputada Federal - RS

Acesso à Educação:

- * Acesso à educação é direito de todos, sem discriminação, em igualdade de oportunidades.

Para torná-lo realidade, o plano Viver Sem Limite investe em recursos e serviços de apoio à educação básica. São ações que contemplam implantação de Salas de Recursos Multifuncionais; Promoção de acessibilidade nas escolas; Formação de professores para o Atendimento Educacional Especializado; Aquisição de ônibus escolares acessíveis e Ampliação do Programa BPC na Escola.

- * *Ex: Nos Institutos Federais Superiores estão sendo instalados núcleos de acessibilidade e ofertados cursos de Letras/Libras e de formação em Pedagogia na perspectiva bilíngue (Libras/Língua Portuguesa).*
- * Na educação Bilíngue oferecem: Professores, tradutores e interpretes de Libras contratados – 690
- * Cursos de Letras/Libras : previstos 27
- * Cursos de Pedagogia criados na perspectiva bilíngue : previstos 12

Inclusão Social:

- * Estar incluído socialmente é direito de todas as pessoas. Assim, políticas públicas de inclusão social têm como objetivo desenvolver ações de participação social e de combate à desigualdade, exclusão ou restrição que impedem o exercício de direitos em igualdade de condições. Em relação às pessoas com deficiência, são necessárias medidas para assegurar o apoio e não permitir que haja discriminação baseada nas condições físicas, intelectuais, mentais ou sensoriais e afastamento de sua comunidades.

Acessibilidade:

- * Acessibilidade é um atributo de ambiente que garante que todos convivem de forma independente, com segurança e autonomia, nos espaços, mobiliários e equipamentos abertos ao público ou de uso público. Para que pessoas com deficiência utilizem, em igualdade de oportunidades, o meio físico, o transporte e a informação, são necessárias medidas apropriadas para efetivar a acessibilidade.
- * Ex: O plano estabeleceu ações relativas à construção de casas adaptáveis no Programa Minha Casa, Minha Vida, centros tecnológicos para formar treinadores e instrutores de cães-guia; instituição do Programa Nacional de Inovação em Tecnologia Assistiva; linha de crédito para aquisição de tecnologia assistiva.
- * Desoneração de produtos de tecnologia assistiva (COFINS e PIS), de acordo com a Lei nº 12.649, de 17 de maio de 2012.

Atenção à Saúde:

- Saúde é direito de todos e dever do Estado. No Brasil, foi instituído o SUS, que tem como objetivos principais dar acesso universal e atenção integral a toda a população brasileira. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU reafirma esse direito e reitera que as pessoas com deficiência devem ter acesso a todos os bens e serviços da saúde, sem discriminação.
- Para tanto, o Governo Federal, por meio do Viver sem Limite, criou em 2012 a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência para implantação, qualificação e monitoramento das ações de reabilitação nos estados e municípios. A nova política induz a articulação entre os serviços, garantindo ações de promoção à saúde, identificação precoce de deficiências, prevenção dos agravos, tratamento e reabilitação.

Obrigado!!!

"O conhecimento partilhado em igualdade de condições, com todos, deve ser a motivação de nossa existência"

APRESENTAÇÃO 3

**OS DESAFIOS QUE A ACESSIBILIDADE
ENFRENTA NA UNIVERSIDADE**



3º Evento
SETEMBRO *Azul*
12 de Setembro • ADunicamp

Os desafios que a acessibilidade enfrenta na Universidade

Marcelo Lúcio Correia de Amorim



Fonte: Internet

- 70.000.000 Deaf People
 - 80% development countries
 - 83% no education
 - 17% education
 - 97% no bilingual
 - 3% bilingual

Fonte: World Federation of the Deaf - WFD

The screenshot shows the University Communications page on the Gallaudet University website. The header includes the university logo, navigation links (About Gallaudet, Admissions, Academics & Research, Campus Life, Athletics), and a search bar. The main content area is titled "University Communications" and features a sidebar with navigation links (Media Inquiries, Forms, Guidelines, Office Staff, Services) and a list of publications (Daily Digest, GT Newsletter, GT Magazine, In the News, Marketing Group, On The Green). A "PRESIDENTIAL Search" button is also visible. The main text area includes a photo of students, a section titled "What is University Communications ?" with a paragraph describing the office's role, and a "Services" section with sub-sections for Creative Services & Enrollment Marketing, Publications, Video Services, and Website Management. Each sub-section contains a brief description of the services provided.

<http://www.gallaudet.edu/>

RIT Rochester Institute of Technology

Give to RIT Directories Search RIT

ABOUT ACADEMICS ADMISSION ALUMNI CAMPUS LIFE CO-OP NEWS RESEARCH

A NEW HAND FOR LUCAS

Software engineer Emerging

Web site Watch Video Read More

More Stories »

Welcome

- Prospective Students »
 - Alumni »
 - Community »
 - Companies »
 - Faculty/Staff »
 - Parents »
 - Current Students »
 - Visitors »

Quick Links

Select destination -

- myRIT Login
 - Prospective Students
 - Students, Faculty & Staff
 - Guest View

News

New technology could reshape space telescopes
Scientists at RIT and the NASA Jet Propulsion Laboratory are exploring a new type of space telescope with an aperture made of swarms of particles released from a canister.

Famine project is lesson in global engagement
For 20 days this fall, Katie Spaulde led herself on the equivalent of \$1 a day—her take on an assignment to explore a region of the world. She picked a slum region of Nairobi.

RIT expands relationship with AGI
The Vignelli Center for Design Studies will host Alliance Graphique Internationale's foundation operations.

RIT men's basketball game versus Baptist Bible College postponed; game to be played Monday, Jan. 26
The RIT men's basketball game versus Baptist Bible College scheduled for Wednesday, Dec. 10 at 6 p.m. in Clarks Summit, Pa. has been postponed due to...

Visit University News for more news coverage.

Connect with RIT

View More »

Events

December 19–January 2
Break between Fall Semester and Intersession

December 25–January 2
RIT closed for the Holidays

January 5
Intersession day, evening, and online classes begin

See also
[events calendar »](#)
[academic calendar »](#)
[multicultural calendar »](#)

Learn more about January intersession
TigerTerms
BUY RIT HOCKEY TICKETS NOW!

Video Spotlight

<https://www.rit.edu/>

O QUE VOCÊ

acha isso...

no Brasil??? Como???

Lei da LIBRAS

- A lei N° 10.436, de 24 de abril de 2002 reconheceu a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras, portanto, como minoria linguística, os surdos têm o direito de participar efetivamente no planejamento e execução das políticas e programas nacionais, levando devidamente em conta seus interesses legítimos.
- Artigo 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
- Artigo 4º - O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.”

- **Portaria nº 976/06:** Acessibilidade nos eventos promovidos pelo MEC
- Portaria nº 1.679 (MEC, 1999): requisitos de acessibilidade para Instituições de Ensino Superior;
- **Portaria nº 3.284 (MEC, 2003):** atendimento a pessoas com deficiência auditiva no Ensino Superior / Normas e critérios de acessibilidade para o Ensino Superior;
- **Lei nº 10.098/00:** capítulo VII, artigo 19;
- CF, Art. 227 – “... facilitação de acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de preconceitos e obstáculos arquitetônicos”.
- **Decreto nº 5.296/04:** Acessibilidade e regulamenta as leis números 10.048/00 e 10.098/00, conhecidas como “Leis da Acessibilidade”.
Destaque para:
 - capítulo II, artigo 6, item III do parágrafo 1º ;
 - capítulo IV, seção II, artigo 23, parágrafo 6º ;
 - capítulo VI, artigo 53, item I do parágrafo 2º ;
 - capítulo VI, artigo 59;
 - capítulo VII: AJUDAS TÉCNICAS.
- **Decreto Nº 5.626/05:** Regulamentação da Libras
- **SINAES:** Avalia o PDI das IES que deve estar elaborado de acordo com o Decreto 5.773/2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das IES e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino (IES públicas e privadas) e que trata da promoção de acessibilidade de alunos com deficiência na letra c do inciso VII do art. 16.

- DECRETO Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009 que promulga o DECRETO LEGISLATIVO Nº 186, de 9 de julho de 2008
- Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996)
- Resolução 47/135 da Assembleia Geral da ONU de 18 de dezembro de 1992
- Normas para Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência da ONU n.º 48/96 - 20 de Dezembro de 1993.
- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência
- Aliança Internacional da Pessoa com Deficiência

Secretaria de Acessibilidade

Universidade Federal do Ceará



Acessibilidade na UFC





3º Evento
SETEMBRO *Azul*
12 de Setembro • ADunicamp

Obrigado 😊

mlca@ufc.br



APRESENTAÇÃO 4

**DIREITOS HUMANOS E LINGUÍSTICOS
DAS PESSOAS SURDAS**



Direitos Humanos e Linguísticos das Pessoas Surdas

Francisco Eduardo Coelho da Rocha

DIREITO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

- * Um dos temas que causam grande polêmica na atualidade é a questão da pessoa com deficiência. Com o passar dos anos, a sociedade mundial vem se importando mais com essa população, de forma que se tornou um tema de grande relevância.

POLÍTICA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Programas

- ✓ Programa Nacional de Acessibilidade;
- ✓ Programa de Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência;

Prioridade da Agenda do Governo Federal:

- Agenda Social – Direitos de Cidadania das Pessoas com Deficiência.
- Âmbito Internacional e Constitucional no Brasil:
 - Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

Marco Histórico

- * A Constituição Federal de 1988 foi um enorme avanço, e trouxe em seu bojo, uma nova perspectiva preceituando responsabilidade simultânea da família, da sociedade e do Estado para favorecer o progresso da proteção dos direitos de pessoas com deficiência. E em seu art.1º, III, art.3º, IV, e art. 5º, “caput”, CF, conclama que se dará igualdade de oportunidades a todos, sem preconceitos ou qualquer forma de discriminação.



Inclusão Social dos Surdos na Sociedade Brasileira

- Os limites do passado ?
- Quais as possibilidades hoje e no futuro ?

1988 a 1995

- * Não tinha legenda e Janela em LIBRAS na T.V.
- * Não se contratava intérprete para concurso
- * Não usava-se tecnologia
- * Poucos surdos tinham nível escolar básico para o mercado de trabalho e não entravam no ensino superior
- * Faltava acessibilidade nos serviços públicos (Polícia, Bombeiro, Aeroporto)

1995 a 2005

- * Médio uso de Intérpretes e Legenda para T.V.
- * Médio uso de Intérpretes em concursos públicos com candidatos surdos
- * Médio uso de Tecnologias (email, fax e celular)
- * Aumentou mercado de trabalho em EMPRESA
- * Olimpíadas de Surdos



CONVENÇÃO da ONU SOBRE OS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Convenção da ONU

- * Artigos: 24 e 30

- * Educação

“Facilitação do aprendizado da língua de sinais e promoção da identidade lingüística da comunidade surda;

Garantia de que a educação de pessoas, em particular crianças cegas, surdocegas e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados ao indivíduo e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social.”

Direito à Preservação Cultural

- * “As pessoas com deficiência farão jus, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a que sua identidade cultural e linguística específica seja reconhecida e apoiada, incluindo as línguas de sinais e a cultura surda.”

2005 a 2014

- Aumentou uso de Legendas e Intérpretes na TV
 - Aumentou acessibilidade nos serviços públicos
 - Aumentou as possibilidades de formação de mestres e doutores surdos
 - Plano Viver sem Limites (PRONATEC, Letras Libras, Pedagogia Bilíngue)
 - 900 surdos formados pelo Letras Libras (UFSC, 2006 e 2008)
- 37 Centrais de Intérpretes de LIBRAS

Governo entrega 37 Centrais de Interpretação de Libras para 25 unidades federativas

- * Ministra Maria do Rosário assinou o termo de doação das Centrais de Interpretação aos Estados
- * A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) entregou 37 Centrais de Interpretação de Libras (CIL) para 24 estados e o Distrito Federal. O objetivo é garantir atendimento de qualidade para pessoas surdas ou com deficiência auditiva por meio de serviços de tradução e interpretação, além de facilitar o acesso a serviços públicos.
- * Na ocasião, a ministra Maria do Rosário destacou a importância da cooperação e articulação com estados e municípios.
- * Fevereiro 2013, Conade.

Estado	Cidade	Quantidade	Situação
Acre	Rio Branco	1	Está funcionando
Alagoas	Maceió	1	Não está funcionando
Amapá	Macapá	1	Não está funcionando
Amazonas	Manaus	2	As duas Centrais estão funcionando
Bahia	Salvador / Jequié	2	As duas Centrais estão funcionando
Ceará	Fortaleza / Juazeiro do Norte	2	As duas Centrais estão funcionando
Distrito Federal	Brasília	1	Unidade em funcionamento
Espírito Santo	Vitória	1	Não está funcionando
Goiás	Goiânia	2	Não estão funcionando
Maranhão	São Luís	1	Não está funcionando
Mato Grosso	Cuiabá	1	Não está funcionando
Mato Grosso do Sul	Campo Grande	1	Unidade em funcionamento
Minas Gerais	Belo Horizonte / Uberlândia / Juiz de Fora	3	Belo Horizonte e Uberlândia já funcionam, Juiz de Fora ainda não
Pará	Belém	1	Não está funcionando
Paraná	Curitiba	1	Não está funcionando
Paraíba	João Pessoa / Campina Grande	2	As duas unidades estão funcionando
Pernambuco	Caruaru / Petrolina	2	As duas unidades estão funcionando
Piauí	Teresina / Picos / Parnaíba	3	As três unidades estão funcionando
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	1	Unidade em funcionamento
Rio Grande do Norte	Natal	1	Não está funcionando
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	3	Não estão funcionando
Santa Catarina	Florianópolis	1	Unidade em funcionamento
Sergipe	Aracaju	1	Não está funcionando
São Paulo	São Paulo	1	Não está funcionando
Tocantins	Araguaína	1	Unidade em funcionamento



LÍNGUAS DE SINAIS GANHAM CADA VEZ MAIS RECONHECIMENTO EM TODO O MUNDO

Vídeo

- * PRESIDENTE OBAMA

<https://www.youtube.com/watch?v=zXHabLaTLCY>

Restaurante

<https://www.youtube.com/watch?v=MJYPbZZpgQE>

<https://www.youtube.com/watch?v=qvQDwCDq4Pk>

- * http://www.youtube.com/watch?v=W_rbbopaUL4

Tarso Genro - Governador do Rio Grande do Sul - RS



José Fogaça EX – Prefeito de Porto Alegre - RS



Língua de Sinais do Mundo

- * Aqui estão as línguas de sinais em todo o mundo.
- * Essa lista contém 177 países.

- * Língua de sinais de Adamarobe (Gana)
- * Língua de Sinais de Gana (Gana)
- * Língua de Sinais de Nanabin (Gana)
- * Língua de Sinais de Bali (Indonésia)
- * Língua de Sinais de Indonésia (Indonésia)
- * Língua de Sinais de Austrália (Austrália)
- * Língua de Sinais de Aborígenes (Austrália)
- * Língua de Sinais de Catalunha (ESPANHA)
- * Língua de Sinais de Espanha (Espanha)

LEIS Reconhecendo a Língua de Sinais – América do sul e América do Central

- * Colômbia
- * Peru
- * Uruguai
- * Bolívia
- * Chile
- * Brasil
- * Nicarágua
- * Costa Rica

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA DEFICIÊNCIA

- * Em **1989**, foi editada a Lei nº 7.853, que dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiência;
- * Em **1999**, a Lei nº 7.853/1989 foi regulamentada pelo Decreto nº 3.298, que também estabeleceu o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, o CONADE.
- * Em **2000**, o assunto foi tratado pela Lei Federal n.º 10.048 e pela Lei n.º 10.098, que avançaram mais em relação à implantação da acessibilidade para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.
- * Em **2004**, o Decreto n.º 5.296, chamado de decreto da acessibilidade, regulamentou ambas as leis, o que ampliou o tema a espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, edificações, serviços de transporte e dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação.

- * Em **2002**, foi editada a Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.
- * Em **2005**, foi estabelecida a Lei nº 11.126, que dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambiente de uso coletivo acompanhado de cão-guia.
- * Em **2005**, o Decreto n.º 5.626, **que tornou obrigatório o ensino de LIBRAS nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério em nível médio e superior e nos cursos de Pedagogia e de Fonoaudiologia, recomenda sua inclusão progressiva nas demais licenciaturas do ensino superior.**
- * Em **2010**, a Lei 12.190, institui a concessão de indenização por dano moral às pessoas com deficiência física decorrente do uso da talidomida.
- * Em **2011**, o Benefício de Prestação Continuada, definido pela Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, foi alterado pela Lei nº 12.470, permitindo a continuidade do pagamento do benefício suspenso por ingresso no mercado de trabalho, caso a relação trabalhista viesse a ser extinta.

CONCEITO

- * Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras sociais, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência - ONU)

DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Direito de Acessibilidade:

- * A fim de possibilitar às pessoas com deficiência viver com autonomia e participar plenamente de todos os aspectos da vida, os Estados Partes deverão tomar as medidas apropriadas para assegurar-lhes o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ou propiciados ao público, tanto na zona urbana como na rural. (art. 9º da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência).


EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Inclusão do tema acessibilidade nas diretrizes curriculares da educação profissional e tecnológica e do ensino superior dos cursos de engenharia, arquitetura e correlatos.

Acessibilidade hoje é uma matéria de conhecimento obrigatório, por todos os profissionais das áreas de projeto e construção.

Acessibilidade em Pauta

O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Pernambuco tem a honra de convidar para o café da manhã de lançamento da Cartilha de Acessibilidade da campanha **Fácil acesso para todos**, que será realizado no dia 25 de março de 2003, às 8:30 horas, no auditório deste Conselho, sito à Av. Agamenon Magalhães, nº 2978, Espinhoeiro, Recife, PE.



CREA-PE
Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Pernambuco


Curso de Acessibilidade

Construindo um lugar melhor para todos.

Dias 8 e 9 de novembro de 2002.

Curso destinado a preparar o profissional de arquitetura para projetar e adequar os espaços para que todas as pessoas possam se locomover com segurança, autonomia e dignidade.

Vagas limitadas.
Inscrições e informações pelo fone: (81) 3423.4383



CONFEA CREA-PE

Projeto de Valorização Profissional

Curso

Acessibilidade

Um Novo Olhar sobre a Cidade



CONFEA CREA-PE

Realização:

Data/Local:
Audiência de CREA-PE - Av. Agamenon Magalhães, s/nº 2978 andar Espinhoeiro - Recife / PE Fone: 81-3423.4383 Fax: 81-3423.8480

Valor:
Estudantes (R\$ 50,00) Profissionais do Sistema (R\$ 200,00) Outros (R\$ 150,00)

Instrutores:
Adriana Romeiro de Almeida Prado
Arquiteta, urbanista, formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, especialista no tema acessibilidade e membro em Técnico Insator, coordenadora de projetos de acessibilidade na Unidade de Política Pública da Fundação Profeta Paulo Lima - Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal do Estado de São Paulo (CEPAM).

Cláudio Gilberto Feltosa Soares
Arquiteto, graduado pela Universidade Federal do Ceará - UFCE, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, Técnico do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN.

Ricardo Moraes
Arquiteto e urbanista pela Universidade Gama Filho - UGFAL, pós-graduação em metodologias para o desenvolvimento municipal e urbano, pela Escola Nacional de Serviços Urbanos do Instituto Brasileiro de Administração Municipal-IBAM/RL, Coordenador Técnico da Área de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente-CEM/IBAM e professor da Escola Nacional de Serviços Urbanos-ENSLU.

Apoio:
IBAM
IPHAN

PARA ALGUNS NÃO É TÃO FÁCIL REALIZAR CERTAS ATIVIDADES INACESSÍVEL É INACEITÁVEL

CREA

SEMINÁRIO DE ACESSIBILIDADE

É O MEIO ASSO.

LABORIO

Vias de Integração da Cidade

18 e 19 de novembro de 2004 Recife-PE

Associação Brasileira de Cimento Portland
www.abcp.org.br

Fone: (81) 3327-2502/8814-7124 E-mail: www.abcp.com.br

O RECIFE VAI ENVEREDAR POR UM NOVO CAMINHO.



CONFEA CREA-PE

IMPRESSO

RESERVA DE VAGAS NO MERCADO DE TRABALHO

- **Surdos devem ter direito a intérpretes nas provas e provas em versão bilíngue**
- **Acessibilidade no ingresso e na PERMANÊNCIA com qualidade**
- **Mais formação e qualificação profissional**

APRESENTAÇÃO 5

**III SETEMBRO AZUL - 2014:
DIREITOS HUMANOS EM QUESTÃO;
A UNIVERSIDADE PÚBLICA PODE SE FAZER FALAR EM LIBRAS**

III Setembro Azul - 2014:
Direitos humanos em questão:
a universidade pública pode se
fazer falar em LIBRAS

Palestrantes

Daniela Ramalho Cury

Daniele Silva Rocha

Guilherme Silva de Oliveira

Luciana Aguera Rosa

Maria Carolina Bonfim

Regiane Pinheiro Agrella

Objetivo

- ▶ Direitos humanos da pessoa surda;
- ▶ Conjunto de medidas para promover a inclusão;
- ▶ Favorecer o ingresso;
- ▶ Permanência de pessoas surdas nesta universidade - UNICAMP;
- ▶ Cumprir as Leis em vigor.

Estudante Surdo na Universidade

Acesso e permanência de estudante Surdo na UNICAMP

Versão em LIBRAS do vestibular
da UNICAMP;

Criação de um Setor de Apoio
Estudantil ao aluno Surdo;

Manter estatística de número de
alunos Surdo na UNICAMP;

Criação de um Central de
Tradutores e Intérpretes (TILS)
da UNICAMP;

Estudante Surdo na Universidade

Estudantes Surdo na Pós-Graduação Stricto e Lato Sensu

Garantir o acesso aos surdos e/ou com deficiência auditiva na Pós-Graduação da UNICAMP;

Garantir pelo menos dois tradutores e intérpretes de língua de Sinais;

Língua Portuguesa: oferecer como opção de proficiência em segunda Língua;

Estudante Surdo na Universidade

Exame de proficiência em Língua Estrangeira: o direito a aprofundar conhecimento em português escrito e em língua estrangeira

Língua Portuguesa;

Certificados de proficiência em língua estrangeira emitidos pelo Centro de Ensino de Língua - CEL da Universidade Estadual Campinas - UNICAMP;

Estudante Surdo na Universidade

Filmagem durante as disciplina e o
Grupo de Estudo e Pesquisa

Filmagens para revisão do
conteúdo da disciplina e das
discussões realizadas nos Grupos
de Estudo e Pesquisa;

Disponibilizar em bibliotecas as
gravações realizadas das aulas;

Estudante Surdo na Universidade

Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social da UNICAMP
(PAAIS) - Leitura como primeira língua - L₁ (LIBRAS)

Docente da UNICAMP realiza envio de materiais didáticos para a equipe do PAAIS. Os TILS traduzem este material para LIBRAS e/ou escrita de sinais.

Disponibilizar o video no sistema UNICAMP.

Possibilitar o ensino de português como Segunda Língua - L₂.

Docente Surdo na Universidade

Cumprimento do Decreto 5626/2005 - A importância do docente surdo ministrando disciplina e se formando pesquisador na e para a UNICAMP. Perfil para Edital de Concurso Público

Formação:

- Prioritariamente Sujeito Surdo;
- Superior em Pedagogia ou Letras Libras (Licenciatura) ou Licenciatura Plena;

- Título de Mestre ou Linguística Aplicada ou Doutor em Educação ou Linguística Aplicada;

- Certificado em LIBRAS, proficiência com reconhecimento do Ministério da Educação;

- Se não tiver PROLIBRAS, comprovar que foi docente de Libras nos projetos Letras Libras do MEC;

Docente Surdo na Universidade

CUMPRIMENTO DO DECRETO 5626/2005 - A IMPORTÂNCIA DO DOCENTE SURDO MINISTRANDO DISCIPLINA E SE FORMANDO PESQUISADOR NA E PARA A UNICAMP

Atribuição do cargo;

Carga horária: RDIDP;

Salário: compatível ao cargo e nível MS referente à titulação apresentada;

- Se não tiver PROLIBRAS, comprovar que foi docente de Libras nos projetos Letras Libras do MEC;

Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira na UNICAMP

Formação:

- Superior em Letras ou em Pedagogia ou Letras Libras (Bacharelado);

Formação:

- Ou formação superior com certificação em LIBRAS de acordo com a área de saúde, exatas e humanas;

Título de Mestre em Educação ou Linguística Aplicada ou Doutor em Educação ou Linguística Aplicada;

Certificação em LIBRAS, proficiência com reconhecimento do Ministério da Educação (MEC);

Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira na UNICAMP

Atribuição do cargo;

Carga horária;

Título de Mestre em Educação ou Linguística Aplicada ou Doutor em Educação ou Linguística Aplicada;

Certificação em LIBRAS, proficiência com reconhecimento do Ministério da Educação (MEC);

Letras Libras: Pólo UNICAMP 2008

- Vestibular: L1 (Vídeo) e L2 (Português);

Parceira com a UFSC: respeito à comunidade surda;

Pólo: UNICAMP
- 2006: 9 pólos;
- 2008: 15 pólos;

Duração do curso: 4 anos a distância (cada 15 dias, sábados e domingos);

Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira na UNICAMP

-Formação do curso:
Licenciatura e Bacharelado;

Prova e trabalho:
- vídeo (parecido com a do
Prolibras);
- Atividades no site da AVEA;

Disciplina: todas as aulas são em
vídeos;
- Acompanhamento de
professores, tutores e
intérpretes;
- Apostila com DVD;

TCC: duas opções
- Vídeo ou texto em português
obedecendo a norma da ABNT;

Letras Libras: Pólo UNICAMP 2008

- Vestibular: L1 (Vídeo) e L2 (Português);

Parceira com a UFSC: respeito à comunidade surda;

Pólo: UNICAMP
- 2006: 9 pólos;
- 2008: 15 pólos;

Duração do curso: 4 anos a distância (cada 15 dias, sábados e domingos);

Intercâmbio na Gallaudet

Graduação e Pós-Graduação;

Acessibilidade;

ELI
English Language Institute;

Respeito à comunidade surda;

GT LIBRAS da UNICAMP e Experiência do Mestrado e Doutorado

O que é GT LIBRAS DA UNICAMP?

Propostas do GT LIBRAS

Experiência do Mestrado e
Doutorado

Concurso para professor surdo
nas universidades

POSFÁCIO: O ATO ÉTICO E POLÍTICO DA ESCRITA SURDA

A cada publicação escrita, como esta, de (ou com) autores surdos em língua de modalidade áudio-sonora, se repõe uma questão, cujo alcance ético e filosófico me parece ainda insuficientemente tematizado. Trata-se de saber o que significa, para seus autores, esse esforço de escrever em língua alheia (ou, no melhor dos casos, em sua segunda língua) para dirigir-se a falantes desse outro idioma modalmente diverso ou, mais estranhamente ainda, a falantes naturais de sua própria língua de sinais.

Primo Levi, o judeu italiano que inaugurou, com vigor, a literatura de testemunho da *Shoá*, nos apresenta a condição do sobrevivente do extermínio como a de quem possui a tarefa de, emprestando-lhes sua língua e sua escrita, falar em nome de outros, os que se afundaram no reino da morte e do silêncio, os que não retornaram da destruição da condição própria ao humano, que é a de falar, e não voltaram ou porque morreram ou porque não retomaram a posição humana da fala. Ele nos conta de um menino nascido no campo de concentração de Auschwitz, uma criança que “não sabia falar e não tinha nome”, a quem os prisioneiros dali nomearam de Hurbinek. A descrição que o escritor faz do garoto é marcante: “As palavras que lhe faltavam, que ninguém se preocupava de ensinar-lhe, a necessidade da palavra, tudo isso comprimia seu olhar com urgência explosiva: era um olhar ao mesmo tempo selvagem e humano, aliás, maduro e judicante, que ninguém podia suportar, tão carregado de força e de tormento”.¹ Esse menino sem nome nem língua, diz Levi, “morreu nos primeiros dias de março de 1945, liberto mas não redimido. Nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras”.²

Se a tarefa de falar por outros sobre a experiência do campo de extermínio se constitui já por si num problema – pois realizada “quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo”, diz-nos Levi³ –, o que pensar de uma situação formalmente inversa, a de falar de si tomando emprestado uma língua que não é a sua própria? Levi empresta suas palavras, proferidas ou escritas em sua própria língua, a um garoto cuja ascendência é desconhecida, assim como o é, por consequência, sua provável língua natural caso tivesse tido a chance de adquiri-la em condições culturais normais, vivendo entre os seus. A tarefa ética e política do testemunho em

¹ LEVI, Primo. 2010. p. 19-20.

² Idem, p. 21.

³ LEVI, Primo. 2004.

nome de outros, “por meio de minhas palavras”, se constitui, para Levi, num paradoxo eticamente incontornável, pois determinado pela necessidade de falar a terceiros sobre a experiência do extermínio, experiência compartilhada com aqueles que não podem mais tomar a palavra.

Não haveria na escrita surda (a escrita, pelo Surdo, numa língua que não é a sua) um paradoxo semelhante? Sem dúvida, todo Surdo, ao falar de sua condição surda, fala não só por si, pois fala de uma condição que é coletiva, comunitária, e por isso *fala também por outros*, as gerações passadas e presentes às quais foi confiscada a tomada da palavra escrita (e, antes de tudo, a sinalizada), e com quem divide uma mesma experiência histórica de subalternidade languageira; e o faz por meio de suas próprias palavras (o que significa dizer que toda escrita surda é testemunhal!).⁴ Contudo, o específico, e que resta a pensar, é o fato de que o faz em sua segunda língua, isto é, na primeira língua daqueles a quem quer falar.

Dizem os ciganos, só se fala a verdade em sua própria língua. Sim, mas o que impele o Surdo a falar nessa outra língua senão uma profunda necessidade de comunicar uma verdade? Que força é essa que se manifesta assim: necessária? Sobre a origem de sua própria escrita, diz-nos mais uma vez Primo Levi: “A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação [do campo de concentração], caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades imediatas”.⁵ Podemos supor que no ato do autor surdo de falar por si, falando assim também por outros, para terceiros, se manifesta esse mesmo “impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades imediatas”. Outras necessidades imediatas, até mesmo a de falar em sua própria língua? Certamente sim.

Um duplo atamento ético, que não se situa no campo do livre arbítrio (pois justamente no da *necessidade*), se tece nessa escrita surda em segunda língua. O seu compromisso de falar por si e por outros, dando-lhes palavras, é nesses casos inseparável do seu compromisso, igualmente ético e político, para com os outros a quem fala: os ouvintes (entendidos aqui não com base numa condição sensorial, mas como falantes de uma língua áudio-sonora). Esse segundo nó é o que se entrelaça na língua alheia, numa radical experiência de

⁴ Se na literatura surda está incluída a escrita pelo surdo em língua áudio-sonora majoritária (WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin, 2005, p.111), é preciso que nessa escrita se considere também a produção teórica, não apenas a autobiográfica ou ficcional. Aliás, é um traço importante que a escrita teórica, científica, dos autores surdos seja em parte também autobiográfica, os autores dizendo-se e fazendo conhecer sua experiência de vida pessoal e intelectual na reflexão conceitual e no diálogos com outros autores.

⁵ PRIMO, Levi. 1988. p. 8.

alteridade, de aposta, de doação, de generosidade (no sentido radical dessa palavra, que remete a gerar, criar, fornecer...). Essa experiência, que se diferencia nesse específico da do testemunha da *Shoá*, é constitutiva da Cultura Surda, como cultura a um só tempo coletivista, comunitária, e minoritária.⁶ Como minoria linguística que não partilha um mesmo território físico, geográfico, embora partilhe um mesmo território linguístico, os Surdos se constituem (isto é, se reconhecem) enquanto tais, desde o início, nessa relação radical de alteridade: na família, no bairro, na escola, na cidade... O impulso a associar-se aos seus “compatriotas” de língua e cultura (os demais Surdos) e com seus familiares, amigos, colegas ouvintes, se apresenta desde o início como uma necessidade afetiva e prática, num duplo movimento de identificação processual, móvel e diversa com os primeiros,⁷ no interior de comunidades surdas em permanente processo de instituição (grupos de amigos surdos, escolas de Surdos, grupos institucionais ou associativos de Surdos etc.), e de inserção em relações genéricas, sociais, com os segundos, relações marcadas pela alteridade linguística e cultural (a família, o bairro, a igreja, as demais instituições sociais e políticas da cultura majoritária etc.).

Este gesto sempre ético e político da escrita surda remonta ao século XVIII. Pierre Desloges (1747-1799), surdo francês, parece ter sido um dos seus pioneiros. Em 1779 ele publica em francês, sob os auspícios (e contra as concepções pedagógicas) do abade Deschamps, capelão da Igreja de Orléans, o livro intitulado *Observations d'un sourd et muèt, sur un cours élémentaire d'éducation des sourds et muèts*. Os motivos mais gerais de sua escrita, ele os apresenta no pequeno Prefácio à obra: “quase todo mundo formou as ideias mais falsas sobre nós; [...] muito poucas pessoas têm uma noção justa de nossa condição, dos recursos que nos permanecem ou dos meios que temos de nos comunicar entre nós pela língua de sinais”.⁸ Os motivos específicos, imediatos, são o fato de que o próprio Deschamps, “novo instituidor (educador) de surdos e mudos”, diz-nos Desloges nessa obra que ainda está por receber sua tradução para Libras e português, “publica um livro no qual, não contente em condenar e rejeitar a língua de sinais como meio de instituição para aqueles que ele instrui, apresenta os paradoxos mais estranhos, as asserções mais errôneas contra essa

⁶ LADD, PADDY (2005) concebe a Cultura Surda como minoritária, em oposição a subcultura, ressaltando com isso tanto o primado da língua própria como fonte cultural originária quanto a recusa em tê-la como cultura menor; e igualmente defende-a como cultura coletivista, em oposição às culturas individualistas, com base nas quais o ouvintismo toma a condição surda como individual, nos marcos da deficiência.

⁷ Sobre a natureza processual, móvel e diversa das identificações surdas, permanece ainda como texto fundamental o de PERLIN, Gladis (2005).

⁸ DESLOGES, Pierre (1779). Essa obra encontra-se disponível, em versão pdf do original, em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k749465>>. Acesso em: 12. dez. 2014.

mesma língua”.⁹ E conclui: “Semelhante a um francês que visse sua língua diminuída por um alemão que soubesse dela no máximo algumas palavras, senti-me obrigado a vingar a minha [língua] das falsas imputações das quais a carrega este autor e justificar ao mesmo tempo o método do Senhor Abade de l’Épée, que é todo baseado no uso dos sinais”.¹⁰

Este é um ato ético e político. Ético, pois oferece em francês ao leitor falante da língua francesa argumentos sobre a língua de sinais que este não conhece, realizando a travessia fronteiriça da língua própria em busca do outro; e o faz não apenas em seu próprio nome, mas de uma comunidade de falantes da língua de sinais, da qual faz parte. E político, pois se trata para o Surdo Desloges, nessa generosidade que o faz abandonar provisoriamente sua pátria linguística, numa embaixada à língua francesa, de argumentar contra as depreciações que faz, contra a língua de sinais, o falante de outra língua, que não conhece, não usa, não compreende àquela; e, portanto, não pode avaliar com justeza um método educativo que nela se baseia, o método do Abade de l’Épée. Nessa dupla posição, Pierre Desloges diz do “lugar” em que emite seu discurso: como Surdo, falante da língua de sinais, à qual quer defender como o faria algum francês que visse sua língua atacada por um alemão (não é esse um argumento a que os franceses seriam sensíveis?); e o faz, sustentando – como diria Patrícia Rezende – a “soberania” da língua de sinais. Os autores surdos brasileiros, como os que se fazem presentes neste volume, se inscrevem nessa tradição de escrita testemunhal, não raras vezes polêmicas, de natureza ética e política, tradição inaugurada na França por Pierre Desloges e continuada/inaugurada aqui por pesquisadores da altura intelectual de Gladis Perlin, Marianne Stumpf e Wilson Miranda.

Fortaleza, 14 de dezembro de 2014.

João Emiliano Fortaleza de Aquino

⁹ Pierre Desloges, 1779. p.2

¹⁰ Idem. 1779. p. 3.

REFERÊNCIAS

- DESLOGES, Pierre. **Observations d'un sourd et muèt, sur un cours élémentaire d'éducation des sourds et muèts**. Amsterdam: B. Morin Imprimeur-libraire, 1779. p. 2-3. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k749465>>. Acesso em: 12. dez. 2014.
- LADD, Paddy. Golpes contra el império: Culturas sordas y educación de sordos. In: CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE EDUCACIÓN DEL SORDO, 20., 2005, Maastricht , Holanda. **Actas del...** Maastricht , Holanda: [s.n.], 2005. Disponível em: <http://www.cultura-sorda.eu/resources/Ladd_2005_espanol.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2014.
- LEVI, Primo. **Os afogados e sobreviventes**. Trad. bras. Luiz Sérgio Henriques. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. bras. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 8.
- LEVI, Primo. **A trégua**. Trad. bras. Marco Luchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 19-20.
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: Skliar, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 51-73.
- WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver**. Trad. bras. Tarcísio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005. p. 111

Sobre os Autores

Ana Regina e Souza Campelo

Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Educação e Linguística, com ênfase em Educação Bilíngue, Inclusiva e Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: língua de sinais, educação dos Surdos-Mudos, Educação Inclusiva, intérprete de língua de sinais, comunidade surda-muda e defesa dos Direitos dos Surdos-Mudos. Proficiência em PROLIBRAS e da Língua Portuguesa (CELPE). Atualmente, Professora Adjunto do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos na disciplina: Educação Bilíngue para Surdos. Também ministra Ensino de Línguas: LSB e Professora Colaboradora de uma das Disciplinas de Estudos da Tradução na UFSC - Santa Catarina e da UFF - Universidade Federal Fluminense.

E-mail: anarcampello@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6945261731062194>

Aryane Santos Nogueira

Graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual de Campinas e especialista na área de Surdez: Desenvolvimento e Inclusão, pela mesma Universidade. Possui mestrado em Linguística Aplicada, na área de Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue pela Universidade Estadual de Campinas e é doutoranda do Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Fonoaudiologia, com ênfase em surdez e letramento na diversidade. Atuando nos seguintes temas: Surdez, Letramento e Surdez, Inclusão Escolar dos Surdos, Produção de Materiais Didáticos para Surdos, Língua Brasileira de Sinais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8811967880218298>

Bianca Fiod Affonso

Aluna do curso de Pedagogia da UNICAMP. Realizou a pesquisa de Iniciação Científica, intitulada "O estado da arte nas pesquisas sobre mediação", concluída em Julho de 2013, como bolsista do CNPQ. Contemplada pela bolsa, realiza a pesquisa "O pensamento de professores de ensino fundamental acerca da mediação e as estratégias por eles sugeridas para a promoção do desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos", concluída em Julho de 2014.

E-mail: biaffonso@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8901812816231600>

Carolina Pereira de Quevedo

Aluna do curso de Pedagogia da UNICAMP

E-mail: carolp.quevedo@gmail.com

Cláudio Henrique Nunes Mourão

Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ex-professor de teatro e dança de salão; Atualmente é professor de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Autor em dois livros de Literatura Surda-Infantil: *As Luvas Mágicas do Papai Noel*, com co-autoria de Alessandra Klein; *A Fábula da Arca de Noé*. publicados pela Editora Cassol.

E-mail: cacaumourao@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0418256905278517>

Daniela Ramalho Cury

Mestranda na Faculdade de Educação na UNICAMP. Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010), graduação em Educação Física pela Universidade de Santo Amaro (2000) e graduação em Letras e Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Atualmente é assessora técnica bilíngue/LIBRAS na Mais Diferenças. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: surdos, educação de surdos, atuação fonoaudiológica, atuação educacional e inclusão.

E-mail: dancury@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3696915704142975>

Daniele Silva Rocha

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2010) e possui Pós-Graduação "Lato Sensu" - Modalidade Especialização em Surdez: Desenvolvimento e Inclusão pela Universidade Estadual de Campinas (CEPRE/FCM) Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: surdez, políticas públicas, ensino superior, surdez, comunicação, ensino superior e surdez, libras, ensino superior.

E-mail: danirocha20@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0948893650052847>

Elaine Andrade Peres Fernandes

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Professora de Educação Especial - Deficiência Auditiva modalidade AEE, cargo efetivo na Prefeitura Municipal de Hortolândia. Exerce, também, a função/atividade de Professora Efetiva de Ensino Fundamental I junto a Prefeitura Municipal de Campinas. Tem experiência na área de Educação há 10 anos. Pósgraduada em Deficiência Auditiva e LIBRAS pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FATECE), Pirassununga (SP). Especialização em Novas Tecnologias Digitais na Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5534371337446043>

Ellen Cristina C. T. Oliveira

Graduada em Letras, Português/ Inglês, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, especialista em Libras - Língua Brasileira de Sinais, pela Universidade Estadual do Tocantins, proficiente com o Prolibras - MEC, no ensino, tradução e interpretação da língua, ambos em nível superior. Atuou como consultora na área da surdez, regente do coral de surdos "Mãos que Cantam e Encantam", professora intérprete no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoa com Surdez - CAS pela Secretaria da Educação e Cultura do Tocantins - SEDUC/TO. Atuou ainda como intérprete educacional de Libras pela FENEIS - SP, em eventos e em grupos de pesquisa na UNICAMP. Atualmente exerce o cargo efetivo de Professora Bilíngue, na Prefeitura Municipal de Campinas, ensinando o Português como segunda língua para alunos surdos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9152109370570511>

Francisco Eduardo Coelho da Rocha

Conselheiro da CONADE - Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência; Diretor regional da FENEIS-RS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos)

Giovana Camargo Sacconi

Aluna do curso de Pedagogia da UNICAMP

E-mail: giovana.c.sacconi@gmail.com

Guilherme Silva de Oliveira

Mestrado em andamento em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. Especialização em andamento em Libras e Educação de Surdo pelas Faculdades Integradas Espírita. Graduado em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - polo UNICAMP e bolsista da CNPq.

e-mail: guiso@ymail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2368933774638597>

Heloísa Andreia de Matos Lins

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, onde também concluiu os cursos de graduação em Pedagogia e Mestrado em Educação. Atualmente é Professora Doutora do Departamento de Psicologia Educacional da FE - UNICAMP e membro do grupo de pesquisa ALLE - Alfabetização, Leitura e Escrita, onde coordena o Grupo de Estudos Surdos e Novas Tecnologias (GESTEC), na mesma instituição. Foi Profa. Adjunta do Departamento de Ciências da Educação e do Núcleo de Educação a Distância da UFSJ - São João Del Rei, na área de Educação Infantil. Parecerista e membro editorial de periódicos acadêmicos e editoras. Assessora ad hoc da FAPESP. Membro do GT Subjetividade, Ensino e Aprendizagem, da ANPEPP. Principais áreas de atuação: linguagens, surdez, diferença/desigualdade, inclusão/exclusão, infância, novas tecnologias.

E-mail: heloisamatos@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1223550576455316>

João Emiliano Fortaleza de Aquino

Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde defendeu uma tese sobre Guy Debord, com Estágio Pós-Doutoral na Universidade de São Paulo, quando realizou uma pesquisa sobre Walter Benjamin. É Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará, Coordenador do Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica e do Grupo de Estudos Benjaminianos da UECE. Tem experiência em Filosofia (nas áreas específicas de Teoria Crítica, Estética e Dialética) e em Estudos Surdos.

E-mail: emiliano.aquino@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0936984889045368>

Juliana Nagaoka de Castro

Aluna do curso de Letras da UNICAMP

E-mail: ju.nagaoka@gmail.com

Laura Martins Fargetti

Aluna do curso de Pedagogia da UNICAMP

E-mail: lau_fargetti@hotmail.com

Letícia Peressinoto

Aluna do curso de Pedagogia da UNICAMP

E-mail: letsposti@gmail.com

Lilian Cristine Ribeiro Nascimento

Graduação em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor doutor da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: educação de surdos, consciência fonológica, fracasso escolar, terapia fonoaudiológica e avaliação.

E-mail: lcrn05@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7478232008272219>

Luciana Aguera Rosa

Graduação em Letras - Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012) e Especialização em andamento em Libras e Educação de Surdo pela Faculdades Integradas Espírita/Atualize. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Surdo e Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: surdez, educação, ensino superior e língua de sinais.

E-mail: luciana.aguerosa@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2277630118477681>

Marcelo Lúcio Correia de Amorim

Analista de Sistemas (FSM, 2009), graduado em Letras/Libras (UFSC, 2012) e Mestre em Ciência da Computação (UFPE, 2012). Atualmente é Subchefe do Departamento e Professor no Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos da Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor de Libras III e VI no curso de Letras Libras Virtual (EAD) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Tem experiência nas áreas de Desenvolvimento de Softwares, Testes, Mídia e Interação, Educação a Distância e Libras, quanto no Ensino tanto na Tradução, tendo trabalhado e pesquisado com ambientes virtuais de ensino e aprendizado, linguagens de programação e estudos de Libras. Membro Suplente do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - CONADE. Coordenador de Acessibilidade do Nordeste da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS e Vice-presidente da Federação Pernambucana Desportiva de Surdos - FPEDS.

E-mail: mlca@ufc.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0220989437377850>

Maria Carolina Bonfim

Formada em Licenciatura em Letras/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina - Pólo UNICAMP. Assistente Administrativa em Hortolândia (SP). Membro da Associação de Surdos de Hortolândia (SP).

E-mail: carolbonfim_hello@hotmail.com

Marisol Gosse Bergamo

Especialista em Tecnologia Assistiva, Com Alternativa e Ensino de LIBRAS , graduada em Pedagogia com Habilitação no ensino de alunos com Deficiência da Audiocomunicação pelo CEUNSP . Possui aprovação no Prolibras - Exame Nacional de Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da LIBRAS/Língua Portuguesa/LIBRAS expedido pelo MEC/UFSC Atualmente é professora de LIBRAS no IFSP -Instituto Federal e Tutora de Pedagogia no Colégio Divino Salvador de Itu. Tem experiência na área de Educação de alunos com surdez e no ensino de LIBRAS.

E-mail: marisol.interprete@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8454826272874216>

Marli Miranda de Farias

Aluna do curso de Pedagogia da UNICAMP

E-mail: roledan@ig.com.br

Mateus Szente Fonseca

Aluna do curso de Estudos Literários da UNICAMP

E-mail: matuesszent@gmail.com

Mirian Lourdes F. dos Santos Silva

Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Anhanguera de Valinhos. Pós-graduada em Especialização em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Amparense. Graduada em Pedagogia pela Universidade

Estadual de Campinas. Professora do Ensino Fundamental I com Especialização em Alfabetização. Membro do GSE - Grupo Surdo de Estudos em Educação.

E-mail: britan@uol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0918644396800617>

Regiane Pinheiro Agrella

Professora efetiva na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar-São Carlos. Formada em Pedagogia com habilitação em Educação de Excepcionais - Deficientes da Audiocomunicação e Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP). Pós-graduada em Inteligência Multifocal e Psicanálise pela Faculdade Hoyler. Aprovada no Exame de Proficiência em Libras - Superior - PROLIBRAS. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, doutoranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas e professora de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS na PUC-Campinas e PUC-SP. Minha área de pesquisa é a aquisição de Classificadores da LIBRAS por crianças até 3 anos de idade. Além disso, venho desenvolvendo pesquisa sobre metodologias de ensino LIBRAS para ouvintes e surdos, atuando nos seguintes temas: Educação de Surdos, Inclusão, Tradução e Interpretação de LIBRAS, Linguística, Comunicação, Educação e Ensino de Libras da primeira língua e segunda língua.

E-mail: agrella2004@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5004919208680987>

Regina Maria de Souza

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Foi Coordenadora do Centro de Reabilitação Prof Dr Gabriel Porto da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP (hoje CEPRE), Chefe do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da UNICAMP e Diretora Associada da Faculdade de Educação da UNICAMP; Coordenadora Interina da Comissão de Extensão da Faculdade de Educação da UNICAMP sendo a redatora principal da Política de Extensão da mesma Faculdade. Coordenou o Pólo de Ensino a Distância Letras-Libras (Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais e Licenciatura Letras-Libras) em Convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina (2008-2012). É membro de comissões acadêmicas internas e externas à UNICAMP. Atualmente é professora assistente doutora da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Psicologia Educacional (abordagem psicanalítica), Linguística e Filosofia (Michel Foucault) atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão/exclusão; educação bilíngue; língua e identidade, língua de sinais, educação de surdos. É editora científica da revista eletrônica ETD - Educação Temática Digital (Qualis A) e parte da Comissão Científica das revistas Didaskomai - Revista de Investigaciones sobre la enseñanza e LSI - Lengua de senãs e interpretaci3n. Membro efetivo do

Grupo Gestor de Tecnologias na Educação, por indicação do Magnífico Reitor da UNICAMP. Representa a UNICAMP no Núcleo Educacion para la Integración da AUGM - Montevideú, Uruguai.

E-mail: reginalaghi@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2219005625132679>

Roger Lineira Prestes

Graduação em letras/libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010), curso incompleto em pós graduação da Educação Especial Processo inclusivo na UFRGS. Foi professor substituto na Universidade Federal Rio Grande do Sul Professor de Pós-Graduação na Universidade UNINTESE em Santo Angelo. Experiencia projeto politica pedagoga da Educação de surdos, professor de Libras. Atuando principalmente nos seguintes temas: educação de surdo, inclusão e educação. Departamento da Educação na FENEIS -Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Vice presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência RS Assessor do gabinete da Deputada Federal Maria do Rosário, comissão da politica Direitos Humanos, atuou coordenador setor Política Publica direitos da Pessoa com Deficiência.

E-mail: prof.prestes@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9653612532209180>

Tatiane Pinheiro de Souza

Aluna do curso de Letras da UNICAMP

E-mail: pstati1992@gmail.com

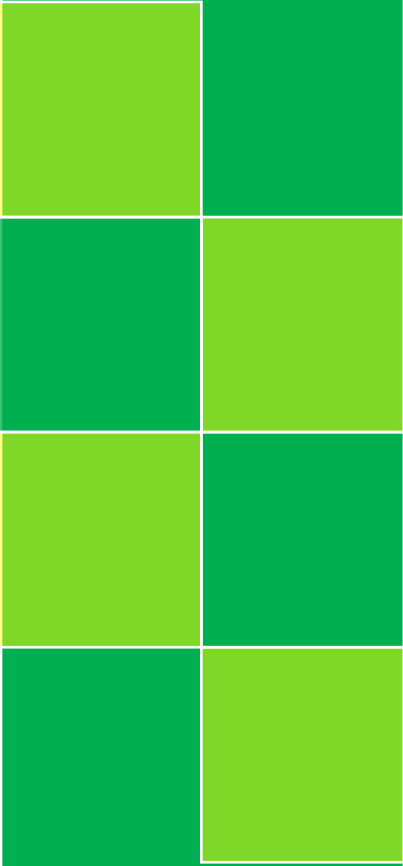
Vanessa Regina de Oliveira Martins

Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial pela PUCCAMP. Especialista em psicopedagogia institucional e clínica - Atualize/Unibem. Mestre em Educação pela UNICAMP, na área de concentração em Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação - grupo de pesquisa DIS (diferenças e subjetividades em educação). Doutora em Educação pela UNICAMP na área de concentração em filosofia e história da educação - pesquisa na área da surdez e interpretação da língua de sinais em contexto de ensino. Membro do Grupo de Estudos TRANSVERSAL. Professora de educação especial, concursada pela Prefeitura Municipal de Campinas, atuando como professora bilingue em uma sala regular de surdos que tem a Libras como língua de instrução. Áreas específicas de estudos e pesquisas (Filosofia, Educação, Surdez): educação de surdos e educação inclusiva; intérprete de língua de sinais em contexto de ensino; educação bilíngue; relações de poder e saber; diferenças.

E-mail: vanymartins@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4768682330164550>

SETEMBRO *Azul*



Apoio

